Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23241 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 16 MAIO 90 60$00

Eutanásia: a lei ignora a palavra

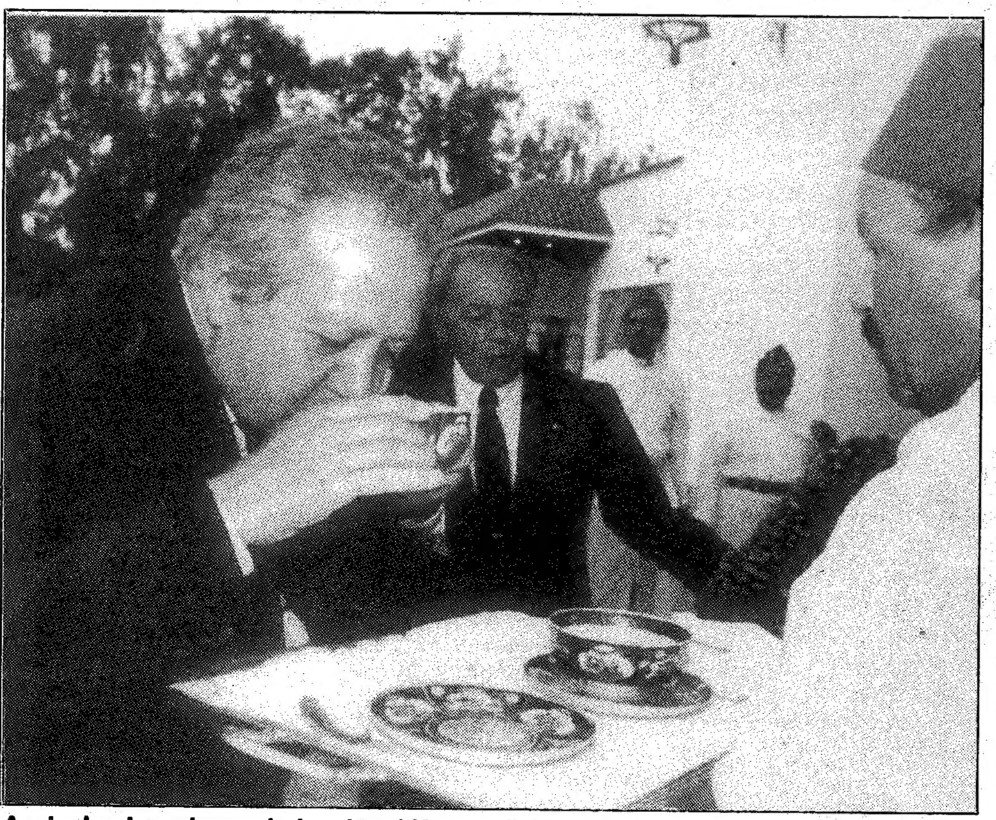
A lei portuguesa não contempla qualquer disposição explícita contra a eutanásia, limitando-se a disposições gerais respeitantes à inviolabilidade da vida humana ou a casos particulares de homicídio a pedido da vítima e de incitamento ou ajuda ao suicídio, ambos punidos com penas de prisão de três meses a seis anos.

Contudo, vê-se que este «crime» é punido, entre nós, de forma muito mais branda de que o homicídio (8 a 16 anos de prisão).

O que não impede que a esmagadora maioria dos clínicos se escudem na lei para assistirem, impotentes, à agonia dolorosa de um doente até que a morte o leve.

Em entrevista ao «DL», o juíz Álvaro Lopes Cardoso defende que a actual legislação legitima a eutanásia, desde que esta se destine a poupar o sofrimento a alguém em doença terminal irrecuperável: «a lei está feita, é uma questão de a interpretar».Uma posição bem diferente da de José Durão, consultor jurídico da Ordem dos Médicos, que entende não haver nenhuma diferença entre eutanásia e homicídio.

Págs. 16, 17 e 18



Lusa

Assinalando as boas vindas do rei Hassan II, o Presidente Mário Soares bebeu leite e comeu tâmaras à sua chegada a Rabat

Soares em Marrocos com Angola em fundo

Da nossa enviada especial Maria João Rocha

A questão angolana esteve esta manhã no centro das conversações entre Mário Soares e Hassan II, apurou o «DL», em Rabat, no segundo dia da visita oficial que o Presidente português está a efectuar a Marrocos. Nas últimas semanas, chegou a colocar-se a hipótese de Soares se encontrar com o líder da UNITA, Jonas Savimbi, naquele país.

Mas, segundo fontes contactadas pelo «DL», um telefonema ao mais alto nível entre o Presidente angolano, Eduardo dos Santos, e Hassan II terá inviabilizado a reunião.

Mário Soares reune esta tarde com o primeiro-ministro, Azzedine Laraki, e com representantes dos partidos políticos marroquinos. À noite, participa num jantar oferecido em sua honra por Hassan II.

Pág. 4

Alta Autoridade

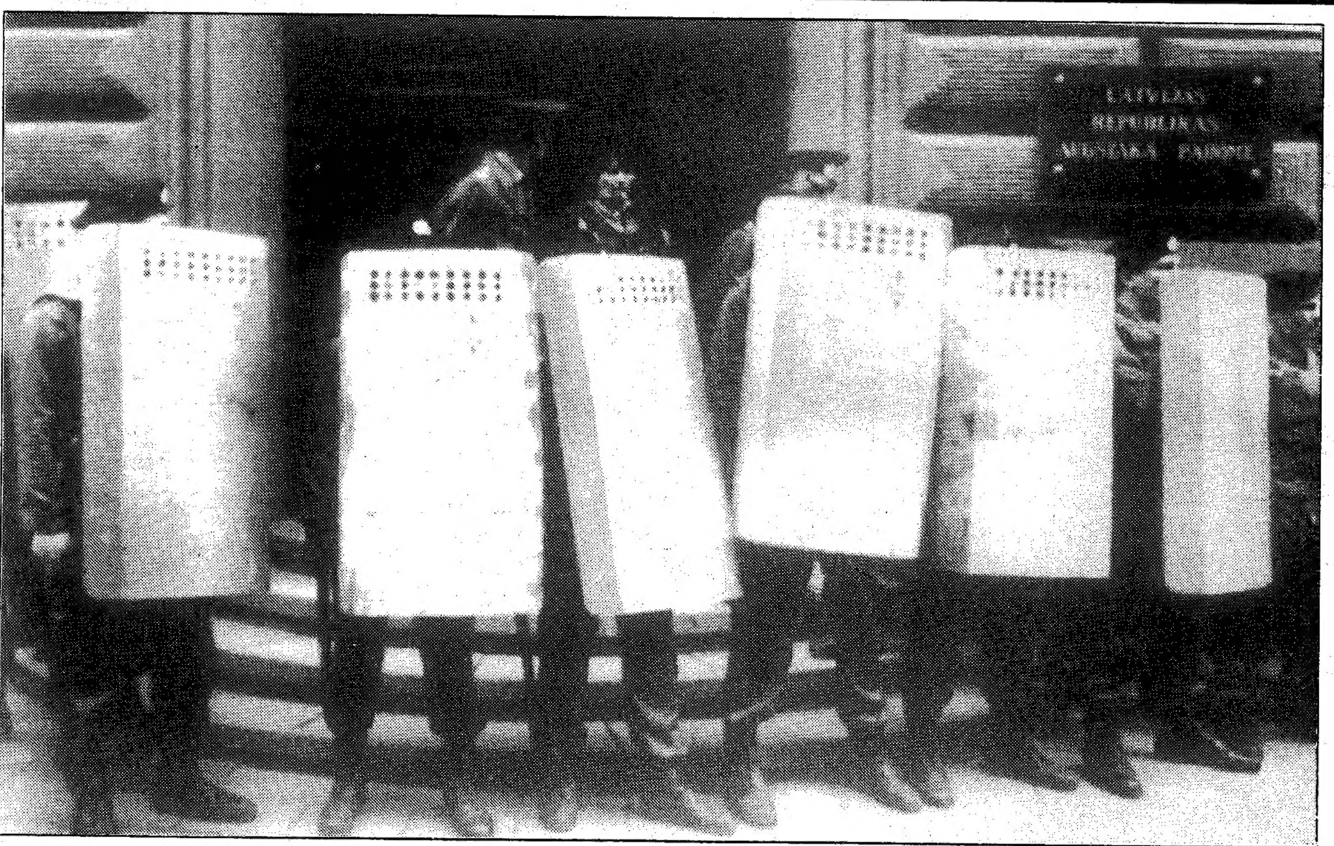
PSD derrota veto de Belém

O Presidente da República está agora obrigado a promulgar, dentro de oito dias, a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, em função do voto confirmatório, ontem expresso na Assembleia da República pelo PSD.

O veto de Mário Soares foi, assim, derrotado pela maioria parlamentar, mas produziu os seus efeitos políticos traduzindo o repúdio generalizado, principalmente dos jornalistas, por uma lei que vai marcar o tom da Comunicação Social, em particular da rádio e televisão privadas, nos próximos anos.

O novo orgão é composto por treze elementos, dez dos quais de nomeação ou cooptação pelo Governo ou o partido que o apoia.

Pág. 6



Epa

Letónia: assalto frustrado ao Parlamento A polícia de choque (na foto) carregou sobre soldados soviéticos e manifestantes de origem russa, que tentaram ocupar, pela segunda vez, o Parlamento da Letónia, num protesto anti-independentista.

Pág.10

Macau: e a China ali tão perto...

Soi dizer-se: «Se estiveres em Macau uma semana escreves um livro; se estiveres um mês, talvez escrevas um artigo; mas se estiveres um ano, não escreves nada». Diana Andringa, directora-adjunta do Diário de Lisboa, esteve seis dias em Macau e organizou um suplemento destacável de 48 páginas que publicaremos com a edição de amanhã.

DL

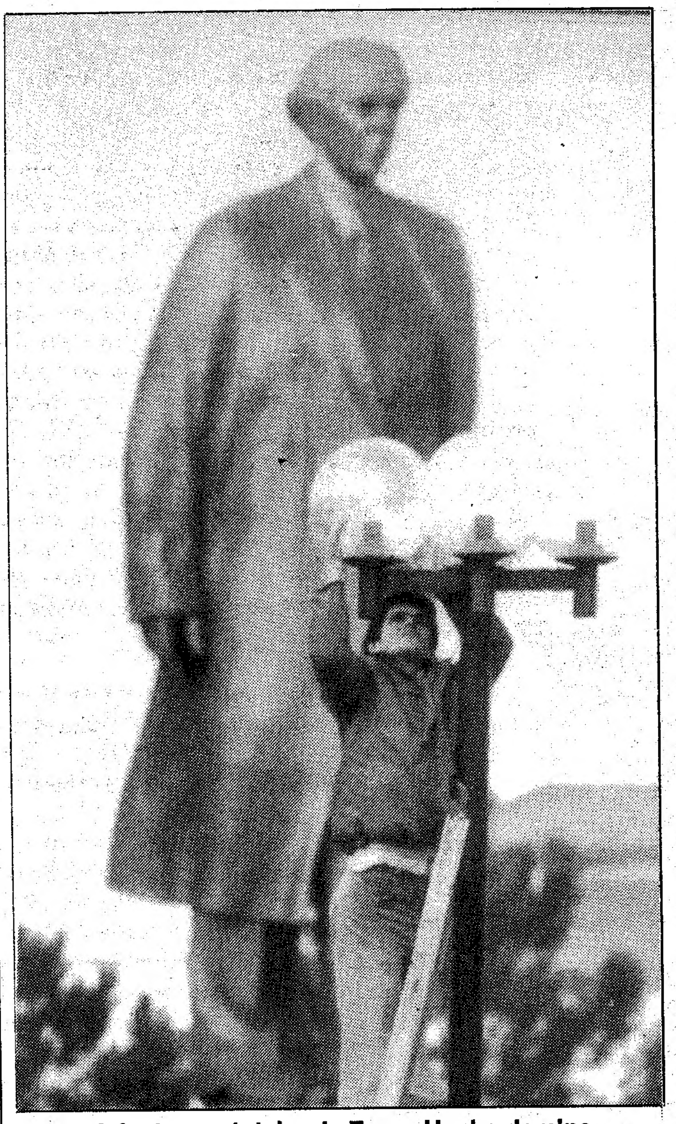
Timor-Leste e a retirada americana das Filipinas
Pág. 11

Psiquiatras defendem política de Beleza
Pág. 14

Rádios regionais vão «abafar» as locais?
Pág. 13

O DL à fala com Rui Cunha (PS)
Pág. 5

Com as recentes medidas de abertura, o Presidente Ramiz Alia parece ter aplacado a tempo uma potencial ruptura entre a população e o seu Estado, mas imensos problemas já se perfilam no horizonte próximo



O fantasma tutelar de Enver Hoxha domina o quotidiano dos albaneses. Na foto, uma gigantesca estátua do mítico líder, numa das principais artérias da capital

Albânia à espera da «desinthoxhização»

GRANDE ANGULAR

Ninguém, nem mesmo quem ainda alimenta secretas atracções pela «pureza revolucionária», se sente tão verdadeiramente estrangeiro quando a Albânia surge a propósito. É que o «farol do socialismo», completamente opaco do lado de fora, funciona mesmo ao contrário. Há 46 anos que, projectando a sua luz brumosa para o lado de dentro, fulmina de perplexidade os poucos que se lhe acercaram. Perez de Cuellar não disse, mas, provavelmente, percebeu que qualquer prognóstico relativamente à Albânia é, no mínimo, desnorteante.

Até 1985, ano da morte de Enver Hoxha, que concebeu e dirigiu a Albânia a partir de um punhado de destroços da Segunda Guerra Mundial, o alibi isolacionista alicerçava-se oficialmente tanto «no cerco dos países capitalistas como dos revisionistas». Criado sob supervisão jugoslava, o Partido do Trabalho (comunista) albanês - que, em Yalta, Estaline quase ignorou parecendo na altura estar certo de que a Albânia seria a sétima república da Federação Jugoslava - atira-se para os braços da URSS quando, em 1948, Estaline excomunga o PC jugoslavo. Em 1961, Nikita Kruschev, criticando o estalinismo e recomendando à Albânia que encontrasse um *modus vivendi* com a Jugoslávia, o idílio acalentado por Hoxha, que só esteve com o seu mentor espiritual uma vez, em 1947, desmorona-se irremediavelmente. Incapaz de regressar à protecção de Tito, Hoxha vira-se então para a China, apostando numa nova ortodoxia com alguns laivos de dependência, que passou por um empréstimo de cinco milhões de dólares e vários acordos de cooperação técnica.

Mas estes novos laços também se distenderam. A atracção da China pelos «tigres de papel» norte-americanos e a própria fragilidade de uma aliança em que os interesses mútuos pareciam maquilhar o despeito contra a URSS, deixaram a Albânia e o seu líder mítico entregues à memória de um quarto de século de devaneios. É nesta fase que um certo «fundamentalismo» desponta nas últimas obras de Hoxha, sob a forma de uma autocracia com reflexos místico-islâmicos, consentâneos aliás com a verdadeira tradição cultural albanesa, que já no começo do século fora o último suporte do Império Otomano na Europa.

Quando, por morte de Hoxha, Ramiz Alia assumiu o Poder, esperava-se que, face ao radicalismo deste isolamento e a dificuldades económicas crescentes, a Albânia se abrisse ao exterior. Tal expectativa não foi totalmente gorada, embora não se pudesse pensar «desinthoxhização».

Mesmo assim, o país estabeleceu há dois anos relações comerciais e acordos técnico-industriais com a Itália, Grécia, Turquia, Alemanha Ocidental, Áustria, Espanha e Canadá. Após recusar-se a fazê-lo durante décadas, a Albânia enviou, em 1988, um representante à reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos, em Belgrado. E, para cúmulo inaudito, a dois dias da visita de Cuellar, anuncia uma série de mudanças (ver caixa), entre as quais se destaca a reinstituição do Ministério da Justiça - de que quatro titulares foram condenados à morte e executados entre 1944 e 1982 - a redução de crimes punidos com a pena capital e o abrandamento das restrições à prática religiosa.

Este punhado de «reformas» lançado por Alia pretende assim responder às dificuldades económicas expressas no relatório apresentado pelo próprio líder albanês ao IX Congresso do partido, em Novembro de 1986. Perante o fracasso do plano de cinco pontos referente ao quinquénio de 1981/85, cujos objectivos na maioria dos sectores de actividade foram realizados a menos de 50 por cento, enquanto o crescimento económico descia de 4,3 por cento em 1976/80 para três por cento em 81/85, a abertura ao exterior tornou-se uma necessidade premente.

Em termos práticos, a Albânia passou desde então a poder adquirir à China peças para navios e barragens e à União Soviética tractores e outra maquinaria pesada.

Internamente foi decidido que os estímulos pecuniários - e não só os ideológicos - teriam certo peso nas remunerações e no aumento de fundos para despesas sócio-culturais das empresas.

Paralelamente, procurou-se incentivar a agricultura, que ocupa cerca de 60 por cento da mão-de-obra albanesa. aumentou-se o rendimento per capita dos camponeses, a fim de suster o êxodo rural e proporcionar, no plano alimentar, uma produção suficiente às necessidades básicas internas.

Quanto à indústria, o progresso é igualmente questionável, dado o estado em que se encontra o parque industrial do país. Só a extracção mineral (níquel, cobre e, sobretudo, crómio, responsável por 50 por cento do rendimento nacional em divisas convertíveis) tem condições para ser intensificada.

Problemas despontam no horizonte

Por outro lado, outros problemas internos despontam num horizonte próximo, agravados pelo crescimento demográfico. Entre 1945 e 1987, a população albanesa cresceu de um para três milhões. A esperança de vida aumentou de 38 para 71 anos - o que, pelo menos, demonstra a eficácia do sistema da Saúde, mesmo se considerarmos que o aborto é severamente punido e que todos os números relativos à Albânia devem ser manuseados com cautela.

Na próxima década, calcula-se que cerca de 220 mil jovens baterão anualmente à porta do mercado de trabalho. Talvez por isso, a «sociedade civil», moldada ideologicamente, colida no futuro com a inadequada resposta das bizantinas dissertações oficiais sobre a moral revolucionária.

Para já, Alia parece ter aplacado a tempo um potencial ponto de ruptura entre a população e o seu Estado, ao cancelar a proibição de manifestações religiosas. Sublinhe-se que neste pequeno país, dominado por uma intricada con-

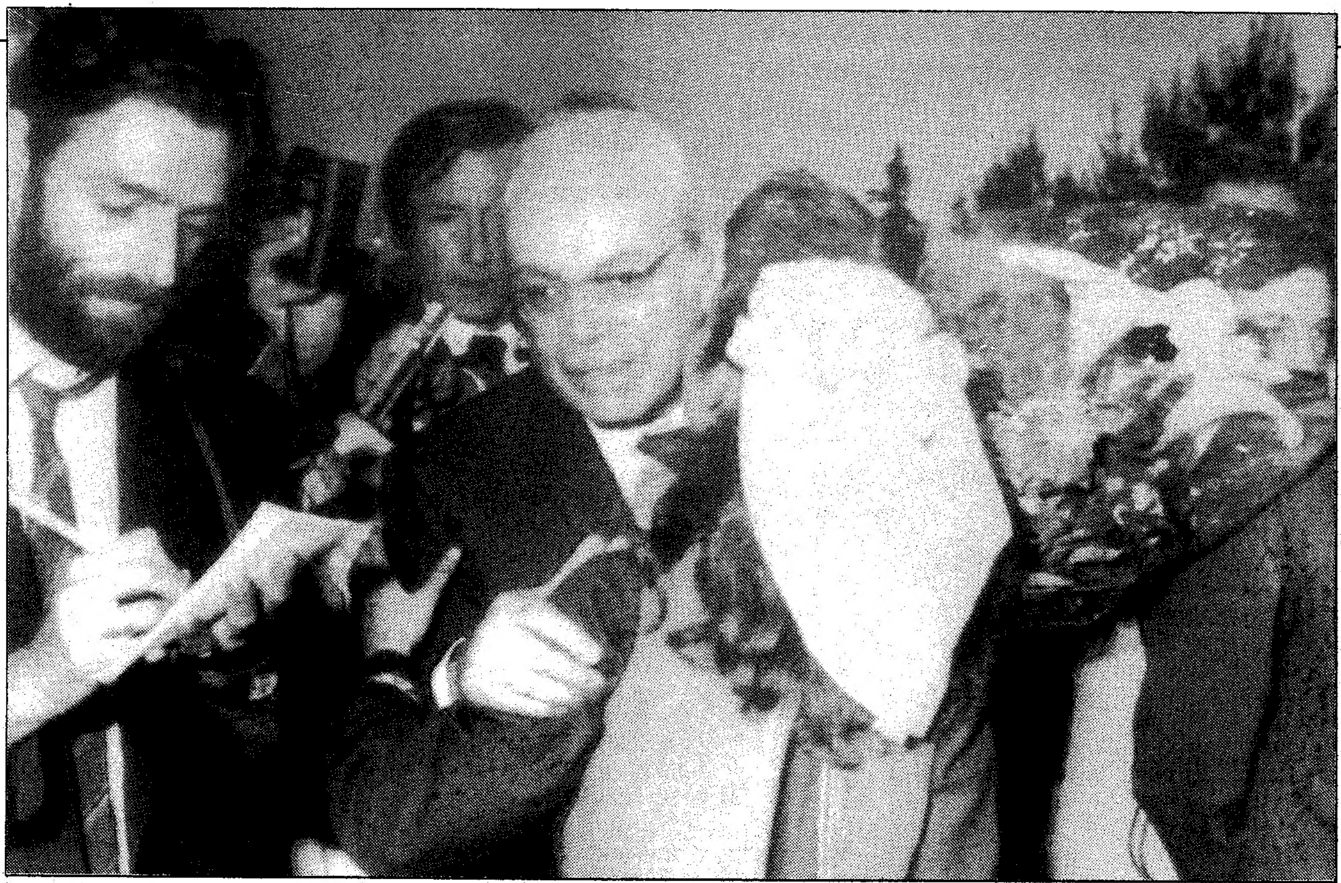
Ramiz Alia, actual líder da Albânia

República Popular Socialista da Albânia

Capital:	Tirana	
Superfície:	28 748 km²	
Regime		
Natureza política:	Comunista, Partido único (PTA)	
Chefe do Estado	Ramiz Alia	
Chefe do governo	Adil Carcani	
Moeda:	Lek (1 lek=45 escudos)	
Língua:	Albanês	
Demografia		*
População:	3,14 milhões	(10,41)
Densidade:	109,2 hab/km²	(113,10)
Crescimento anual (1985-90):	1,8 por cento	(0,30)
Mortalidade infantil:	39 por mil	(15,00)
População urbana:	34,8 por cento	(32,40)
Cultura		
Escolaridade secundária:	70 por cento em 1986	(54)
Superior:	7,2 por cento em 1986	(12,60)
Televisores:	80 por mil habitantes em 1986	(157)
Livros publicados:	959 títulos publicados em 1986	(10 782)
Número de médicos:	1,05 por mil habitantes em 1987	(2,4)
Economia		
PML**	3,87 mil milhões de leks	
Crescimento anual:		
1980-87	3,4 por cento	
1988:	2,5 por cento (só prod. industrial)	
por habitante:	1217US$	
Dívida exterior:	0	
Despesas militares em 1986	4 por cento do PML	

* Estatísticas equivalentes para Portugal
(não faz sentido comparar o PNB português e PML albanês)

** Produto Material Líquido (PML) é a soma do valor acrescentado da produção «material», isto é, exclui-se da contagem os serviços «não produtivos» (saúde, educação, comércio, etc.).



Perez de Cuellar recebe um ramo de flores à chegada ao aeroporto de Tirana

vergência de culturas, existem significativas minorias cristãs (ortodoxa a sul e católica a norte). Além disso, no caso desta última, sobrepõe-se a questão linguística, pois o albanês, imposto como língua oficial após a Segunda Guerra Mundial, provém do dialecto do sul, de onde eram originários os dirigentes comunistas. O dialecto do norte foi simplesmente proscrito. Estes factores, em que os ânimos ocidentais radicaram uma certa esperança de oposição interna, não chegaram, no entanto, a adquirir expressão significativa, nem sequer através das críticas que Foto Cami, responsável pelo pelouro cultural do partido, tem vindo a levantar, nem ainda os rumores infundados de contestação política no norte da Albânia, que a agência jugoslava Tan_jung difundiu há dois meses.

Resta um aspecto que noutros países socialistas foi determinante e que, aos olhos internacionais, parece impossível que não se faça sentir na Albânia: as reformas em curso no Leste. Esperou-se que, pelo menos, nos sectores intelectuais, incluindo os do partido (para quem uma certa perestroika seria um meio de apaziguar anos de compromisso mais ou menos doloroso com o regime) algo assinalável acontecesse. Quando o célebre Ismail Kadaré, romancista ainda na berra nos meios parisienses, publicou na revista albanesa «Ditra» um artigo (que veio a ser reproduzido, primeiro no «Libération» e, depois, numa catadupa de jornais estrangeiros) incidia particularmente no respeito pelos Direitos Humanos, com alusões indirectas à famigerada Sigurimi, as esperanças renasceram. Mas até esse fenómeno estagnou a meio, como aliás prova o tom prudente de uma recente entrevista do escritor ao semanário «Expresso».

Resta enfim a questão de Kosovo, na vizinha Jugoslávia, onde uma minoria albanesa se bate heroicamente contra o domínio sérvio. Dificilmente o actual regime conseguirá manter a atitude de não ingerência ou de colaboração subreptícia com a Jugoslávia, a quem vem entregando os combatentes do Kosovo refugiados no seu território. Talvez antes que a problemática envolva irremediavelmente a Albânia num conflito com a Jugoslávia, Ramiz Alia, cujos pais eram originários do Kosovo, consiga levar por diante o pequeno indício de liberalização agora apresentado a Cuellar, como cartão de visita. Para tal, teria que marginalizar os conservadores mais ortodoxos, que parecem ser liderados por Nexhmije Hoxha, viúva de Enver, directora do Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas e estreitamente ligada à milícia de segurança albanesa, a Sigurimi.

Marina Tadeu/ Pedro de Souza

O retrato de um rei no exílio

«Sou o rei no exílio e creio que um dia regressarei», estas são palavras do homem que poderia ser o rei da Albânia. Leka I, exilado durante quase todos os seus 50 anos, sonha com o regresso à pátria que ele mal conhece.

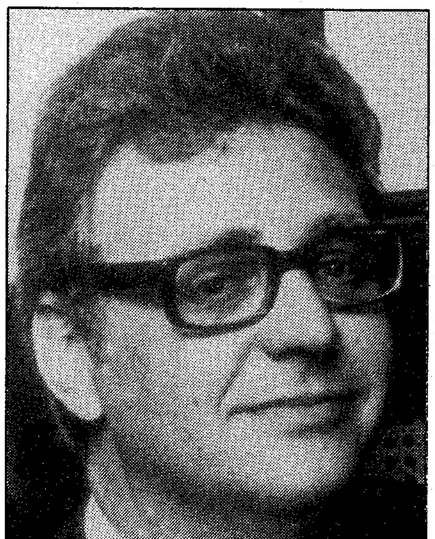
Se houver uma revolução, Leka afirma com orgulho em seguir os passos do seu pai, o monarca auto-proclamado rei Zog I. Se o povo não quiser um rei, Leka procurará uma oportunidade para regressar ao país do qual foi levado em 1939, com apenas três dias, para escapar às tropas invasoras.

O pai de Leka, chefe de um clã albanês, tornou-se primeiro-ministro da Albânia em 1922, quando apenas tinha um pouco mais de 20 anos. Em 1928, a Assembleia Nacional deu-lhe um título que pode ser traduzido por «príncipe», segundo constata o registo Burke de famílias reais, com sede em Londres. Zog proclamou-se «Sua Majestade o Rei Zog I» e a Constituição do país decretou que o seu filho lhe sucederia. Zog morreu em França em 1961 e Leka foi coroado pelo governo albanês no exílio.

O exílio

Leka e a sua mulher australiana, a rainha Susan, deixaram Espanha em 1979, quando os países comunistas exerceram pressões sobre o governo de Madrid.

O monarca afirma que o governo albanês, preocupado com o apoio que ele detinha dentro e fora do seu país, instigou as pressões.



Rei Leka I

Leka, que tem 2,10 metros de altura, viveu desde então em sete países, fala oito línguas e diz sentir-se em casa «em qualquer lado onde tenha a minha família e os meus cães». Hoje vive numa casa rústica em Joanesburgo onde, durante reuniões que aí realiza, usa uma pistola e uma faca de combate assim como um escudo albanês pregado no colarinho da sua camisa tipo militar.

As paredes de sua casa estão revestidas de colecções de armas que incluem zarabatanas da Nova Guiné, um estudo de camuflagem contra rinocerontes da Etiópia, espadas com longas lâminas da Tailândia e lanças zulus.

Oposição activa

Embora admitindo que mais de quatro décadas de regime repressivo tornam necessariamente difícil mobilizar as forças da oposição, Leka não desiste e utiliza vários métodos para infiltrar-se na Albânia. Através de emissoras de rádio situadas na Jugoslávia (Kosovo), da Rádio Moscovo e da Voz da América, o homem que nunca foi rei apela aos albaneses no interior e no exterior do país para se erguerem contra «o regime tirano e ateu que há tanto tempo desgoverna a querida pátria».

Porque a Albânia é uma sociedade extremamente fechada, não é possível avaliar com precisão o apoio de que Leka dispõe. Mas ele acredita que pode servir como uma força unificadora entre os albaneses que se opõem ao regime comunista. Leka, que também é homem de negócios, viaja com frequência para manter contactos com os cerca de três milhões de albaneses de origem que vivem fora do país, número quase igual ao dos que vivem no interior.

No entanto, e por agora, Leka pode fazer pouco mais do que ter esperança e aguardar. Mas a convicção de Leka quanto aos seus direitos de nascimento é inabalável. «Sou o rei no exílio e creio que um dia regressarei.»

COMENTÁRIO

Uma tentativa de sobrevivência

Após as reviravoltas que, em cadeia, alteraram profundamente a geografia política do Leste europeu, os olhos viraram-se para a Albânia. Ali tudo permanecia, aparentemente, como sempre esteve, desde que o país se transformou no «farol do socialismo». A par da intangibilidade das directivas ideológicas do «faroleiro» Hosha, o marasmo, a indigência generalizada e a passividade das pessoas era a nota dominante. O santuário da «pureza comunista», cristalizado na sua ideologia, em grande parte inspirada em Mao, prometia mil anos de vigência, contra todos os raios e coriscos da História. No entanto, os albaneses da vizinha Jugoslávia movimentavam-se, reivindicavam. E o eco da sua luta chegava em surdina ao minúsculo país balcânico, instalando a inquietação entre os dirigentes, ameaçados a médio prazo nos seus *bunkers*, que começavam então a tornar-se vulneráveis.

Foi assim que, timidamente, o novo líder albanês, Ramiz Alia, sabendo que «o ataque é a melhor defesa», lançou uma pedra no charco. «Não se podem resolver problemas novos recorrendo a velhas soluções».

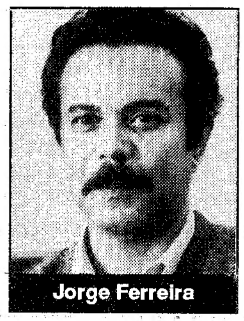
As pequenas «reformas» sucederam-se desde então, sobretudo no domínio económico. Contrariamente a Moscovo, onde a prioridade foi para a política, Tirana decidiu optar pelo desenvolvimento económico-social. Há já alguns meses que várias companhias aéreas estabeleceram ligações regulares com Tirana e as realidades locais passaram a ser melhor conhecidas. A legislação do país sofreu algumas alterações no que toca aos direitos humanos. Já se fala na criação de um Ministério da Justiça (embrião de um Estado de Direito?). Actualmente, a descentralização está também na ordem do dia, tanto no domíno agrícola como no industrial. São os primeiros sinais de uma abertura de certo modo esperada.

O que se passa na Albânia não é ainda uma reforma decisiva no sentido da democracia. Mas é bom sintoma que ali as coisas tenham começado a mexer (tenha-se presente o caso da Alemanha Oriental, onde de cedência em cedência, se chegou ao derrube do célebre Muro e... à actual de pré-unificação com a RFA).

A recente visita do secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, foi possível graças a este clima, que se pode apelidar de pré-mudança. Cuellar acredita nas intenções dos novos líderes albaneses e estes sabem que já não podem mais adiar o país, que é o mais pobre da Europa. Por outro lado, a lição patenteada pelos acontecimentos ainda bem frescos diz que não há barreiras, nem cortinas de ferro, que possam resistir à vaga de fundo que envolve a Europa e, até, o mundo.

As pedras foram já colocadas no tabuleiro. O jogo, esse ainda não começou propriamente. Não se sabe ainda se a partida será decidida entre os «reis», ou se os peões terão a sua palavra a dizer. Mas é convicção nossa que, uma vez que a torneira começou a verter, a situação não mais voltará ao *status* anterior. Muitas resistências terão de ser vencidas, muitas convulsões poderão até ser o preço a pagar pelos que em tantos anos ansiaram, em silêncio, uma pátria mais humana.

Mas o que importa agora reter é que, também na Albânia, começa a soar a hora da mudança. Os mortos, mesmo que tenham o nome de Enver Hoxha, não poderão continuar a comandar do túmulo o futuro de um povo longamente sacrificado. Chega pois a hora dos vivos construírem o futuro em consonância com os imperativos e as necessidades do presente.



Jorge Ferreira

Mário Soares em Marrocos

Angola ocupa conversações

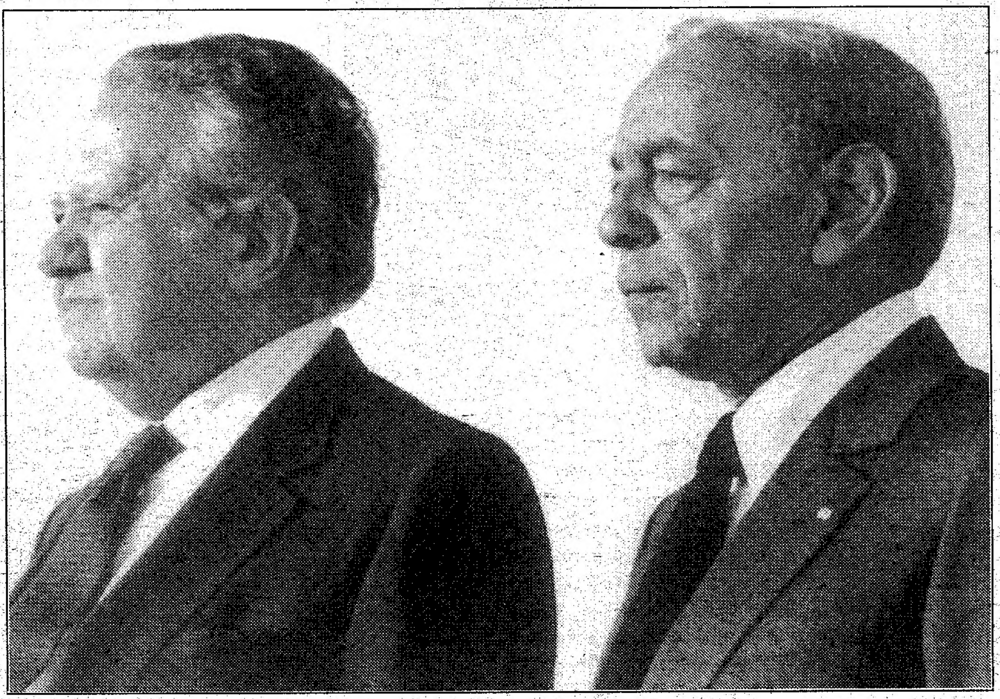
Da nossa enviada especial

O Presidente da República, Mário Soares foi recebido esta manhã, em privado, pelo rei Hassan II. À hora de fecho do «Diário de Lisboa» ainda não eram conhecidos os resultados das conversações entre os dois chefes de Estado, mas o «DL» soube junto de fontes oficiosas que Angola é um dos temas em debate.

Nas últimas semanas chegou a colocar-se a hipótese de Soares se encontrar com o líder da Unita, Jonas Savimbi, em Marrocos, mas segundo fontes contactadas pelo «DL» um telefonema ao mais alto nível entre o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos e Hassan II terá inviabilizado esta reunião.

Mesmo assim, continua a falar-se de um hipotético encontro entre Soares e um alto responsável da Unita, embora fontes próximas do movimento opositor ao Governo de Angola tenham afirmado ao «DL» que «a realizar-se qualquer reunião seria sempre entre Soares e Savimbi e nunca com um representante do dirigente da Unita».

A mesma fonte salientou que os representantes do movimento angolano em Marrocos têm estado a trabalhar empenhadamente num *dossier* sobre este país africano de expressão portuguesa, junto de Hassan II.



O Presidente Mário Soares e o rei Hassan II escutam os hinos nacionais à chegada a Rabat

O tradicional bom relacionamento do monarca marroquino com o MPLA e a Unita permite-lhe desempenhar um papel fundamental na mediação do conflito. Aliás, a estratégia política de Hassam, nesta matéria, passa por retirar, ou pelo menos, compartilhar com Mobutu, presidente do Zaire, o estatuto de mediador privilegiado e, nesta perspectiva, Mário Soares é um elo fundamental.

A recepção extremamente calorosa que aguardava Soares à chegada a Marrocos e as honras com que Hassan II brindou o chefe de Estado português são elementos reveladores do empenhamento do monarca marroquino nesta visita de estado. São, também, uma forma indirecta de Mário Soares responder às declarações do primeiro-ministro português, que numa recente conferência de Imprensa recordou ao Presidente que só ele, Cavaco Silva, era responsável pelo sucesso das negociações entre a Unita e o MPLA, em Lisboa.

Tâmaras, leite e flores

Centenas de milhares de pessoas, com bandeiras portuguesas e fotografias de Soares e Hassan II desenharam cinco quilómetros que ligam o aeroporto de Rabat à Avenida Mohamed V. Na Praça do Correio, coberta pelos tradicionais tapetes marroquinos, o Presidente português ouviu os cânticos de largas dezenas de marroquinos, de todas as idades, recebeu pétalas de flores, enquanto do carro descapotável acenava em agradecimento à alegria contagiante da população. Quase parecia uma Presidência Aberta, só que com novas roupagens e uma outra cultura, mais rígida para os entusiasmos populares do Presidente.

Durante cerca de vinte minutos a Praça agitou-se numa onda de cor, aromas e sons. Depois tudo parou rapidamente. Os tapetes foram retirados do chão, as pessoas afastaram-se lentamente do local e o som que ficou da festa era o dos risos das crianças que tinham acenado com bandeirinhas aos chefes de Estado dos dois países. O barulho normal da cidade foi conquistando espaço, enquanto as cerimónias oficiais se transferiam para o Palácio dos Convidados.

O cheiro inconfundível do chá de menta, as oferendas de leite e tâmaras e mais uma vez as pétalas de flores misturadas com o colorido dos tapetes foram, de novo, os cartões - de - visita da recepção oferecida por Mário Soares aos chefes das missões diplomáticas acreditados em Rabat, que tinham aguardado a chegada de Presidente no aeroporto.

A mistura de tonalidades fascinou a pintora Graça Morais, que anunciava estar a registar todas as sensações e cores para depois as reproduzir em tela.

Maria João Rocha

Cooperação em Casablanca

Casablanca, cidade mitificada pelo cinema, é hoje palco de acontecimentos mais pragmáticos. Sinais do tempo. Esta manhã, a delegação de empresários portugueses encontrou-se com os principais empresários marroquinos no Banco Comercial de Marrocos.

A cerimónia foi assinalada com a assinatura de um protocolo de cooperação entre o BCM e o Banco de Fomento Exterior. Esta tarde vai ser assinado outro protocolo entre o representante da Autosil e o Bureau de Reserches et Participations Miniéres. A delegação dos empresários portugueses regista duas ausências importantes: a do representante da Marconi e de Américo Amorim, homem que nos últimos tempos tem intensificado o relacionamento comercial das suas empresas com Marrocos. No caso da Marconi estava prevista a assinatura de um protocolo com o organismo que tutela as telecomunicações marroquinas, o Office National des Postes et Télécommunications, mas a ausência do empresário português levou ao adiamento da sessão. Amanhã, terá início o seminário dedicado ao debate dos problemas que impedem que a cooperação bilateral se desenvolva. Trata-se de uma iniciativa da Câmara de Comércio e Indústria de Grande Casablanca e da Câmara de Comércio Luso-Marroquina, entidade responsável pelo reforço das acções de cooperação a diversos níveis entre Portugal e Marrocos.

M.J.R.

«O Diário» em pé de guerra

Em vésperas do XIII Congresso do PCP, a direcção de «O Diário» está em pé de guerra. Uma fonte comunista reafirmou ao «DL» que a direcção daquele diário se encontra demissionária, visto ter vindo a ser ostensiva e constantemente preterida em favor de jornalistas mais afins com as posições do partido. A onda de mal-estar tende a alastrar-se a outros profissionais daquele órgão de informação, que poderão adoptar posições simbólicas em sinal de solidariedade para com a direcção.

Até à hora do fecho desta edição não conseguimos contactar António Borga, o director do jornal. Entretanto, a mesma fonte afirmou que, desde há algum tempo, o director de «O Diário», e mais um conjunto de elementos da direcção tidos como «maleáveis» junto dos sectores críticos do partido, têm sido ignorados nos contactos estabelecidos com Jorge Araújo, responsável no PCP pelo sector de Informação e Propaganda. Uma *troika* mais «ortodoxa» - Alberto Villaverde Cabral, editor-chefe do Internacional, José Goulão, editor do Internacional, e Miguel Urbano Rodrigues, ex-director do diáric - terá, por seu lado, conseguido assumir um papel de liderança no jornal.

A controvérsia é tanto maior quanto ontem Domingues Abrantes, em Conferência de imprensa, anunciou a redução para oito do número de delegados por inerência escolhidos pelo Comité Central, que, pelo regulamento do Congresso, poderia ser de um por cento, ou seja, atingir 20 elementos. Não será por acaso que entre os excluídos se encontra António Borga.

Aliás, em todos os Congressos, desde 1979, Miguel Urbano Rodrigues esteve presente como director de «O Diário» e o próprio António Borga participou na mesma qualidade no anterior conclave. O órgão máximo do partido entre congressos baseou-se em dois argumentos para a exclusão: o de que o director de «o Diário» tinha ficado de fora visto este não ser um órgão de comunicação do partido, além de que era necessário reduzir o número de delegados escolhidos pelo CC, pois esta prática havia sido criticada por vários militantes ligados aos sectores renovadores.

Paula Sá

Presidente desfaz equívocos

Em política externa Portugal só tem uma voz

O Presidente da República afirmou ontem, na conferência de imprensa conjunta com o Presidente da África do Sul, que «em política externa Portugal só tem uma voz».

Fez questão em sublinhar esta afirmação, chamando mesmo a atenção do tradutor quando este se esqueceu de traduzir a frase na íntegra.

Respondendo a uma pergunta sobre se esta afirmação poderia significar a existência de disputas quanto a essa voz, Mário Soares refutou tal conclusão e disse concordar inteiramente com o primeiro-ministro quando este diz que é tempo de levantar as sanções à África do Sul.

«Claro — sublinhou o Presidente da República — que a posição do primeiro-ministro e a minha têm como pressuposto, que a política de reformas vai prosseguir e o *apartheid* vai ser desmantelado.»

Soares agradeceu a visita do Presidente sul-africano que, recordou, «além do mais vai relançar as relações políticas e económicas entre os dois países».

Em resposta a diversas perguntas sobre as sanções económicas, Soares disse que sempre tivera grandes reservas quanto à sua eficácia por «desde a guerra civil de Espanha se verificar a sua inadequação».

Frederik De Klerk, por sua vez, reafirmou as posições já expressas, quer nos seus discursos quer em anteriores declarações, designadamente sobre as reformas no seu país, que considera irreversíveis, e sobre o fim do *apartheid*.

O Presidente sul-africano referiu-se aos contactos que teve com personalidades de diversas correntes políticas em Portugal e afirmou que a primeira conclusão a tirar da sua visita é a existência de um grande consenso quanto à política que está a ser seguida no seu país.

Sobre as negociações para a elaboração da nova constituição, o Presidente Frederik de Klerk salientou que o essencial ainda não está sobre a mesa pelo que não é possível existirem todos os consensos.

«Queremos uma página limpa à partida e que não haja discriminação nem domínio de uma maioria sobre uma minoria.» Ainda sobre as sanções aplicadas à África do Sul, De Klerk salientou que elas limitam os programas de desenvolvimento da população negra empreendidos com imaginação pelo seu Governo.

Mário Soares, que aceitou o convite do seu homólogo para visitar a África do Sul, questionado sobre se tencionava efectuar essa visita antes ou depois de eliminado o *apartheid*, respondeu que aceitara o convite pelas vias diplomáticas, através do Governo, e que a data da visita seria depois acertada.

Entretanto, o Presidente sul-africano, em resposta a outra pergunta colocada por um jornalista moçambicano sobre alegados fornecimentos recentes de armas à UNITA, negou tal facto, afirmando que a posição do seu país em relação a Angola se orienta no sentido da reconciliação entre os angolanos.

Redacção «DL»

PCP: teses «resistem» à consulta das bases

Abrantes e Carvalhas no encontro com a Imprensa: não há fumo sem fogo?

Eurico Vasconcelos

Vítor Dias, Domingos Abrantes e Carlos Carvalhas, *troika* em ascendência no PCP

Domingos Abrantes e Carlos Carvalhas estiveram ontem presentes na conferência de Imprensa convocada pelo PCP para divulgar as bases da proposta de resolução política a submeter ao congresso extraordinário do próximo fim-de-semana, o que é interpretado como reflectindo o ascendente de ambos na orgânica interna do partido.

Os dois membros do Comité Central (acompanhados de Vítor Dias, habitualmente presente nestes encontros), estão entre os dirigentes apontados como prováveis secretários-gerais adjuntos. A última vez que Abrantes dirigiu uma conferência de Imprensa foi durante a estada de Cunhal em Moscovo, para observação médica, há cerca de um ano. Quanto ao deputado europeu, a sua presença nestas iniciativas é ainda menos frequente.

Abrantes recomendou aos jornalistas que não tirassem «ilações precipitadas» da composição da mesa, salientando que uma decisão final nesta matéria só será tornada pública no domingo, já no decorrer do congresso. Para o efeito, o Comité Central reunirá no sábado à noite.

Essência das teses não foi afectada

A partir da declaração proferida ontem por Domingos Abrantes, ainda que generalista, é possível inferir que, concluído o trabalho da comissão de redacção da proposta de resolução política, o texto base sofreu poucas alterações.

A consulta às bases apenas permitiu «maior rigor, profundidade e acerto de análise». Muito provavelmente porque o critério base de apreciação das propostas de alteração consistiu no respeito pelos princípios expendidos nas teses, como reconheceu o dirigente. Ou seja: propostas que alinhassem interpretações diferentes dos fenómenos políticos dificilmente poderiam ter «passado».

De acordo com a decisão do CC, porém, a comissão de redacção deverá apresentar ao congresso um relatório que incluirá as propostas não aceites. Nesse contexto entrarão, provavelmente, as ideias expendidas por José Luís Judas no documento apresentado à Imprensa.

Feitas as contas, o texto definitivo continua a interpretar os acontecimentos a Leste como resultantes de «erros e desvios» ao ideal marxista-leninista, embora, segundo foi ontem revelado, acentue «o tom autocrítico em relação às responsabilidade do partido na falta de distanciamento em relação a certos fenómenos negativos».

O posicionamento crítico do PCP em relação à CEE também não sofre alterações, limitando-se a exigir do Governo português uma atitude de defesa consequente dos interesses nacionais no quadro comunitário. Os comunistas deixam de responsabilizar a UGT em si pela divisão do movimento sindical, atribuindo antes tal atitude «às forças que estiveram na origem» daquela central. Tal formulação está, naturalmente, muito longe de corresponder ao propósito de unidade orgânica da CGTP e da UGT em tempos reclamado por Torres Couto.

Aliás, o partido não mudou a sua posição relativamente à proposta: «Torres Couto propôs engolir a CGTP», reafirmou Domingos Abrantes.

Redacção «DL»

Frente à Embaixada australiana

JS promove concentração

Com uma concentração frente à embaixada da Austrália, entre as 19 e as 20 horas de amanhã e com a entrega de uma carta de protesto contra o «Timor Gap», o acordo celebrado entre a Austrália e a Indonésia para a exploração de petróleo no mar de Timor, a Juventude Socialista, pretende chamar a atenção para situação que se vive naquele território. Na acção da JS estarão presentes elementos das organizações de timorenses em Portugal.

Além desta iniciativa, divulgada no passado sábado após a primeira reunião com a nova composição do secretariado nacional, a JS dá sinais de actividade. Assim, e segundo uma fonte daquela organização, o lema agora é «pôr ordem na casa». Saldar dívidas, ligar o telefone, já a partir de Junho, resolver o problema da sede, que ao que tudo indica deixará de ser na Rua do Salitre, visto que a venda está praticamente concretizada. Refira-se que a JS não foi tida nem achada para este assunto. Estas são para já, as prioridades das prioridades. A propósito da nova sede diga-se que as hipóteses mais plausíveis apontam na direcção do Largo do Rato, sítio central e onde os jovens socialistas nem precisam de pagar renda.

Debate no Instituto de Altos Estudos Militares

Opinião pública alheia à defesa nacional

Álvaro Vasconcelos

O Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) lançou o desafio: que possibilidades de defesa tem Portugal na eventualidade de ataque ao território nacional e qual a sua capacidade de intervenção, em situação de conflito, no âmbito da NATO? Como sensibilizar a opinião pública para a questão da defesa nacional?

«Não se pode combater fora de casa sem se fazer a defesa da mesma», afirmou o coronel Manuel Monge no seminário que o IAEM promove em Pedrouços. Na óptica daquele conselheiro do Presidente da República, Portugal tem de dispor de mais recursos para «compatibilizar a sua defesa autónoma com a participação na NATO».

Daí que ontem se tenha aludido, e o coronel Manuel Monge também o sublinhou, a um (novo) conceito estratégico de defesa, ademitindo a sua evolução. Foi este o tema debatido até ao princípio desta tarde, num quadro que se reconhece «não ser completamente pacífico», apesar da nova situação no Leste europeu e da relativa desagregação do Pacto de Varsóvia.

Onde tambem se levantou o problema do «fundamentalismo islâmico» como uma ameaça a não subestimar e os problemas regionais decorrentes dos nacionalismos.

Novo conceito de estratégia

Não surpreende que numa primeira abordagem da evolução do conceito estratégico, por certo não ocasional, um dos coordenadores do curso de coronéis do IAEM tenha afirmado ser vital determinar se a defesa da Europa passa pelos EUA-Canadá-Vladivostoque ou vai da Europa aos Urais, para se saber qual o papel de Portugal. De acordo com Manuel Monge, «Portugal terá mais peso estratégico na Europa, se tiver mais peso na África Austral».

Neste contexto de defesa alargada, outras preocupações se levantam e delas deram ontem conta alguns dos intervenientes. Marques Júnior repetiu aquilo que já disse no Parlamento: o que é bom para a NATO pode não o ser para Portugal. O brigadeiro Espírito Santo interrogou-se: a economia vai comandar a segurança ou será esta a determinar a economia?

Para Álvaro Vasconcelos, director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI), em sua opinião a reunificação não constituirá problema, apesar de ser receada por alguns dos militares presentes. Um deles encara a actual situação como um retorno da Europa a 1936, propondo que no actual quadro Portugal opte pela potência marítima (EUA), porque a Espanha prefere a potência continental (Alemanha).

Aliás, por mais de uma vez foi aflorado o relacionamento com a Espanha, razão por que o director do IEEI defendeu que «a NATO não se devia envolver no conflito Espanha-Marrocos». E concluiu: «Portugal tem boas relações com os países do Sul e capacidade para dizer claramente não aos EUA.»

Júlio Rodrigues

À FALA COM...

«As águas do oceano PS estão agora unidas»

Rui Cunha

Amanhã de manhã, Rui Cunha apresenta à Imprensa o seu programa de candidatura ao cargo de secretário-coordenador da Federação da Área Urbana de Lisboa do Partido Socialista. Afecto à minoria liderada por João Soares e deputado à Assembleia da República, Rui Cunha falou ao «DL» sobre o próximo Congresso Nacional do PS, as perspectivas do partido e os primeiros tempos da Câmara de Lisboa presidida por Jorge Sampaio.

DL - *Não se nota uma linha clara de fractura entre maioria e minoria, no próximo Congresso do PS...*

RC - As águas do oceano PS estão agora unidas. Quando chegarmos aos rios, lagos e outras águas, hão-de ser vistos os diques.

DL - *No tempo de Vítor Constâncio, a minoria protestava contra «o novo PS», à data na ordem do dia. E agora?*

RC - A questão não deve colocar-se entre um novo e um velho PS. Há que perspectivar o futuro atendendo à dinâmica da sociedade, sem perder de vista os referenciais do passado, que são referenciais honrados. Para além da questão do novo ou velho PS, o que importa é abrir o partido nesta perspectiva.

Até porque o PS é, neste momento, um partido de homens e mulheres de meia-idade. Ora é preciso que passe a ser um partido de futuro e do futuro. Além de liderar a esquerda, deve ser o motor das transformações da sociedade, de forma que aqueles que ainda não são militantes o venham a ser, como corolário lógico da dinamização protagonizada pelo PS e pelo sem entrosamento com os cidadãos.

DL- *António José Seguro, da Juventude Socialista, disse que não está com qualquer das moções ao Congresso. Acha que isso está de acordo com um partido do futuro?*

RC- Acho correcto. Pela sua génese, pela sua prática e pelos seus estatutos, a adesão a qualquer moção é, no PS, um acto de vontade de cada militante. Noutros partidos, que usam como figurino o centralismo democrático que o PS rejeita, é que as teses partem de órgãos institucionalizados. A Juventude Socialista, como estrutura organizada, deve dar liberdade aos militantes para aderirem livremente às moções que entenderem.

DL- *Como avalia a ainda curta prática da actual Câmara da capital, ganha pela lista «Por Lisboa» ?*

RC- Durante mais de dois anos, bati-me por esta solução, para acabar com o holocausto abecasiano. Apesar da pesada herança, constatou-se já, através da apresentação do Plano e Orçamento para o ano corrente, que o novo Executivo fez uma listagem criteriosa dos problemas que afectam os lisboetas, dando prioridade ao ataque aos problemas do trânsito e vias de comunicação e da habitação social.

É de realçar a preocupação de introduzir a transparência nos novos métodos de gestão como, por exemplo, o lançamento de hastas públicas para alienação do património, em lugar do recurso às permutas, processo duvidoso seguido sistematicamente pelo anterior executivo.

J.I.

COMENTÁRIO

A infeliz criatura

Ao tempo da revisão constitucional, quando Vitor Constâncio e Cavaco Silva se entendiam no essencial e, em particular, na vontade de abrir a televisão à iniciativa privada, andavam os socialistas, certo grupo de altos dirigentes do PS, em negócios com um tal sr. Maxwell. Falava-se de um jornal diário, de uma estação de rádio e, muito especialmente, de um canal de televisão.

Não obstante o acordo de base com o PSD, talvez pouco fiada na limpidez de processos do seu parceiro de conveniência, a direcção socialista de então avançou a proposta de um organismo que superintendesse na distribuição dos canais de rádio e televisão. Mas fê-lo na suposição, comprovável pelas actas da Comissão Eventual de Revisão Constitucional, de que o controle sobre tal organismo iria pertencer ao Parlamento.

Assim foi gerado um filho a quem deram o inponente nome de Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Entretanto, Vitor Constâncio foi substituido. Os negócios com o sr. Maxwell não passaram de miragem e os seus frutos limitaram-se ao desemprego de jornalistas, a alguns dos quais nunca pagaram as indemnizações da lei. Hoje, de televisão privada, o PS só ouve falar dos grandes negócios que andam no ar.

A criancinha gerada no berço da revisão constitucional, essa cresceu façanhuda e ciclópica, como ontem se lhe ouviu chamar no Parlamento: aí está ela transformada em monstro de 13 dedos, dez dos quais, pelo menos, para tocar a música governamental. E o PS, um dos progenitores, já a enjeitara garantindo que, mal seja Governo, lhe corta as excrescências para a vestir ao figurino original.

O outro progenitor, tutor único actual e encarregado da educação da criança, também anunciou ontem que lhe aplicará a pena de morte na próxima revisão constituicional. E não se pode exterminá-la, pergunta-se, se até os pais tratam assim o monstrozinho? Porquê esta morte anunciada, a cinco anos de prazo? Talvez a explique o facto de, até lá, todos os canais de televisão estarem atribuidos e o espectro radiofónico preenchido, função última e razão de ser da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Se nos fosse permitido um comentário, ele seria breve, tamanha é a desgraça da rejeição confirmada e da morte anunciada: infeliz criatura que tais pais teve.

Daniel Reis

Veto político devolvido sem nenhuma alteração

PSD obriga Soares a promulgar a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social

O PSD confirmou, ontem, a primeira votação da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, devolvendo assim a Belém o veto político de Mário Soares, tal qual o recebera, e obrigando o Presidente da República a promulgar a lei.

Só os sociais-democratas votaram a favor, anulando o veto presidencial: todos os demais partidos com assento parlamentar votaram contra manifestando, durante o debate, radical oposição ao novo diploma que governamentaliza totalmente as futuras decisões sobre licenciamento de canais de rádio e televisão.

Por ser uma «reprise» do debate já havido no Parlamento, poucas novidades resultaram dele a não ser o anúncio pelo porta-voz do PSD, Pacheco Pereira, de que proporá o fim da Alta Autoridade em próxima revisão constitucional.

O Partido Socialista já tinha antes feito saber que alterará a lei ontem confirmada logo que disponha de maioria para isso na Assembleia da República.

A base da argumentação do partido do Governo foi a falta de novidade nos considerandos do veto de Mário Soares; mas o deputado Pacheco Pereira acentuou que a recusa em admitir representações corporativas na composição da Alta Autoridade (Sindicatos da área da Comunicação Social, Sociedade de Autores, entidades patronais do sector e outras referidas nas propostas de alterações apresentadas pela Oposição) se deve ao facto de «num orgão criado pelo Estado, dentro do Estado e como instrumento do Estado» o único princípio de representação admissível ser «o que emana directamente da fonte de legitimidade do poder em democracia», ou seja, o voto traduzido nos orgãos eleitos para o exercício do poder político.

Aliás, se dependesse apenas do PSD, «não haveria Alta Autoridade para a Comunicação Social, nem qualquer outra instituição deste tipo», no dizer de Pacheco Pereira. «As relações entre o poder e a Comunicação Social, e a Comunicação Social e a sociedade, seriam meramente reguladas por uma Lei Geral da Comunicação Social que definisse os poderes e os abusos, os crimes e defesa face a esses crimes, as regras e as violações».

Em tempo: durante todo o processo de discussão desta lei, antes do veto do Presidente da República, as teses do PSD foram veiculadas, no Parlamento e fora dele, pelo deputado Nuno Delerue. Com o Congresso do PSD e a intromissão do processo da televisão Delerue perdeu a função. Ontem, no plenário da Assembleia da República, só lhe foi cometida a secundária tarefa de assessorar Pacheco Pereira, para a discussão na especialidade, enquanto o derrotado candidato à presidência da Câmara de Loures confirmava a sua fulgurante ascenção no PSD. Pelo menos na Assembleia, ele já funciona como número dois.

Daniel Reis

BOCA DE CENA

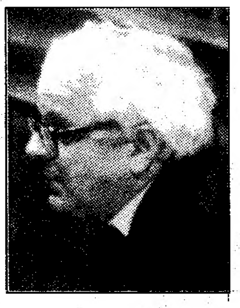
O sapiente imortal Duarte Lima

«Preclaros dirigentes do PSD, como Cavaco Silva, como o sapiente imortal Duarte Lima, consideram que a mensagem presidencial não carreou para a discussão razões que não tivessem sido já suficientemente reflectidas e ponderadas», lembrou o deputado Corregedor da Fonseca, da Intervenção Democrática.

O deputado ex-jornalista considerou, ao contrário e do alto da tribuna, que *«toda a mensagem do PR é éticamente irrepreensível e politicamente responsável» e a ela acrescem «as críticas fundamentadas da Oposição, de personalidades de relevo, dos jornalistas e do seu Sindicato»*.

Se quiser falar assim vamos lá para fora

Visado directamente e por duas vezes no discurso do deputado da ID (noutra passagem chamou-lhe *«preclaro dirigente»*), Duarte Lima reagiu de forma tal que provocou a interrupção da sessão por três minutos, até os deputados desavindos entrarem na ordem.



Uma das estenógrafas de serviço no plenário registou o episódio, como segue, para o Diário das Sessões:

O senhor Duarte Lima: *«Vai perder o lugar na Novosti?»*

O senhor Corregedor da Fonseca: *«Eu não tenho os empregos que o senhor, há anos, tem lá fora.»*

O senhor Duarte Lima: *«Vai perder o emprego na Novosti?»*

O senhor Corregedor da Fonseca: *«Se quiser falar assim, vamos falar lá para fora.»*

(Protestos do PSD).

Interrupção da sessão.

Um jacobino que mal se disfarça

Mas não foi só Duarte Lima o alvo dos azedos comentários da Oposição ao voto anunciado do PSD. Também Pacheco Pereira, porta-voz da Maioria na sessão de ontem, ouviu de Jorge Lacão que *«ou é um jacobino que se ignora, ou um jacobino que mal se disfarça.»*

Lacão não explicou, depois, que espécie de jacobinismo teria detectado no discurso do vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD.

Dissidente ou cruzado?

Pacheco Pereira ocupou, aliás e durante um certo tempo, a bancada vazia do CDS, porque os maiorais se acotovelavam na primeira fila da Maioria. Pergunta imediata do socialista José Lello ao presidente da Mesa:

«A Mesa poder-me-ia informar se recebeu algum requerimento do deputado Pacheco Pereira para se constituir em deputado independente, como dissidente da bancada do PSD, ou se o senhor deputado já está a fazer uma cruzada nas áreas da democracia-cristã?»

Explicação do visado, enquanto levantava ferro da bancada que provisoriamente ocupara:

«Para seu sossego, tenho a informá-lo que, eliminadas as limitações geográficas da minha bancada, regresso ao meu lugar entre os deputados do PSD.»

Independência, promete Raposo

«Total independência, não apenas de consciência mas também de actuação», prometeu ontem Mário Raposo, ao ser eleito para suceder a Almeida Ribeiro no cargo de Provedor de Justiça. Raposo, até agora deputado do PSD e presidente da Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias, foi eleito mediante acordo prévio entre o PS e a Maioria registando 170 votos a seu favor, 10 contra, 24 abstenções, um voto branco e um nulo.

O novo Provedor de Justiça sublinhou que as mulheres vítimas de agressões e as crianças maltratadas são alguns dos problemas principais que o afligem ao preparar-se para iniciar funções.

«Não abdicarei de ser um ser pensante e um jurista», disse, sublinhando que a eficácia da sua intervenção depende da *«capacidade de o Governo acatar as sugestões e recomendações do Provedor»*.

«A desatenção das entidades públicas deve ser severamente punida», concluiu Mário Raposo esta sua primeira declaração como Provedor de Justiça. Mas esclareceu que *«não se trata de punição jurídico- penal»* mas sim de *«reprovação moral»*.

Montalvão Machado confirmou-nos que a proposta de nomeação de Guilherme Silva para substituir Mário Raposo -a ser submetida ao plenário do seu Grupo Parlamentar- inclui o nome de Carlos Oliveira como coordenador dos deputados do PSD na Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias.

Olh'oh balão!

Depois de, na semana passada, ter enviado uma rolha laranja a todos os deputados do PSD, o Sindicato dos Jornalistas remeteu-lhes, ontem pelo correio, um balão da mesma cor e um cartão em que se dizia, *«sopre, se tiver coragem»*. Gravados, podiam ler-se os dizeres, berrantes depois de insuflado o artefacto: *«Sou contra a lei da rolha»*.

Na posse do seu estimável balão e após recordar que a existência da Alta Autoridade se deve ao PS (para a criar apresentou propostas que fizeram vencimento em sede de revisão constitucional), Pacheco Pereira, virando-se para a bancada da Imprensa, enviou uma indirecta ao Sindicato e aos jornalistas que representa:

«A censura, a lei da rolha, ou qualquer outra ideia ou princípio limitativo da liberdade de comunicação, são alheios à cultura e aos valores genéticos do PSD.»

A Alta Autoridade vai ser composta por 13 elementos, presidindo um magistrado. Os outros doze são apurados: cinco na Assembleia da República, pelo método de Hondt (ou seja: três PSD e dois da Oposição) três designados pelo Governo e quatro cooptados pelos anteriores, num conjunto claramente favorável ao partido do Governo. O Conselho de Imprensa é automaticamente extinto por este orgão conhecido entre os jornalistas como Alta Autoridade contra a Comunicação Social.

"Este Ano os Impostos Não me vão deixar os Cabelos em pé."

"Para mim, que sou profissional liberal, os impostos já não constituem problema. Abri uma Conta NovaRede. Pela primeira vez um Banco ajuda-me a pagar o IRS através de um crédito especial. CREDImposto NovaRede. Para pagar a tempo e de uma forma bem mais simples!"

NovaRede

Banco Comercial Português

Inovação e Rapidez

Se deseja obter mais informações acerca do CREDImposto NovaRede, envie-nos este cupão, devidamente preenchido, em letra bem legível, para:
NovaRede - Av. Almirante Reis, 103 - 7.º 1100 LISBOA

DL

NovaRede
Banco Comercial Português

Nome ______________________________

Morada ______________________ Cod. Postal: __________

Telef. __________

ou contacte a Linha Directa: LISBOA (726 70 40), PORTO (600 33 23)

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

O DIREITO À MEMÓRIA

As cidades, como as pessoas, têm uma identidade própria: uma história, uma sucessão de referências e de imagens, uma tradição, às vezes um cheiro ou uma cor, uma música de fundo. Perder este conjunto de imponderáveis que nos atraem em cada cidade é entrar numa espécie de «amnésia urbana», colectiva, que pode ter repercussões incalculáveis.

Urbanistas, arquitectos, autarcas e empreiteiros têm muitas vezes necessidade de exibir a «sua» obra, uma marca pessoal, um estilo ou um gosto próprios. Só que esta forma de individualismo, nos centros urbanos, se faz à custa da destruição que está, as mais das vezes. «Entrar no coro» é, para um projectista, muito mais difícil que dar largas à *sua* própria visão das coisas.

Durante mais de cento e cinquenta anos, o «progresso» da cidade foi identificado com demolições maciças para dar lugar a novas avenidas, volumes mais imponentes e maior rentabilização do terreno central. Haussman não difere substancialmente, nesta atitude, da geração de Le Corbusier, que proclamando a «Carta de Atenas» lançava as bases do «urbanismo de caixotes» que veio a vulgarizar-se nos subúrbios de todas as cidades modernas.

Perante a dimensão dos estragos, investigadores, arquitectos e citadinos começaram a interrogar-se sobre o conteúdo das operações de renovação urbana entendidas como medidas fundamentais de higiene e promoção imobiliária. Durante a década de setenta multiplicam-se as tentativas de encarar a renovação da cidade doutro modo: surge o conceito da «reabilitação urbana», que envolve não apenas a recuperação do que existe, mas também a integração do *novo* no meio do *antigo* e a procura de novos usos para dar, a espaços de conteúdo funcional ultrapassado mas carregados de «charme», novos motivos de atracção. Reabilitação que significa também cuidar dos detalhes dos espaços públicos, espelho da qualidade ambiental de uma cidade que nesses mesmos detalhes (jardins, limpeza, passeios, bancos, floreiras, estátuas, etc., etc.) se afirma ou se sonega.

Visitei recentemente uma cidade-nova nos arredores de Paris, onde nos últimos vinte anos vieram fixar residência perto de 150 mil pessoas. Um dos responsáveis pela gestão urbana mostrou-me a evolução das atitudes, desde os bairros iniciais marcadamente «sociais» até ao campo de golfe recém-construído, com o objectivo de melhorar a imagem da cidade e valorizar, naturalmente, os investimentos já realizados. Às tantas, fez-me visitar uma espécie de centro monumental, desenhado pelo famoso arquitecto Bofil, e explicou-me demoradamente a necessidade de desenvolver iniciativas culturais naquele espaço para o associar cada vez mais à memória colectiva dos residentes. *Como não temos história* - acrescentou - *precisamos de a inventar.*

Nas antípodas desta posição está a megalómana construção que Ceausescu mandou erguer sobre os escombros de um dos mais pitorescos bairros de Bucareste, donde foram expulsos 40 mil habitantes e onde se demoliram 500 hectares de construções datadas dos últimos três séculos.

Se o ditador romeno arrasou a história para a tentar refazer à sua imagem e semelhança - sonho afinal de todos os ditadores - hoje a cidade de Bucareste interroga-se sobre o destino a dar a tão odiosa monumentalidade. Há demasiado dinheiro e demasiado sacrifício debaixo daquela obra para que o novo regime romeno possa vir a desfazer-se dela, apesar de todas as contradições e fragilidades em que está envolvido. E não deixa de ser curioso registar que são duas filhas do antigo rei da Roménia que estão a bater-se pelo lançamento de um concurso internacional de ideias para «reabilitar» o delirante complexo...

Helena Roseta

Cito estes factos para reforçar uma ideia simples: *as cidades têm uma história e os cidadãos um direito à memória.* Negá-lo, por ignorância, cupidez ou absolutismo, é violar um direito fundamental. Deixar demolir impunemente extensas zonas do centro urbano, procurando disfarçar as razões especulativas que a tanto obrigam sob a linguagem do pretenso «progresso», é uma forma de ignorar o direito à memória.

E se continuamos a deixar que Lisboa se desperdice, bairro a bairro, se não opomos à poderosa onda demolidora dos últimos dez anos de gestão autárquica uma forte consciência da necessidade de preservar a Lisboa que ainda há, corremos o risco de vir a acordar tarde de mais. A menos que pretendamos deixar por herança, desta Lisboa que amamos, não mais uma cidade que é uma música inconfundível - mas simplesmente uma grotesca cacofonia.

Ponto de vista internacional de Pedro Palma

FORUM

ANNE PHILIPE

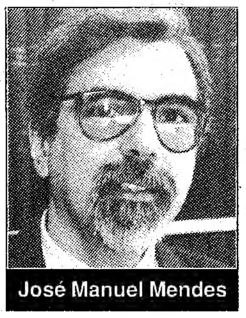
Fazia parte das velhas legendas ainda arrepiadas de emoção. Conhecíamos-lhe o rosto jovem, num recorte de bonança, nas imagens dos jornais. Às vezes assim: o olhar suavemente alumbrado, a franja do cabelo em desalinho, um sorriso estremecendo entre a felicidade e a finitude. Dos anos cinquenta, sessenta, trazia talvez a gola alva contrapondo-se aos vestidos escuros, uma odisseia discreta para contar; e os gestos solidários, as canções de Jacques Brel, a memória de ventos da pátria belga antes da guerra e de um comboio decisivo até Paris. Depois, sabíamos, era a profusão dos vagos sinais de uma errância criativa: a África e os filmes de cepa etnógrafa; a China e a rota da seda; o convívio com civilizações que moravam para lá das brumas e dos mitos; a escrita sensível, imune aos sensacionalismos de todos os matizes, nutrida pelo estudo rigoroso e por um raro sentido das tonalidades contrastantes.

Evocamo-la ao lado de Gérard, das suas glórias, dos seus dramas. Surpreendido pela morte em pleno dia, o actor deixara um roteiro de cintilações apaixonadas: o êxito e o tormento, a indignação metafísica e a nostalgia. Revivia nos palcos, no cinema, nas películas da lembrança esmaecendo, no próprio esquecimento; e num livro magoado, voz una e plúrima da geração do nevoeiro: «Le Temps d'Un Soupir», de Anne Philipe, sua mulher.

Dizem agora que se calou o pássaro subtil que víamos florir-lhe na expressão, a luz serena dos retratos que, de longe em longe, amanheciam nos periódicos. Referem uma bibliografia escassa, entre nós ignorada. Há anos, num entardecer pálido sobre Saint Séverin, procurei, após o cansaço das pernas, no *Gibert* saturado de gente, uma edição quase esgotada de Raymond Queneau. Descobri, ao acaso, um título meio envergonhado no escaparate: «L'éclat de la Lumière», extensa entrevista de Anne a Vieira da Silva e Szenes. Li-o com um prazer vivo e, no regresso a Lisboa, sugeri a duas ou três casas de prestígio a sua tradução. Sem resultado: a autora não constava dos *top* e, apesar dos ingredientes da obra, incerto era o público e pouco viável o investimento. De nada serviu, numa época de quixotismos pessoais que a dura realidade dizimou, bater-me por decisão que relevasse o mérito de um trabalho que, sem excesso, persisto em considerar admirável. Ele aí perdura, todavia: lúcida questionação do estatuto estético, dos intérminos avatares da arte, das experimentações e metodologias de dois pintores que venceram o limbo do perecível; e também um testemunho despojado de vivências, ideias e utopias vizinhando com a solidão dos instantes genesíacos. O discurso pictural de certos óleos de Arpad, de painéis como os que Maria Helena, em êxtase contagiante, elegeu para restituir o nosso Abril de sempre ou a fala remota, sinestésica, apeladora de uma biblioteca (melhor que o Eco de um celebrizado texto?) torna-se-nos mais familiar ao ouvirmos quanto ficou das longas horas desse registo audacioso. Ouvirmos? Sim, ouvirmos; quem não recordará, ou conjecturará, o tom e as cadências de um diálogo onde freme, afinal, a música da vida?

Previa-se para breve o lançamento de um outro volume inédito de Anne Philipe: narrativa(s) entretecida(s) de memorações, recorrência do quotidiano comum e efabulação suave, numa prosa contida e limpa, só na aparência displicente, como em «Un Éte près de la Mer»? Não é estulto admitir que sim. E o mesmo apego às pulsões da afectividade desafiada, aos cromatismos de paisagens interiores, ao renovar constante da luz e da sombra, às atmosferas que se desprendem do real sem mimetismos empobrecedores. As isotopias dominantes: o dissenso e a harmonia; o abandono e as árvores que, habituando-o, o removem; os lugares do desconforto talhados na pedra do exausto existir urbano ou a apetência pela fuga revulsiva. De qualquer modo, independentemente da novidade do original anunciado e, porventura, do espólio conjunto, a escritora quedar-se-á reclusa de um perfil dilecto, esboçado na lonjura de uma quadra tormentória: a de quem na dor esculpiu as raízes de uma literatura que foi catarse e metamorfose. À maneira, decerto, de diversos ficcionistas, de língua francesa ou não. Marie Cardinal («Les Mots pour Le Dire», «Autrement Dit») e Annie Ernaux («La Place», recentemente publicado entre nós), para referir dois nomes sem critério, o comprovam à saciedade.

Se é, porém, verdade que o sopro de um percurso intelectual e humano pode caber inteiro numa representação, o adágio de Anne, congraçando os périplos do homem a quem ligou o destino, permanecerá murmurando nas inscrições a preto e branco que colhemos num pátio do pretérito: a face sem uma ruga, serena e bela, quando as cerejas esplendiam na mão dos meses; as páginas densas, percutidas de revolta e coragem, com que destituiu os deuses do infortúnio e do sangue fez poema singular.


José Manuel Mendes

CARTAS NA MESA

A «ofensiva» racista

Ainda há poucos dias, dei comigo perante um macabro jornal, de nome «OFENSIVA», publicado pela organização dos «cabeças rapadas» (o MAN, Movimento de Acção Nacional). Foi aqui, num vulgar e banal quiosque de Lisboa que vi a publicação, à venda por 80$00, como se de um simples jornal se tratasse.

Seis páginas plenas do mais puro e desumano ódio racista, seis páginas gritantes, com inúmeras exclamações, incitando a mais abjecta e terrível violência racial, tudo muito bem cozinhado com ingredientes fascistas, totalitários e antidemocráticos (como já nos habituaram as tristes organizações de extrema-direita, pretensamente «nacionalistas» que têm surgido, e os seus lacaios psicopatas, pomposamente autointitulados «skinheads»). Assim, o ódio e a violência fazem-se jornal (registado na Direcção-Geral de Comunicação Social...), e descem à rua com o mesmo - e característico - discurso agressivo e atentatório aos mais fundamentais direitos da dignidade humana. E nós, por vivermos em democracia - e por isso acharmos dever respeitar todas as opiniões (mesmo as que incitam à morte e à violência contra os seres humanos de étnia diferente?) -, limitamo-nos a consentir tal «jornal».

O mais bizarro é que o MAN (conhecido sobejamente pela sua estreita ligação aos «skinheads») procura assim alcançar o «apoio popular», e até a legalização (!), aqui, neste País renascido com o25 de Abril e com a liberdade.

Encontramo-nos certamente perante verdadeiros psicopatas, mas psicopatas bem perigosos, incubadores de uma geração que rejeita os precedentes, e que se satisfaz apenas com o sangue e o culto da violência.

Urge não ficar de braços cruzados (ou assumir uma atitude de resignada passividade) se não queremos que se instale um quotidiano de permanente conflitualidade, medo e instabilidade social que os grupos neofascistas preconizam.

Benjamim Sebag Margarido
Lisboa

Uma cidade de lata

(...) Gastam-se milhares de contos a alterar o trânsito da cidade - hoje sobe amanhã desce; de que é exemplo bem triste o caso das Avenidas Velhas, ditas Novas. O responsável por tal medida devia ser punido com severidade, por mais este atentado à qualidade de vida do cidadão.

Uma cidade empanturrada de «lata» (entram diariamente em Lisboa, cerca de 100.000 automóveis), vê agora as «inteligências» mandarem construir uma auto-estrada Cascais-Lisboa e projectarem mais 2 ou 3 tabuleiros para a Ponte 25 de Abril ou, ainda, da necessidade de construir outra ponte. Permitam-me senhores iluminados que avance eu também com uma solução. Aproveitem a actual ponte e façam tabuleiros por ela acima, quantos os necessários e concorram à festa dos tabuleiros em Tomar.

O problema do trânsito em Lisboa é gravíssimo, mas de solução bem simples: (...) é cercear, impedir ou reduzir drasticamente a circulação do automóvel dentro das cidades e por reflexo os transportes públicos aumentarão a sua velocidade comercial = a mais viagens = a mais passageiros transportados. É preciso que se diga que um autocarro, no percurso C. Carriche-C. Sodré demora 40 m. às 6 da manhã, 55 m. às 7 e mais de uma hora às 8 ou 9 horas. (...) Porquê?

Pedro Pinto Barradas
Lisboa

MEA CULPA

Por lapso, de que nos penitenciamos, na legenda da foto ontem publicada na página seis, identificámos Rogério Martins como governante do tempo de Salazar, em vez de, como se afirma no texto, governante de Marcelo Caetano.

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um editorial:

Do VI Congresso do MDP/CDE saíram algumas esperanças de sobrevivência e, sobretudo, da parte da maioria dos participantes, uma vontade explícita de que o partido não morra.

Tendo-se, em tempo, desvinculado da área de influência do Partido Comunista, o MDP/CDE viu-se afastado do Parlamento, por não ter obtido, eleitoralmente, votos bastantes para garantir ali a sua presença.

Girando nas proximidades do PCP durante os anos que decorreram após o 25 de Abril, e optando por uma linha que não era exactamente aquela que trilhara antes da queda do regime marcelista, em que foi um porta-bandeira da resistência democrática, o MDP/CDE perdeu alguns daqueles que haviam feito parte do seu historial, mas, em contrapartida, pôde garantir a sua presença na Assembleia da República.

A normalização democrática da sociedade portuguesa e o recuo eleitoral dos pequenos partidos alteraram, gradualmente, o espectro partidário representado no Parlamento.

Afastado de S. Bento pelos reduzidos resultados eleitorais que obteve, o MDP/CDE foi-se apagando como força interventora na sociedade portuguesa, de modo a alguns dos seus militantes se pronunciarem claramente, agora, pela sua extinção. Surgia, assim, a questão da sobrevivência ou morte de uma força política que, durante várias legislaturas, teve expressão parlamentar. (...)

15.MAIO.90

Correio da Manhã

De um artigo de Patrícia Moreno:

(...) Os novos conceitos trazidos por Gorbachev fizeram eclodir a ideia que sub-repticiamente tinha amadurecido: a obrigatoriedade de finalizar com uma situação insustentável cultural e historicamente.

A Europa ansiava por voltar a ser um continente unido, sem barreiras de arame farpado ao longo de milhares de quilómetros e muros de vergonha.

Os acontecimentos precipitaram-se no Verão de 89, aniquilando em poucos meses realidades vigentes durante 40 anos. A força de povos que se sentem unidos pela mesma história secular foi mais forte que imposições políticas determinadas pela força das armas. As proclamações independentistas dos povos do Báltico são o reflexo deste movimento que abala as estruturas da actual geografia política europeia.

O entusiasmo sentido pelos europeus no reencontro com a História do seu continente e a redescoberta de laços milenários, ultrapassando a simples leitura dos acontecimentos do século XX, obriga a uma profunda reflexão sobre as forças ocultas que unem os povos de um mesmo continente.

Somos Europeus do Atlântico aos Urais.

15.MAIO.90

A Capital

De um artigo de António Salles

(...) Alguém disse que o próximo século iria ser dos mágicos e dos poetas, o que é muito bonito como imagem literária, mas só como tal, porque tanto a uns como a outros o lugar que o futuro lhes reserva é cada vez menos relevante. A cultura, a esperança, a beleza e até o amor tendem a pertencer também à tutela da economia, desse gigantesco mito que parece ser o exclusivo detentor da fé no futuro da humanidade. Eu nem sequer estou contra o homem económico mas contra a insensatez de o transformarmos no ídolo das nossas ambições, no risco de reduzirmos as nossas vidas alimentando a ideia de que fora da economia nada existe. É perigoso transformarmo-nos em adoradores desse homem económico contribuindo, desse modo, para que ele se sinta o centro do universo e nós, ilusoriamente, também. Uma tal filosofia, cada vez mais generalizada, acabará por nos transformar numa espécie de robôs humanos supostamente livres.

15.MAIO.90

INTERNACIONAL

PARABÓLICAS

«Os crimes dos camaradas»

O programa Panorama da BBC 1/TV emitiu uma reportagem sobre os duzentos mil presos políticos do regime comunista búlgaro, dos quais vinte mil são dados comos desaparecidos. Entre imagens do passado recente da Bulgária e declarações de vítimas e algozes, retivemos as seguintes passagens:

«Os comunistas construíram uma prisão para a Nação inteira».-
Ivan Nevrokopsky, ex-preso político

«Aqueles que têm as mãos cheias de sangue ainda estão vivos».-
idem

«Não se sabe quem fez o quê em nome do meu avô».-
Evghenia Zhivkova, neta do ex-líder comunista Zhivkova

«Não vejo nenhum dilema em punir os crimes cometidos sob a alçada do socialismo e mantermo-nos hoje no poder».-
Andrei Lukanov, primeiro-ministro e membro do PC

«Quando visito este lugar, tenho vontade de vomitar ao lembrar-me do cheiro que então tinha que suportar».-
ex-prisioneiro político ao visitar um campo de concentração

«À noite, reuniam-nos e escolhiam um ou dois prisioneiros que seriam em seguida espancados. Para nós esta escolha aleatória determinava-nos a vida ou a morte».-
idem

«Se não trabalhássemos o suficiente, éramos chicoteadas, muitas vezes até à morte».-
Nadia Dunkin, ex-presa política

«O telefone toca todos os dias, são os criminosos que me lançam ameaças. Eles dizem-me: "Só tens mais três dias, mais dois dias, mais um dia... veste a tua melhor roupa porque não terás muito tempo para viver. Vamos encendiar-te"».-
Ex-comandante de um campo de trabalho

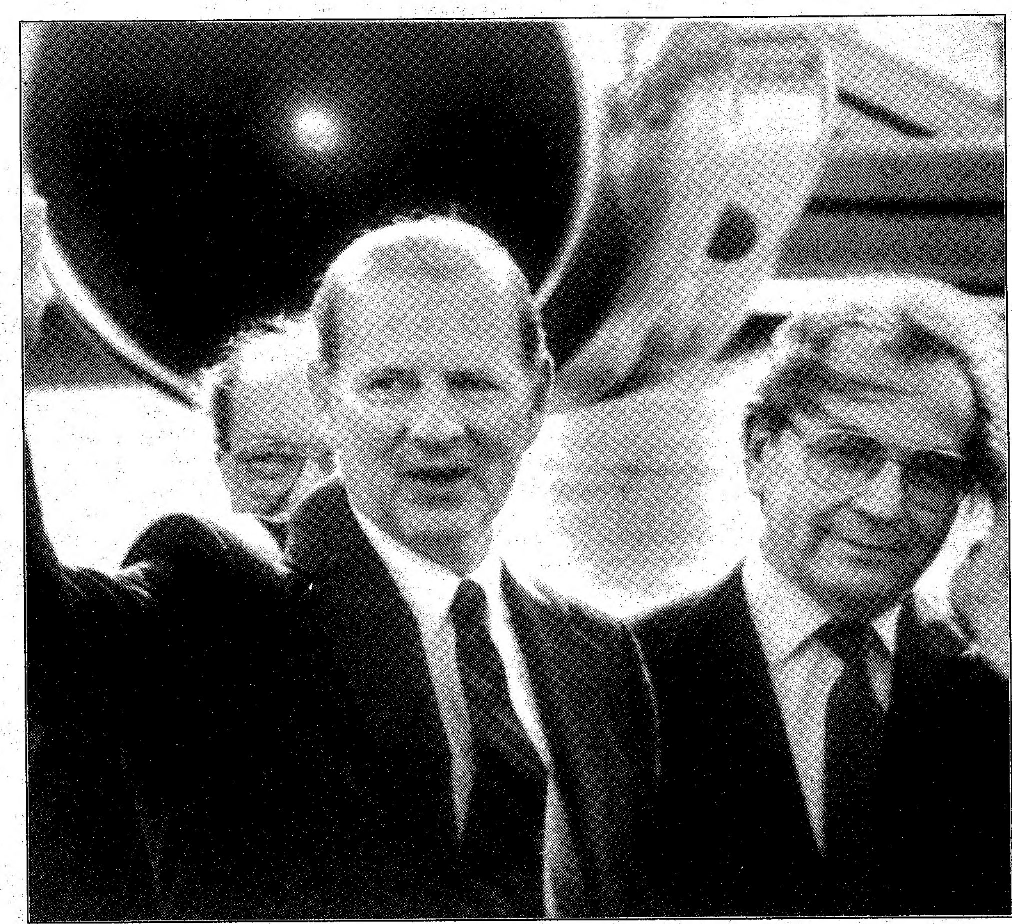
«Eu não fazia parte da estrutura terrorista do poder que nada tinha a ver com os ideais socialistas»-
Andrei Lukanov, primeiro ministro actual e membro do PC

«É impossível esconder os crimes do PC. O partido é na sua globalidade, ideológica e politicamente, responsável por estes crimes sangrentos.»
Ivan Nevrokopsky, ex-preso político

Programa PANORAMA, segunda-feira, 14 de Maio 21.30, BBC 1

Preparativos para a cimeira de Washington

James Baker em Moscovo tenta aplanar divergências



James Baker à chegada a Moscovo, acompanhado do novo embaixador da URSS nos EUA, Alexanier Bessmertnykh.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, está hoje em Moscovo para quatro dias de conversações com responsáveis soviéticos, destinadas a preparar a próxima cimeira de Washington, a realizar-se dentro de duas semanas.

Estas conversações são a última oportunidade para James Baker abordar com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, os pontos da agenda para a cimeira das superpotências. O primeiro objectivo deste encontro prende-se com a necessidade de alcançar um compromisso sobre o tratado START, destinado a reduzir em 50 por cento o armamento nuclear ofensivo das duas potências. Na última cimeira entre as duas partes, realizada em Malta, os dois presidentes marcaram para a próxima cimeira de Washington a conclusão do acordo, mas as negociações estão a tropeçar nos mísseis de cruzeiro marítimos e aéreos. Fontes próximas do secretário de Estado norte-americano declararam haver pelo menos quatro questões relativas ao controlo de armamentos que permanecem sem solução, e que o tratado START (já com 400 a 500 páginas) está longe de ser completo.

Já com uma visão mais optimista, o conselheiro militar de Gorbachev, o marechal Serguei Akhromeev, calculou as hipóteses de chegar a um acordo antes da cimeira de Washington em «maiores que metade».

Afastamento entre as partes

Funcionários norte-americanos, que acompanham Baker, declararam que as duas superpotências estão actualmente mais afastadas na questão dos mísseis cruzeiros do que quando o secretário de Estado esteve em Moscovo, há dois meses. No mês passado, em Washington, os soviéticos recuaram em relação a alguns compromissos já alcançados..«Seria bastante perturbante se eles (os soviéticos) não se encontrassem preparados para voltar ao ponto em que estivemos e avançar», declararam adjuntos de Baker, que pediram o anonimato.

Além das divergências quanto aos mísseis de cruzeiro marítimos e aéreos, subsistem também pontos de vista diferentes no que diz respeito à eliminação das armas químicas, à redução das forças convencionais e à conferência «Céu Aberto».

Ambas as partes declararam, no entanto, que irão dedicar um grande esforço para conseguir chegar a um acordo. Neste sentido, já foram criados cinco grupos de trabalho que se dedicarão aos problemas do desarmamento, às relações bilaterais, às questões humanitárias e dos direitos humanos, aos conflitos regionais e às questões internacionais. O grupo de trabalho sobre as questões internacionais, que só agora foi criado, após uma proposta americana, deverá analisar a questão da unificação alemã. James Baker e Eduard Shevardnadze deverão também debater a situação nas repúblicas bálticas, visto que a administração Bush está a ser pressionada pelo Congresso dos EUA para agir.

Um dos objectivos da deslocação de Baker, que é acompanhado por uma vasta delegação, é tentar perceber as prioridades e preocupações internas de Gorbachev, que emergiu nos últimos dois meses mais firme, com a sua intransigência em relação ao Báltico.

Redação DL/Lusa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Conservadores dos Registos Civil, Predial, Comercial e de Automóveis para uma reunião geral de Constituição da Associação Sindical a realizar no dia 3 de Junho próximo, com início às 15 horas, no Hotel Altis — Rua Castilho, n.º 11, em Lisboa — sala Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciação e discussão do projecto de estatutos da Associação Sindical dos Conservadores dos Registos.

2 — Votação da Constituição e aprovação dos Estatutos da Associação Sindical dos Conservadores dos Registos.

3 — Análise da situação respeitante à aprovação do estatuto remuneratório e de Carreiras.

Lisboa, 15 de Maio de 1990.

PELA COMISSÃO PRÓ-SINDICAL
Assinatura ilegível

Presidente lituano já fala em independência a prazo

O Presidente lituano, Vitautas Landsbergis, aconselhou ontem os seus concidadãos a aceitar um processo de independência mais demorado. «Talvez seja melhor pedirmos menos agora, para alcançarmos mais depois», disse Landsbergis numa entrevista concedida à Rádio da Lituânia.

E acrecentou: «temos que mostrar que merecemos a Liberdade». Estas afirmações podem significar uma clara inflexão das posições dos dirigentes lituanos no sentido de uma maior moderação das exigências face a Moscovo. A posição da Lituânia poderá de alguma forma flexibilizar também as posições das outras duas repúblicas vizinhas, a Estónia e a Letónia. Nesta última, milhares de soldados soviéticos e manifestantes de origem russa tentaram ocupar o Parlamento, em Riga, em protesto contra as forças independentistas da repúblicas bálticas. As manifestações resultaram em confrontos entre os manifestantes, calculados entre cinco a seis mil pessoas, e a polícia letã, tendo-se verificado vários feridos ligeiros.

Federação Russa reúne-se

Iniciou-se hoje, no Kremelim, o 1º Congresso de Deputados do Povo da Federação Russa, o novo órgão supremo do poder estatal da maior das 15 repúblicas federadas soviéticas.

O Congresso acolherá agora o Soviete Supremo, que funciona permanentemente, e que será constituído por duas câmaras: O Soviete da Federação, formado proporcionalmente ao número de eleitores, e o Soviete das nacionalidades onde as unidades administrativas, incluindo os territórios autónomos, terão igual número de deputados.

Redacção DL/Lusa/AFP

El Salvador

Governo e guerrilha iniciam diálogo

Delegações do Governo salvadorenho e da guerrilha iniciam hoje conversações de paz na Venezuela, mas analistas políticos assinalam que será longo o caminho para um cessar-fogo na guerra civil.

As conversações, as primeiras desde a ofensiva dos rebeldes da Frente Farabundi Marti de Libertação Nacional (FMLN) em Novembro último, realizam-se na sequência de um acordo mediado pelas Nações Unidas, assinado em Genebra, em Abril último.

O encontro entre os representantes da guerrilha e do Governo de El Salvador deverá decorrer em Mocuto, uma pequena cidade nos arredores da capital venezuelana.

«Destas conversações não vão resultar acordos fundamentais. Vai ser uma primeira aproximação para analisar questões processuais», comentou um diplomata de um país da América Latina, concluindo que será um processo «muito longo».

Redacção «DL»/Lusa

Filipinas não querem bases dos EUA

Aeroporto de Timor-Leste no centro das atenções

A alegada utilização de uma pista de Timor-Leste por aviões dos EUA, ou eventuais manobras nortes-americanas no território sem conhecimento das autoridades portuguesas, está a suscitar reacções aos mais diversos níveis. De acordo com TSF a partir de Sidney, as bases norte-americanas nas Filipinas poderão mudar-se para um dos vários países vizinhos, entre eles a Austrália, escalando o aeroporto de Baucao, em Timor-Leste. Para isso haveria já ensaios, aterragens ou manobras.

Deus Pinheiro, que acompanha Mário Soares na visita a Marrocos, adiantou não ter havido qualquer contacto entre os EUA e Portugal para a eventual utilização daquela pista timorense. Não tinha sobre isso, esta manhã, qualquer informação. Contactados pelo «DL», o deputado Pacheco Pereira e o director do Intituto de Estudos Estratégicos, Álvaro Vasconcelos, coincidiram num facto: os EUA têm uma posição própria sobre a questão de Timor-Leste que não é favorável às pretensões portuguesas.

O deputado social-democrata afirmou ao «DL» que «há uma diferença de opinião entre Portugal e os EUA sobre o caso» de Timor-Leste, ao passo que Álvaro Vasconcelos salientou que os EUA «têm um ponto de vista próprio em relação a Timor, apesar do caso português. É um situação que nós temos escamoteado», acrescentou.

Críticas e desagrado com reservas

Em sua opinião, a hipótese dos EUA mudarem as suas bases das Filipinas para um dos países vizinhos, tem, neste momento, toda a lógica. Recorrer à Indonésia,, dada a posição de «alguma neutralidade» assumida pelo governo de Djacarta, também tem lógica, segundo Álvaro Vasconcelos.

Pacheco Pereira considera que «é difícil ter uma opinião sobre uma notícia pouco clara», a que a TSF-Rádio Jornal difundiu esta manhã, mas vê «isto mal», se for verdade que o aeroporto de Baucao (onde poucos aviões têm aterrado nos últimos tempos, segundo o governador de Timor-Leste) foi utilizado por aviões norte-americanos.

Governador nega tudo

A dúvida sobre o tipo de avião ou aviões que poisou em Baucao, levou a TSF a ouvir o governador de Timor-Leste. Mário Carrascalão negou que aquele aeroporto tivesse sido utilizado nos últimos tempos, mas reconheceu que o embaixador americano em Djacarta tem um avião próprio.

«Não é verdade que tenha vindo recentemente a Baucao», garantiu Carrascalão, lembrando que a sua última visita ao território de que Portugal é país administrante, ocorreu em Janeiro deste ano.

Negou ainda quaisquer manobras com aviões militares. «A pista não está sob o meu controlo, mas posso desmentir isso. Sabia-se logo.», concluiu.

Júlio Rodrigues

B R E V E S

CEE e Irão encontram-se em Dublin

Delegações da CEE e do Irão reunem-se hoje em Dublin para discutirem a melhoria das relações diplomáticas. A agenda do encontro é extensiva a todo o tipo de questões bilaterais . Entre elas, destaque para o problema dos reféns ocidentais sequestrados no Líbano.

Amnistia Internacional acusa Pequim

A Aministia Internacional instou para que o Governo de Pequim revele o que aconteceu exactamente com os prisioneiros detidos desde o massacre de Tiananmen. A AI refere que «um ano depois das mortes em Pequim o destino de milhares de prisioneiros continua envolto em segredo oficial». Segundo aquela organização dos direitos humanos, o verdadeiro número de prisioneiros situa-se entre as dezenas de milhar - contra as seis mil invocadas por Pequim - assim como o número de execuções divulgado pelas autoridades chinesas se situa muito aquém da realidade.

Moçambique decide em Julho questão do multipartidarismo

O Governo moçambicano vais submeter à decisão popular a eventual adopção de um sistema multipartidário no país. As afirmações são de Pascoal Mucumbi, ministro dos Negócios Estrangeiros moçambicano, durante uma conferência de Imprensa, em Compenhaga, após um encontro com o seu homólogo dinamarquês. Entretanto, em Maputo, o Presidente Joaquim Chissano nomeou novos vice-ministros. António Hama Tai e Eduardo da Silva Nihia, são os dois novos vice-ministros da Defesa e Salomé Moyane ocupa as mesmas funções mas no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Paulo Zucula e Agostinho Lonjane foram também nomeados para vice-ministros da Agricultura e da Construção e Águas, respectivamente.

Em Maio,
a moda desfila no
Jumbo de Alfragide.
Dias 17 e 18,
das 18h00 às 19h00,
venha conhecer
a nossa colecção Primavera/Verão.
Veja o desfile...esteja na moda!

PRIMAVERA
VERÃO

jumbo Pão de Açúcar
a alegria de comprar e... poupar
ALFRAGIDE

INTERNACIONAL

No caso de se recandidatar à presidência, por sufrágio directo, o actual chefe de Estado terá de abandonar a liderança do PAICV

Cabo Verde à espera que Aristides fale

Especial para o «DL»

À falta de sondagens, o recenseamento eleitoral em Cabo Verde está a revelar-se um indicador de voto precioso e as cúpulas e os aparelhos mal escondem a ansiedade, à espera da palavra de Aristides Pereira. Para já, de declarações do presidente da comissão eleitoral citadas pelo jornal do Governo pode-se deduzir uma forte tendência abstencionista nas cidades, enquanto as zonas rurais votarão por indicação do padre. Do Presidente, de 66 anos, que já foi convidado a recandidatar-se pela hierarquia da Igreja, os médicos americanos dizem que está "de excelente saúde". A decisão de manter, agora sob a alçada do Governo, a organização paramilitar do PAICV vai dar que falar. Quanto a Aristides Pereira, falará no dia 22.

As conclusões do relatório médico do hospital de Bethesda, da Marinha dos Estados Unidos, que dão como "excelente" a saúde do Presidente cabo-verdiano, foram noticiadas com destaque de primeira página pelos jornais do partido e do Governo na cidade da Praia, mesmo antes do veterano Chefe de Estado regressar a Cabo Verde no início do mês. O quinzenário do PAICV, que garantira em anterior edição que Aristides Pereira não tinha decidido retirar-se, anunciou entretanto que o Presidente dirigirá uma mensagem à nação na próxima sesssão da Assembleia, no dia 22, enfatizando que a fará "no uso das suas prerrogativas constitucionais".

O Presidente cabo-verdiano esteve dez dias nos Estados Unidos no final de Abril para se submeter a exames médicos no mesmo hospital onde no ano passado foi tratado de uma angina de peito.

A vida política cabo-verdiana continua assim pendente da decisão de Aristides Pereira se candidatar ou não a um novo mandato presidencial, submetendo-se pela primeira vez ao sufrágio directo. Em caso positivo, segundo o projecto de lei que o PAICV apresentará à sessão de Maio da Assembleia, terá de abandonar a liderança do partido e exercer um "mandato de transição" do sistema. Mas, apesar da expectativa denunciada pelos títulos de primeira página e das pressões da Igreja e dos "crispados" do PAICV (que controlam o jornal "Tribuna", orgão oficial do partido), observadores da vida política cabo-verdiana duvidam que Aristides Pereira faça qualquer anúncio decisivo na mensagem de 22 de Maio. "Tem carisma, mas nunca optou por um estilo autocrático" — disse-nos um diplomata com larga experiência de Cabo Verde. "Aguardará, quase de certeza, o congresso extraordinário do partido". Contudo, tendo garantido o apoio da Igreja, o líder cabo-verdiano pode agora sentir-se liberto na cúpula do partido de que foi fundador.

Dificuldades com recenseamento

Apesar do tom triunfalista do jornal partidário, que dá conta do "reforço das fileiras" com 200 novos militantes, num "recado do partido" aos seus agora livres opositores, o jornal governamental, esse, noticia dificuldades com o recenseamento eleitoral nas duas principais cidades, Praia e Mindelo, e numa das vilas da ilha de Santo Antão. Nas zonas rurais, pelo contrário, o recenseamento ter-se-ia processado normalmente — segundo confessou o jornal, "devido à predominância católica da população e à influência dos párocos."

Aristides Pereira, durante a visita de João Paulo II a Cabo Verde

Para além de se queixar da falta de colaboração dos directores dos serviços públicos e das empresas, "Voz di Povo" adianta como explicação para o pouco entusiasmo das populações urbanas pelo recenseamento eleitoral o facto de as pessoas associarem esse acto "à existência de vários partidos ou à filiação nos ideais defendidos pelo PAICV". Como o recenseamento terminava no dia 14, o jornal admitia uma baixa da representação dos círculos urbanos na Assembleia.

Apesar de a Assembleia cabo-verdiana ter em agenda para a sessão de 22 de Maio a revisão da lei eleitoral no que respeita ao voto dos emigrantes (a quem até agora se exigiu que se deslocassem ao país para votar e, mesmo assim, só se tivessem emigrado há menos de 5 anos ou em Cabo Verde sustentassem conjuge ou filhos menores), o apelo das embaixadas e missões consulares ao recenseamento continuou a ser feito invocando a legislação que praticamente veda aos emigrantes a participação política. A maioria dos cidadãos cabo-verdianos residentes no estrangeiro não poderá assim votar nas primeiras eleições pluripartidárias do seu país, a não ser que com a entrada em vigor da nova lei seja determinado novo recenseamento. Se, no imediato, o partido no poder pode extrair dividendos dessa situação confusa, bloqueando o voto à parte da emigração que lhe é hostil, a oposição não deixará de capitalizar a médio prazo as frustrações e ressentimentos daqueles que são responsáveis por um terço do rendimento cabo-verdiano.

Polónia como destino

Num tom a um tempo irónico e amargo, o jornal do partido ataca, entretanto, em artigo de opinião, a "moda das independências" que se teria apossado das organizações filiadas no PAICV. "A UNTC (sindicatos), honra lhe seja feita neste 1º de Maio, foi a primeira a partir: os sindicatos são independentes dos partidos políticos, dos empregadores e do Estado", ironiza o articulista sobre a nova postura da central, que verá consagrado ainda este mês o direito à greve. E, no que pode ser entendido como uma alusão crítica ao desempenho dos comunistas do Leste, não se fica pelas meias-tintas: "Os sindicatos cabo-verdianos que pensem em emigrar, na impossibilidade de fundar um novo país. A Polónia pode ser o destino".

Nenhuma instituição é poupada: "As Forças Armadas já decidiram democraticamente a sua independência, e o próprio Presidente da República a eleger por sufrágio directo será independente dos partidos políticos".

A organização das mulheres, os jornalistas e as próprias crianças são alvo dos remoques: "Mesmo a Organização de Pioneiros é contra a perniciosa influência dos partidos políticos sobre as criancinhas."

Noutro local, o jornal do PAICV dá conta da decisão de manter a organização paramilitar do partido, mas sob a alçada do Governo facto que só muito a custo será aceite pelas forças da oposição. As milícias têm até agora desempenhado sobretudo o papel de polícia rural.

Liderança difícil na oposição

Depois de um primeiro momento em que reagiu de forma algo confusa, denunciando não ter previsto a aceitação da maior parte das suas reivindicações pelo PAICV — nomeadamente a constituição legal de partidos políticos, o sufrágio directo para as eleições presidenciais e o adiamento para 1991 das eleições legislativas — a oposição, corporizada pelo MPD (Movimento para a Democracia), pareceu recuperar com uma conferência de imprensa amplamente difundida pelos meios estatais de informação. Mas ao impacto mediático dessa iniciativa contrapôs-se uma imagem de flutuação na liderança, com o apagamento de Carlos Veiga, o advogado e deputado independente que inicialmente apareceu como protagonista do movimento. Em seu lugar surgiu Eurico Monteiro, que foi assessor do defunto secretário de Estado da Admnistração Pública, Renato Cardoso, mas é conotado com a facção trotskista expulsa do partido em 1979. O que pode afastar do MPD as franjas mais conservadoras.

Pouco antes, tinha circulado na cidade da Praia um panfleto anónimo pondo em causa Carlos Veiga pela sua colaboração com o regime, enquanto deputado independente e antigo procurador da República. Embora se especule sobre a origem do panfleto, que tanto poderia vir dos "crispados" do partido como do interior do MPD, certas fontes asseguram que Veiga já tinh a sofrido idêntica contestação numa reunião da assembleia dos advogados (IPAJ), donde saiu o núcleo do movimento. Ao que parece, mesmo que pouca gente devesse atirar a primeira pedra, de tal modo o PAIGC/PAICV foi envolvente em Cabo Verde, a manobra resultou.

Sombra tutelar

O MPD não tem ainda, portanto, uma liderança definida nem programa mínimo digno desse nome — insistir, como vem fazendo, na reivindicação de democracia ou no debate sobre a natureza do sistema anterior a Fevereiro parece pelo menos bizantino, já que a mudança é irreversível. A dificuldade está em que, se o programa do actual Governo sofreu uma contestação encapotada durante a preparação do congresso de Novembro de 88, por parte dos "crispados" (as chamadas "guerra da extroversão" e "guerra da sociedade civil", em que aparentemente se discutia o sexo dos anjos, mas era de facto uma polémica sobre a abertura economica e politica), numa perspectiva liberal, nem o FMI o contesta.

Mas o heterogéneo MPD tem outro problema grave: encontrar uma personalidade com expressão nacional para candidato à Presidência. É que mesmo que Aristides Pereira se retire, talhou um perfil extremamente exigente para os futuros chefes de Estado de Cabo Verde. Figura tutelar e de consenso mantida ao abrigo do desgaste do exercício diário da governação e mesmo do debate ideológico, Aristides Pereira funciona como "garantia bancária" para uma sociedade fortemente traumatizada pelo passado.

Os olhos viraram-se então para o actual presidente do Supremo Tribunal, António Mascarenhas Monteiro. Personalidade discreta e prestigiada nos dois campos, apesar de ter abandonado o PAIGC ainda em vida de Amílcar Cabral, originário de uma família influente de Santa Catarina o "fief" cobiçado por todos os políticos cabo-verdianos — Mascarenhas Monteiro vem pelo menos imitando Aristides Pereira num ponto: não se "descose", invocando a reserva da magistratura. Alguns próximos dizem, porém, que poderá estar simplesmente a aguardar para apresentar uma candidatura alternativa "suprapartidária", caso Aristides Pereira se retire. O MPD não teria então outro remédio senão apoiar.

O engraçado no actual panorama cabo-verdiano é que o Governo e o PAICV — pelo menos o seu sector reformista — têm mais necessidade de uma oposição prestigiada do que ninguém. A pressa com que foram recebidos por Aristides Pereira os cabeças do "Manifesto dos Seiscentos" e a imediata "nomeação" do MPD pelo regime são disso prova. No MPD, pelo contrário, o facto do núcleo principal vir quase todo ele do serralho do partido é sentido como um estigma incómodo. Daí que alguns elementos defendam em privado uma estratégia de confronto (indo até ao confronto de rua) que os legitimasse como lutadores por uma liberdade que o PAICV teima em oferecer de bandeja. Quando fartura é muita, pobre desconfia...

Manuel Delgado

QUOTIDIANO

Miguel Beleza estreia-se esta tarde no CPCS num clima em que os sindicalistas querem para já a aplicação da Carta Social Europeia

Coesão social traz concertação de volta

Pereira Lopes, presidente da UGT, acusa a sua central de não ter uma estratégia clara sobre concertação social, enquanto a CGTP mantém reservas quanto ao empenhamento da sua congénere na unidade sindical. É neste clima que Miguel Beleza, ministro das Finanças, tem esta tarde o seu baptismo no Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS), numa reunião em que essencialmente estará em foco a coesão social e a aplicação, em Portugal, dos princípios da Carta Social Europeia, matérias subscritas pelo Governo, mas sobre as quais pouco se tem feito, segundo acusações sindicais.

Miguel Beleza, que esta tarde presidirá à reunião do CPCS em representação do primeiro ministro, estará sob o «fogo» das centrais sindicais. Que aplicação o Governo pretende fazer no nosso país do programa de acção que o Conselho Económico e Social da CEE negociou com Jacques Delors contemplando os princípios da Carta Social Europeia e que Portugal subscreveu é a resposta que o grupo trabalhador pretende.

A reunião desta tarde do CPCS tem em agenda quatro pontos: o «balanço da Cimeira de Dublin» (reestruturação industrial); a «União Económica e Monetária - perspectiva portuguesa»; a «Europa social» e «outros assuntos no âmbito do Conselho Coordenador». Este último ponto poderá englobal um vasto leque de matérias, tanto mais que há bastante tenmpo que o Conselho Coordenador não se reúne.

Recorde-se que quando falharam as reuniões bilaterais entre as centrais sindicais e o CNEP, Torres Couto escreveu ao primeiro-ministro solicitando uma reunião do CPCS sobre a questão da Carta Social Europeia.

No entanto, a questão no seio da central parecer não ser pacífica, pois, segundo declarou ao DL Pereira Lopes, «as coisas sobre concertação social estão muito confusas na UGT. Gostava que a central clarificasse qual a sua estratégia». Para o presidente da UGT os assuntos hoje em discussão estão a ser «resolvidos em cima do joelho».

«A UGT fala muito em modernização e em acordos de médio prazo, mas de concreto nada se faz com profundidade», disse Pereira Lopes, acrescentando que isso poderá levá-lo a não estar presente na reunião de logo à tarde.

Por outro lado, a CGTP também parece não estar muito satisfeita com a troca de cartas entre as duas centrais, sobretudo depois da resposta que a UGT lhe enviou sobre o seu convite para a unidade concreta na acção.

Apesar disso, para preparar uma estratégia comum do grupo trabalhador do Conselho Coordenador do CPCS, as duas centrais sindicais reuniram-se esta manhã e, segundo o DL conseguiu apurar, a questão da coesão social e a aplicação da Carta Social Europeia em Portugal são os assuntos a que pretendem dar prioridade.

Pressionar o Governo nesse sentido é a sua intenção, tanto mais que os governos dos Estados membros estão obrigados a apresentar, até final de 1991, um relatório sobre o que realizaram.

E.A.

Luta de milhões para duas rádios regionais

A luta é de centenas de milhar de contos e não é pacífica. Está reaberta a guerra entre as rádios privadas, pela posse dos dois sinais das estações regionais cujo prazo para candidaturas terminou ontem. Concorrem seis candidatos.

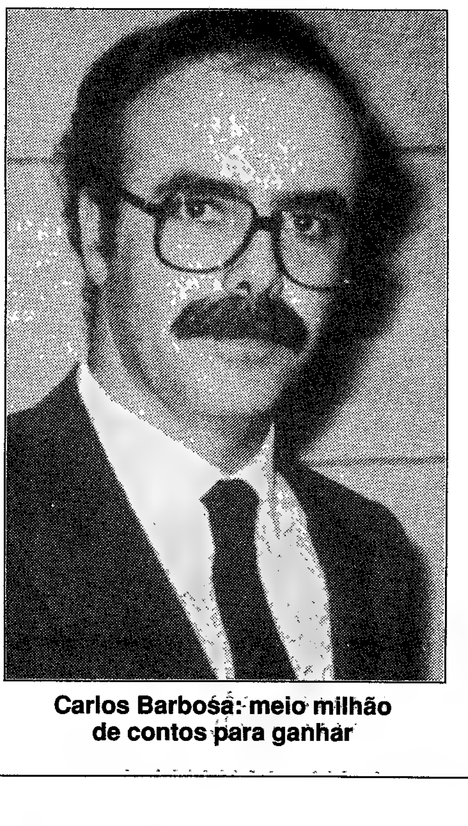
Em Lisboa juntou-se um grupo de «estrelas» da Comunicação Social, com bastante capital (350 mil contos), para «vencer à partida». Joaquim Letria e o excelente leque de profissionais reunidos em torno da Rádio Colina já se sentem vencedores. Ao contrário dos restantes postos de emissão, foi o único que se organizou expressamente para concorrer a este projecto. Os seus responsáveis, como disseram ao DL, estão confiantes na viabilidade económica do projecto das rádios regionais, «a publicidade cresce 20 por cento ao ano», lembraram-nos. Temem, no entanto, que as suas emissões venham a afectar algumas rádios locais que já enfrentam dificuldades económicas para se manterem em actividade.

Carlos Barbosa, da administração da Presselivre - a empresa que sustenta a candidatura do Correio da Manhã Rádio - é de opinião que, em termos de mercado, as estações regionais não vão competir com as locais porque as suas vocações são completamente distintas. A sua sociedade investiu 500 mil contos no projecto regional e Carlos Barbosa, «que até já tem dois ou três locais apalavrados para instalar os novos estúdios» não tem «dúvidas nenhumas de que vai ganhar a frequência».

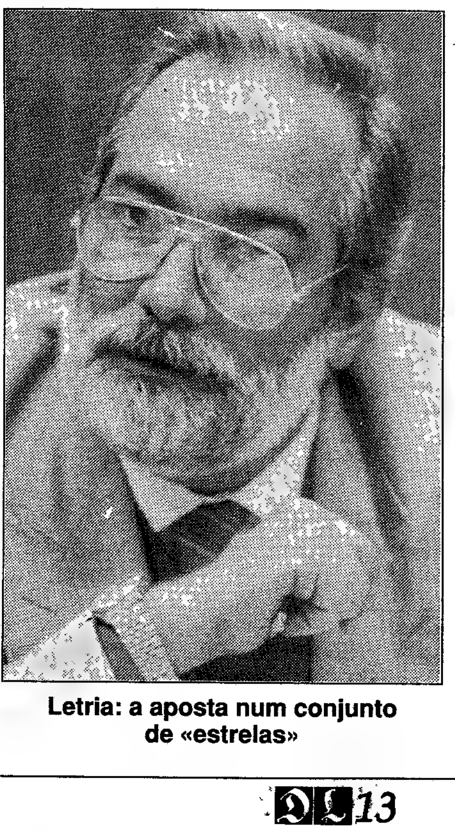
A Rádio Nova, no Porto, investiu «só no projecto de apresentação da candidatura, 15 mil contos» e o investimento global deverá ultrapassar os 350 mil contos. Carlos Moreira da Silva, da administração da Sonae - grupo que apoia aquela estação de rádio - disse ao DL que está prevista a instalação de redacções nas capitais de distrito na zona norte e uma, de maior dimensão, em Lisboa. «Uma rádio regional não vai ser mais nociva para as estações locais do que são hoje as nacionais», disse Moreira da Silva.

A Direcção-Geral de Comunicação Social recebeu ainda da Rádio Press, que emite no Porto e, no sul, a segunda frequência, é disputada, também, pela Rádio Cidade, que emite a partir da Amadora, pela TSF - RádioJornal.

P.A.



Carlos Barbosa: meio milhão de contos para ganhar



Letria: a aposta num conjunto de «estrelas»

BREVES

Ultrapassagem mata duas pessoas

Esta manhã, pelas sete horas, na zona da Marateca, próximo das Águas de Moura, um automóvel ligeiro chocou frontalmente com um camião, de que resultou a morte do casal que seguia no primeiro veículo. O acidente foi causado por uma ultrapassagem irregular feita pelo condutor do automóvel. Os corpos, depois de retirados pelos bombeiros do amontoado de ferro e chapa, foram levados para o Hospital de Setúbal onde, verificado o óbito, ficaram depositados no serviço funerário.

Professores podem sair da Função Pública

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, disse ontem no Porto que os professores não deveriam estar inseridos na Função Pública. Falando aos jornalistas, o governante acrescentou que, no entanto, a saída dos professores da Função Pública «é um processo que vai demorar o seu tempo» e que apenas poderá ser iniciado após a autonomia dos estabelecimentos de ensino. Roberto Carneiro participou numa reunião com autoridades regionais e locais sobre a reforma educativa, em que participaram cerca de 80 responsáveis.

Câmara recupera vilas operárias

Recuperar as 80 vilas operárias e os mais de 200 pátios existentes na capital é uma das tarefas da nova Direcção Municipal de Reabilitação Urbana, criada pela Câmara, disseram fontes camarárias. Criado por iniativa do vereador Rui Godinho, o novo departamento será dirigido pelo arquitecto Filipe Lopes que coordenará todo o trabalho de recuperação urbana e irá agrupar os gabinetes técnicos já existentes de Alfama e Mouraria.

Imprevidência mata na doca de Faro

Uma mulher e um homem morrearam na noite de ontem quando o automóvel em que se encontravam caiu na doca de Faro, imobilizando-se três metros abaixo do nível das águas. Fernando de Oliveira Grilo, de 44 anos, sargento da Marinha, tinha-se prontificado a reparar uma avaria no veículo, quando uma presumível manobra errada precipitou o carro na água. O sargento Grilo tomara o lugar de Zélia Aniceto Santos, de 27 anos, que assim presenciou o drama em que pereceu, também, a outra ocupante do automóvel, Maria Emília Correia, de 21 anos.

URSS
Gastronomia e Moda
SALA ZURIQUE
Dias: 16, 17 e 18 de Maio às 19h.30m.
Se deseja fazer a sua reserva, contacte-nos por telefone.
com a colaboração de:
EXPOCENTR
planco
GRUPO PÃO DE AÇÚCAR
Lisboa Penta Hotel
Av. dos Combatentes - 1600 LISBOA CODEX
Telef. 7264554 Fax 7264281 Telex 18437

A ex-ministra defendeu, afinal, o único projecto viável para a saúde mental. É uma boa parte dos médicos quem o afirma

Psiquiatras enaltecem política de Beleza

Não é recomendável ter qualquer perturbação de ordem psicológica ou psiquiátrica, todos o sabem. Os próprios médicos especialistas não se entendem. Sábado, uma corrente de opiniões próxima dos projectos de saúde mental descentralizados, com «saudades» das perspectiivas de Leonor Beleza para a política do ramo, em desfavor dos grandes hospitais/prisões centrais, reuniu-se, em Amarante, e aprovou documentos pouco simpáticos para o titular da pasta da Saúde.

Álvaro de Carvalho: o atendimento dos doentes tem de ser humanizado

O «DL» entrevistou o psiquiatra Álvaro de Carvalho, um dos porta-vozes do projecto renovador dos centros de atendimento público destes doentes. Quisemos ouvir o ministro Arlindo Carvalho, antes da publicação da entrevista. Ele mandou dizer que não queria nem podia falar, neste momento, sobre política de saúde mental. Fica, portanto, apenas o diálogo com o médico. Quase pareceu uma consulta.

— *O movimento que se está a polemizar em relação aos centros de saúdemental é o resultado de uma mudança de política do Ministério da Saúde ou é a expressão de uma situação que não está bem e que os médicos querem mudar?*

— Parece ser a tradução de uma mudança da política de saúde mental do actual ministro porque, pelo menos desde há cinco anos, esta área foi reinvestida a nível político para que Portugal ficasse a par do que está a ser praticado, neste domínio, na maioria dos países da Europa e nos Estados Unidos. Este ministro, um pouco imprevistamente, tem vindo a manifestar intenções de alterar tal movimento.

— *Esse movimento é um projecto?*

— É um projecto mas, antes, deixe-me recordar-lhe que, em Portugal, toda a política de saúde neste domínio assenta na lei base de 1963, altura a partir da qual foram criados diferentes centros a nível distrital. Porém, nível dos grandes centros de Lisboa, Porto e Coimbra a assistência psiquiátrica tem estado a cargo dos grandes hospitais especializados que são estruturas pesadas.

—*Qual é, portanto, o sentido do projecto ou do programa, como lhe quiser chamar?*

— É no sentido de desinstitualizar, para que a assistência deixe de se basear em estruturas pesadas nos grandes hospitais psiquiátricos, que têm dificuldade de responder de um modo personalizado às necessidades, necessidades essas que como facilmente se entende não passam apenas por uma intervenção hospitalar e medicamentosa, mas, na maioria dos casos, exigem uma intervenção ao nível da família do doente e, preferencialmente, junto do meio onde o doente habitualmente vive. Como sabe, é um estigma ainda hoje, para a maioria das pessoas, ter se ser tratada psiquiatricamente e, nomeadamente, ter de ser internada num hospital psiquiátrico.

O modelo que tem vindo a ser desenvolvido e que genericamente se designa por psiquiatria comunitária ou psiquiatria social permite, através de centros de saúde mental, que cobrem entre 200 a 300 mil habitantes, oferecer cuidados diferenciados e personalizados às pessoas que evitam — e a experiência não só portuguesa mas internacional está farta de o demonstrar - o internamento de muitos doentes e, portanto, um agravamento desse estigma.

— *O que me está a dizer, no fundo, é dar razão à política da anterior ministra da Saúde, Leonor Beleza?*

— Foi uma coincidência ela ter apoiado essa política, porque esta orientação não tem nada a ver com nenhuma opção partidária concreta. É a política que a Organização Mundial de Saúde defende há vários anos e, inclusivamente ao nível do Conselho de Europa há um compromisso de Portugal assinado em 1985 e há, a nível da CEE, fundos vários que pretendem fomentar e desenvolver investimentos nesta área. Não tem que ver com nenhuma opção política partidária a nível nacional.

—*A nível nacional o Hospital Júlio de Matos pode ser desmantelado?*

— Isso foi outra confusão infeliz. A questão da reestruturação da saúde mental e a questão de um eventual desmantelamento do Júlio de Matos ou de outros hospitais psiquiátricos apareceu coincidentemente. Este projecto é anterior a isso, já vinha de gabinetes ministeriais passados e, o facto de ter aparecido em simultâneo, fez com que não só a nível do público, como dos técnicos psiquiátricos - que nunca saíram dos hospitais - surgisse uma grande reacção. Penso que, actualmente, o ministro está a ser influenciado, pelos médicos de saúde mental que têm muito receio de sair dos hospitais e, portanto, tentam sobrevalorizar os hospitais psiquiátricos sem se aperceberem das vantagens e das especifidades do trabalho comunitário.

— *Fala de opções técnicas de colegas seus, médicos, mas fala também de pressões políticas sobre o ministro. O que o leva a dizer isso?*

— O que posso dizer, como simples cidadão, é que este ministro está a alterar a posição do gabinete anterior em relação a algumas áreas da saúde em que houve polémica e desgaste da imagem da ministra Leonor Beleza. Aparentemente, tal como acontece com as urgências em Lisboa, dá a sensação de que o ministro Arlindo de Carvalho está a procurar responder - usando uma linguagem médica e psiquiátrica - ao sintoma que a população menos informada e alguns políticos manifestam como de protesto.

— *As posições que me está a transmitir não são consensuais entre toda a classe médica desta especialidade, como estamos todos a entender?*

— Não, não é de maneira nenhuma.

— *E como é que se poderia chegar a essa posição?*

— Obviamente, como em todas as áreas, através do diálogo apesar de ser preciso que as pessoas envolvidas estejam interessadas nisso. A leitura, que não é só minha, é a de que os técnicos de saúde mental comunitária têm estado numa atitude mais dialogante do que os outros que defendem uma psiquiatria mais hospitalar, até porque estes últimos têm sido de algum modo «afectados». Porque passa tudo por uma grande mudança de conceitos. Eu, quando vou dar apoio a uma escola secundária da minha área ou aos clínicos gerais dos centros de saúde que são abrangidos pela equipa a que pertenço, acho que estou a fazer um trabalho mais diferenciado. Receber doentes que mando internar ou auscultá-los em consulta é um campo muito mais restrito.

— *A exoneração do professor Caldas de Almeida foi determinada porquê?*

—Foi ele que pediu a exoneração porque tanto quanto eu sei o ministro terá demonstrado que não estava de acordo com a política que estava a ser seguida e para a qual o professor Caldas de Almeida tinha sido convidado pelo gabinete anterior.

—*Depois da sua exoneração, dado que ele estava a coordenar o projecto, este ficou parado?*

—Não, parado não está, têm é surgido vários indícios de que há intenção da parte do ministério de prejudicá-lo.

—*Estas preocupações já foram levadas, por certo, ao ministro, já houve encontros com ele?*

— Seguramente que houve com o professor Caldas de Almeida, senão não teria havido o pedido de exoneração. Os centros de saúde mental, que estão organizados e têm um secretariado reuniram esta fim - de - semana em Amarante e aprovaram um documento que vai ser di-rigido ao ministro da Saúde, independentemente de dar conhecimento das conclusões às organizações internacio-nais.

—*Mas já houve experiências deste tipo, por sinal muito negativas, em Itália e na Grã-Bretanha?*

— Foi verdade que houve experiências bastante negativas. Simplesmente, essas experiências não são iguais às que estão programadas e têm sido executadas aqui.

—*Não teme que em Portugal suceda o mesmo que aconteceu na Itália?*

— Se for concretizado o projecto que tinha sido aprovado de maneira nenhuma. Pelo contrário.

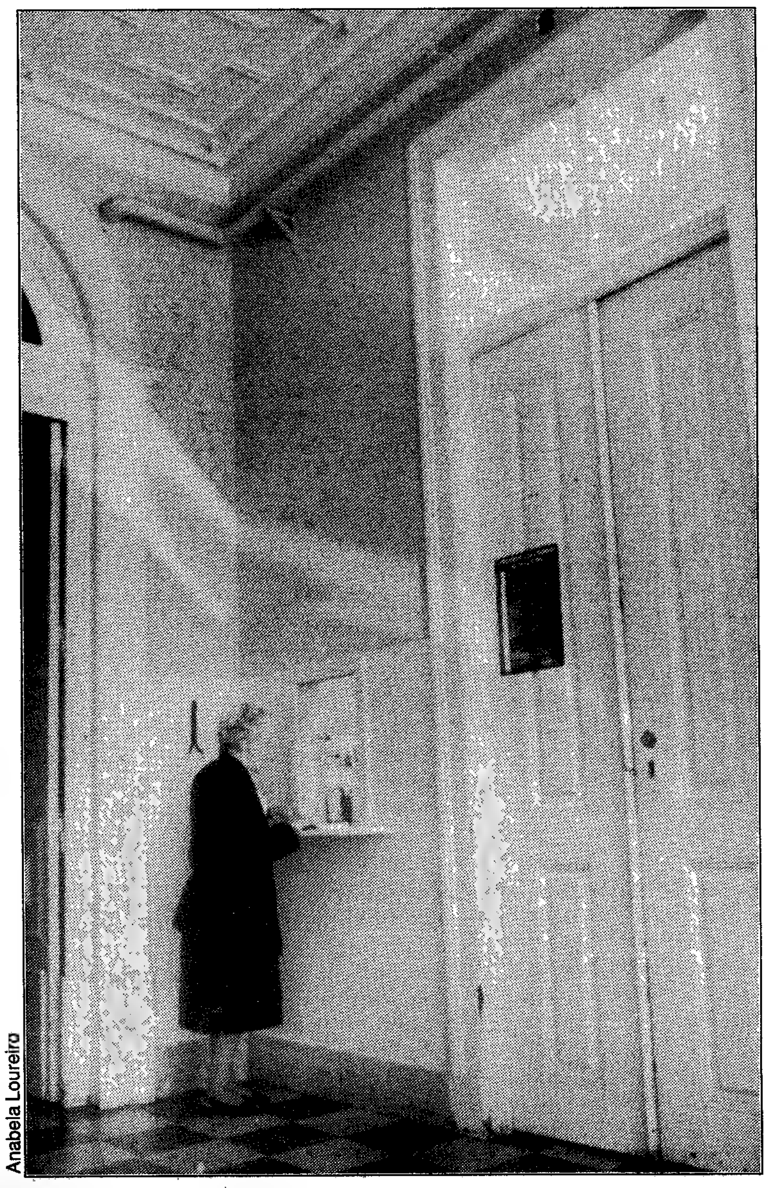
— *Acha que a sociedade portuguesa e a família portuguesa está preparada para receber, no seu seio e em casa, um doente mental e dar-lhe o apoio indispensável?*

— A questão não se põe só assim. Pretendemos, através de diferentes tipos de técnicos, ajudar os doentes que tenham capacidade de ser integrados socialmente. E aqueles que não estão nessa situação, serão deslocados para residências protegidas mais pequenas, mais humanizadas, que lhes permitam ter um nível de vida muito mais satisfatório.

— *Posso concluir que a ministra Leonor Beleza tinha razão na sua política de saúde mental?*

— Ela limitou-se a sancionar um projecto de reestruturação política a nível da saúde mental que já existia antes do seu Governo e portanto, nesse aspecto, teria razão. Mas de maneira nenhuma há que confundir este projecto de saúde mental com qualquer medida da ex-ministra Leonor Beleza ou de qualquer opção do partido no Governo.

Pereira de Almeida



Anabela Loureiro

Na esperança, diária, de uma vaga para consulta

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Luna-Park: o carrocel volta a andar

Das promessas de Abecasis apenas restam uma sociedade, alguns projectos e 300 mil contos já gastos

A Câmara de Lisboa analisa, na reunião plenária de hoje a questão do Luna-Park. Ainda nada de concreto será decidido sobre uma das grandes apostas de Abecasis. Ideias para o futuro só depois da abordagem circunstanciada dos factos. «Vamos centrarnos na análise dos contratos assinados até aqui», disse ao DL fonte camarária.

Apesar de a nova vereação ainda não ter divulgado a natureza dos seus projectos para aquela área, sabe-se que pairam sobre a questão Luna-Park algumas sombras do passado recente. De facto, o actual administrador do Zoo lisboeta já fez saber que expandirá os limites da instituição se o Luna-Park ficar naquele lugar. Mas, para entender esta história, é melhor andar para trás no tempo.

Em 1973 já se começava a estudar a possibilidade de um Luna-Park ser construído na zona de Algés. Na altura, a iniciativa partia da Administração Geral do Porto de Lisboa e tudo levava a crer que dentro de pouco tempo a capital teria um grande parque de diversões de nível europeu.

As promessas de Abecasis

Apesar das grandes esperanças, só seis anos mais tarde se voltaria a falar no assunto. Em 1979, Nuno Abecasis prometia durante a sua campanha eleitoral dotar a cidade de um verdadeiro Luna-Park... à americana.

Chegado ao poder não deixou a promessa cair em saco roto e entre os diferentes grandes projectos que abraçou neste seu primeiro mandato, o do Luna-Park sobressaía. O autarca decidiu encetar o negócio com uma personagem cuja lembrança ainda hoje perdura entre os que acompanharam de perto o caso.

Felix Naharro Pires. Um *self-made-man* que tinha na altura como lema «fazer grandes coisas com pouco dinheiro». De facto, o seu percurso no mundo dos negócios assim o comprovava. Confrontado com a possibilidade de participar num empreendimento como o do Luna-Park, não hesitou. Assim, de sócio da pequena Exportrade cujo capital social era de 500 contos, o empresário chegou a membro da Sociedade Luna-Park- Parque de Diversões de Lisboa, Lda., através da Exportrade- Empreendimentos e Comércio Internacional que entretanto constituíra.

Negócios

Para entrar na nova sociedade, de 25 mil contos de capital social, Félix Pires participou com 17.500 (70 por cento), quota maioritária, cabendo ao Jardim Zoológico 10 por cento e à Câmara de Municipal de Lisboa, 20 por cento. Terreno para localizar o empreendimento também não era problema: uma parcela da área vizinha do Zoo lisboeta.

Tudo estava a andar sobre rodas. E as coisas pareciam seguras para o lado do sócio maioritário. Através da posição forte que detinha, Félix Naharro Pires exigiu, numa das cláusulas dos estatutos da sociedade ,que a Feira Popular fosse, pura e simplesmente, desactivada, através da não renovação da cessão dos terrenos.

Com esta medida, muito embora não se soubesse o que fazer aos numerosos feirantes, ganhar-se-ia um terreno avaliado em cinco milhões de contos, que ficaria expectante.

Entretanto, a Câmara começou a avançar com as primeiras obras de preparação para as infra- estruturas do futuro Luna-Park. Apesar de ser sócio apenas com 20 por cento do capital, o município disponibilizou as primeiras verbas necessárias para pôr tudo a mexer. Gastaram-se do erário municipal, quase num ápice, cerca de 300 mil contos nas obras de um projecto cujo investimento total rondava um milhão e meio de contos, a preços de 1981.

Ritmo lento

Simultaneamente, o Jardim Zoológico resolveu vender à Sociedade Luna-Park um terreno, avaliado em 3300 contos, para o qual a Câmara posteriormente aprovou um projecto de urbanização, passando a valer aquela parcela 476 mil contos.

Sendo a Exportrade - Empreendimentos e Comércio Internacional a parte maioritária na sociedade Luna-Park , é fácil verificar quem ficou a ganhar com a operação.

O ponto da situação do negócio era este, em finais do primeiro mandato de Krus Abecasis. Estava-se em 1983. Pouco tempo depois, o presidente voltava a ser eleito mas já não com a confortável margem que tinha obtido em tempos passados.

Ciente deste facto, a oposição resolveu contestar a forma como estava a ser conduzida a criação do Luna-Park.

A APU chegou a defender o abandono, por parte da Câmara, daquele negócio, mas a posição que acabou por vingar foi a do bloqueio das obras e tentativa de aumentar a participação da Câmara na sociedade. As negociações foram demoradas e complicadas. A dada altura, a edilidade mostrou a intenção de ficar com uma quota maioritária no Jardim Zoológico o que levou Félix Pires a pedir uma indemnização de um milhão de contos à Câmara, alegando que o contrato da sociedade Luna-Park não estava a ser cumprido.

Tentando resolver de forma «airosa» a questão, o município conseguiu, em fins de 1988, comprar à Exportrade a sua participação de 70 por cento na sociedade.

Félix Naharro Pires sai do projecto, mas não de mãos a abanar. Leva consigo 70 por cento do que vale a sociedade, ou seja uns terrenos nas Olaias e nas Laranjeiras «prontos a urbanizar» e com estação de Metro à porta. Além deste pequeno pormenor, Félix Naharro Pires, é actualmente presidente do Conselho de Administração do Zoo, pelo que se esperam novidades quando, no final deste mês, se realizar a assembleia de accionistas daquela instituição...

Luísa Alexandra Botinas

1.000.000$00

TAMBÉM PODEM SER SEUS

Um minuto e um escudo foram suficientes para aumentar o saldo do Sr. Manuel Alves Martins na NovaRede.

Ao abrir uma NovaConta ou efectuar um depósito em dinheiro igual ou superior a 50.000$00 poderá ganhar entre 1.000 e 1.000.000$00.

Abra conta na NovaRede e peça o seu cartão AUTOMATIC.

Esta promoção é válida para os primeiros 15.000 aderentes até 31 de Maio.

NovaRede
Banco Comercial Português

Inovação e Rapidez

Se bem que alguns magistrados entendam que a interpretação da legislação portuguesa permite a prática da eutanásia, a deontologia médica proíbe-a incondicionalmente

Será que é justo punir?

Uma legislação rigorosa, mas despenalizante da eutanásia, que respeite o direito do indivíduo a determinar quando e como quer morrer, em caso de doença terminal, incurável e dolorosa, tem sido objecto, um pouco por toda a Europa, de uma luta de mais de 50 anos dos Movimentos a favor da Eutanásia Voluntária.

A lei portuguesa não tem qualquer disposição explícita contra a eutanásia, mas apenas disposições gerais de inviolabilidade da vida humana, e particulares para casos de "homicídio a pedido da vítima" e para "incitamento ou ajuda ao suicídio". Há menos de um ano, a Assembleia da República, através da sua Divisão de Informação Legislativa e Parlamentar, interessou-se pelo problema e pediu à Ordem dos Médicos informação sobre a legislação existente.

"Sob a designação de eutanásia, a situação não está prevista em qualquer diploma legal", repete ao DL o que disse à AR José Durão, consultor jurídico da Ordem dos Médicos, com assento na Comissão de Juristas das Ordens dos Médicos da CEE. "O que existe, neste momento, são duas disposições do Código Penal, sobre homicídio a pedido da vítima e sobre incitamento ou ajuda ao suicídio (01). Ambas as situações são previstas e punidas: quem matar uma pessoa imputável e maior, determinado pelo pedido constante, consciente e expresso que ela lhe fizer, será punido com pena de prisão de 6 meses a 3 anos. (01) A lei considera esse acto homicídio."

Mas a brandura da pena, comparada com a prisão de 8 a 16 anos para um crime de homicídio puro e simples, sugere que o legislador as considerou como situações diferentes. Mas então, porque não chamou eutanásia a uma e homicídio a outra?

"Não há diferença nenhuma. Eu também entendo que a eutanásia é um homicídio. No caso de ajuda ao suicídio, p.ex. de um paraplégico, também é punível. Mas nada disto está na lei portuguesa sob a epígrafe de eutanásia."

José Durão defende o seu ponto de vista e o dos códigos médicos e do Estado, afirmando que o direito à morte e ao suicídio não existe e que as tentativas de suicídio não conseguidas também são penalizáveis. "Quebrar o princípio da inviolabilidade da vida humana é que me parece perigoso".

O juiz Álvaro Lopes Cardoso contraria a opinião institucional, afirmando ao DL que a lei aplicável à eutanásia existe, e que é só uma questão de a interpretar. " A lei está feita, é uma questão de a interpretar. A minha interpretação é de que a eutanásia pode ser lícita, se se destinar a poupar o sofrimento a alguém em doença terminal irrecuperável."

Ao artº 134 do Código Penal português, que prevê que o "homicídio a pedido da vítima" é punível com 6 meses a 3 anos de prisão, o juiz A. Lopes Cardoso acrescenta o artº 150 (1) do mesmo C.P., que salvaguarda a responsabilidade do médico ou do assistente ao doente. "Não é necessário que a permissão da eutanásia esteja mais explícita na lei, segundo a minha interpretação."

Lopes Cardoso apoia a sua visão da lei em alguns princípios, embora genéricos, que a lei também consagra e que reconhecem que a "integridade moral e física do cidadão é inviolável"(2), bem como o direito à "reserva da intimidade da vida privada"(3) e "à liberdade de consciência"(4). Segundo o juiz, a lei "protege os indivíduos contra qualquer ofensa ilícita ou ameaça de ofensa à sua personalidade física ou moral"(5), prevendo que "a ilicitude" possa decorrer apenas da "falta de consentimento" da pessoa em causa(6).

Num livro que escreveu sob o Título "O Direito de Morrer", o juiz português tira como conclusões (que confirmou pessoalmente ao DL) que o indivíduo tem, em última análise, o direito a decidir sobre a sua própria integridade física e moral ou sobre a sujeição a quaisquer violações da sua consciência, ou seja da sua concepção pessoal de vida. "Se houver um caso de eutanásia, em que a pessoa que morreu estava lúcida e pediu para morrer e se me provarem isso, eu, como juiz, absolverei o médico ou quem assistiu a pessoa na morte. Mas aí, a questão principal, depois de definido o caso como eutanásia, é saber se foi dado o consentimento do doente."

Como se explica então que a eutanásia seja de facto proibida no dia a dia do nosso país? Como se explica que tantos médicos se escudem na lei, para assistir impotentes à agonia dolorosa dum seu doente, "até que a morte o leve"?

"Isso é uma das coisas que me revolta. Acontece porque esse acto é contra as instituições Igreja e Estado, que se consideram donos dos cidadãos, comenta Lopes Cardoso.

O Estado sente-se ofendido por a pessoa dispor de si e a Igreja também, pois só Deus é que tem o poder de criar e matar, o cidadão não. Nós pertencemos-lhes, eles são nossos donos. Se houvesse complexos de culpa colectivos, quando um indivíduo se enforcasse o Estado ficaria com remorsos, como se fosse um filho seu, pois considera-se que se um indivíduo se mata, é porque a mãe e o pai não lhe souberam dar tudo. E sendo essa a sua lógica, o Estado e a Igreja sentem-se responsáveis por nós...embora, talvez inconscientemente. Além disso, ambos proíbem a eutanásia porque perdem o controlo sobre a pessoa, ela torna-se um ser livre ao determinar o momento da sua própria morte."

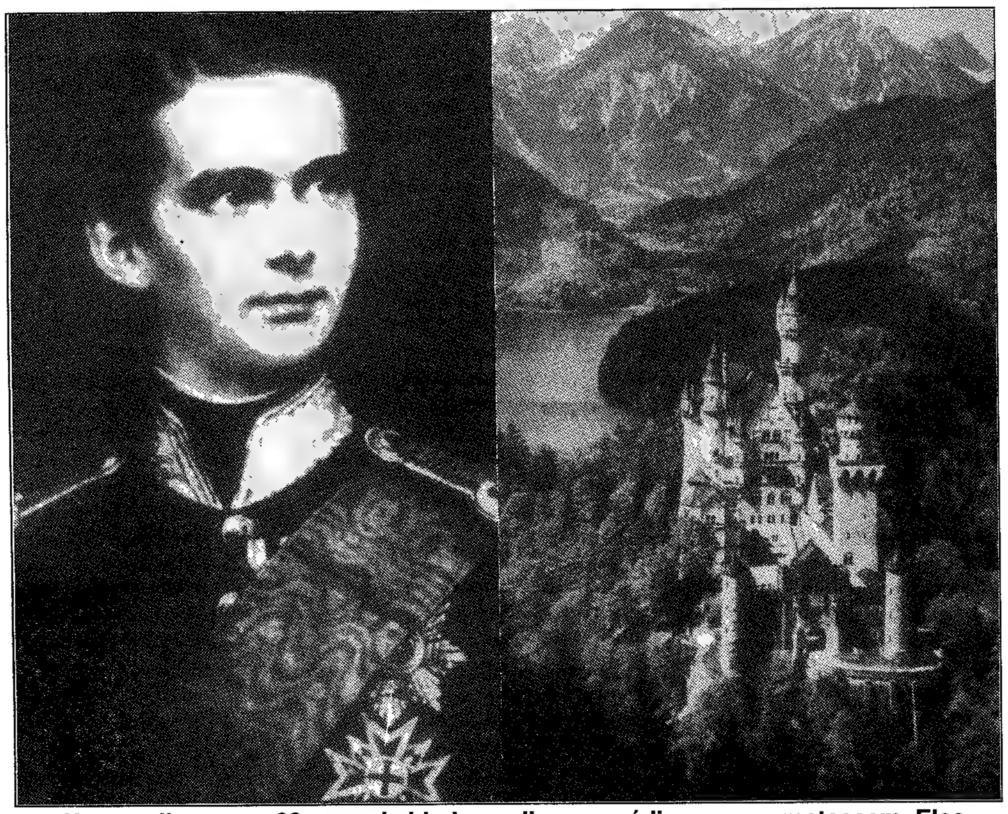
A Europa tem levado algumas décadas a debater a questão, sem que algum país tenha já adoptado medidas verdadeira e abertamente despenalizantes da *morte suave*. E embora cada vez mais a corrente que defende a "autodeterminação" do momento da morte dum doente incurável em degradação física irrecuperável - ganhe força à luz da defesa dos direitos individuais, poucos países têm conseguido chegar a conclusões muito claras sobre todos os problemas envolvidos.

"Na CEE, na Comissão de Juristas das Ordens dos Médicos, tem-se discutido a questão e penso que só a Dinamarca tem defendido a eutanásia", refere ao investigador o consultor jurídico da Ordem dos Médicos. "No concreto pode não repugnar uma atitude, mas isto é uma questão de princípios. Um exemplo, na Alemanha nazi quebraram-se princípios para experiências humanas, e a breve trecho, com o evoluir do nazismo, esses princípios quebrados tornaram-se regras, e mataram-se judeus ao abrigo dessas excepções. As excepções tornaram-se regras. Por isso, é ao nível dos princípios que isto tem de ser discutido, os casos concretos ficam à consciência de cada um. Mas se quebrarmos este princípio e, a nível legislativo, se permitirmos seja que tipo for de eutanásia, seja em que circunstância for, por muito excepcional que seja, a verdade é que ninguém nos garante que se estalar um conflito, não venha essa excepção tornar-se regra, porque a lei prevê a excepção."

Noutros países, os defensores da eutanásia contrapõem a este argumento que a eutanásia é a provocação duma morte suave e voluntária, no momento escolhido pelo doente, e não a morte encontrada às mãos de outrem, que a determina a seu belo prazer. E como suporte dessa filosofia, propõem o Testamento Vital ou Biológico, no qual a pessoa deixará expressas as condições em que não lhe devem ser ministrados mais tratamentos, quem será o seu representante em caso de incapacidade própria e em que condições deseja que lhe ponham termo à vida para acabar com o sofrimento.

"Na eutanásia activa há uma coisa importante, respeitar a vontade da pessoa, se ela não quer viver mais, tem o direito de não viver mais", declara Lopes Cardoso. "Depois há o problema do médico decidir se vale a pena o doente viver mais ou não. Como sabe, a eutanásia precisa da colaboração de outra pessoa, ou porque omite ou porque comete, e isso põe em causa o respeito pela vontade do doente ou a decisão de quem não tem vagas no hospital. Suponho que só há 4 estados na América e suponho que na Holanda e na Austrália, em que o Testamento Vital é aceite para ilibar o médico de responsabilidades jurídicas (o que não pode acontecer em Portugal)".

Conhecerá o juiz Lopes Cardoso alguns casos de prática de eutanásia em Portugal? "Não. Nunca nin-



«Uma mulher, com 68 anos de idade, pediu aos médicos que a matassem. Eles acederam e foram absolvidos. Isto passou-se há um ano, na Baviera, o Estado mais reaccionário da Alemanha»

A eutanásia tem sido
da legitimidade das razões
"O Labirinto Virginal", com t

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
®
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

...m sido tratada sob diversos aspectos e perspectivas. A sua legitimidade depende ... razões apresentadas. Como se vê, nesta banda desenhada do Vagabundo dos Limbos, ...", com textos de Godard, e desenhos de Ribera, o tédio pode também ser um bom motivo para a *boa morte*

ar- o dir ver , a bo- ou ue a o do em tal. dos ue lia, l é de cas cer pes de or- in-

NA

guém descobre. A pequena diferença de uma injecção de morfina num doente canceroso que está num sofrimento horrível não se revela na autópsia e ninguém descobre. Mas é um problema complicado determinar o excesso de morfina na autópsia, que é tão poucochinho que não é revelado. Todos os dias se faz isso, cá também, pois não há espaço suficiente nos hospitais. Se um doente estiver em S.José, onde não há muitas camas, e se for pobre, apagam-no. Se ele for para uma clínica particular e estiver a pagar, obrigam-no a sobreviver. Cada dia a mais que lá está custa cerca de 32 contos! Juridicamente, na interpretação que dão à nossa lei, se o médico fizer isso é condenado, mas isso nunca se prova. Atribuem a morte a paragem cardíaca e acabou-se. Em Direito, se não se provar não se tem o direito."

Mas qualquer médico pode matar um doente, se quiser ou sem querer. "Com certeza. No entanto, se for negligência ou erro, pode provar-se. Como injectar nas veias Cetavlon, desinfectante usado nas operações, em vez de soro, por exemplo. As garrafas têm a mesma forma e isso foi um caso que aconteceu e que em 7 minutos matou um doente, que tinha ido a operar a uma perna".

O dr. José Durão confirma. Em Portugal, que ele conheça, não há casos de processos a médicos por eutanásia. Nem mesmo quando um doente está a receber tratamento extraordinário (uma máquina, por exemplo) que é interrompido a certa altura.

"Penso que ninguém poderá garantir que, se se continuar com esse tratamento, o doente vai sobreviver. Pode durar uns meses ou uns dias. Ninguém pode ter a certeza e o que está em causa é a vida humana. E isso não é o provocar da morte. Deixar a pessoa morrer naturalmente não significa provocar a morte. A eutanásia significa uma atitude positiva para a pessoa morrer naquele momento. Há também a questão da pessoa estar ou não consciente e tenho dúvidas de que, se a pessoa não estiver consciente, seja possível medir a intensidade do seu sofrimento. Se o doente está consciente, acho ainda mais grave actuar-se em morte provocada. Mesmo a pedido dele. Além disso, está punido pela lei, até 3 anos de cadeia".

Em relação ao código Deontológico da Ordem dos Médicos, baseado no juramento do físico grego Hipocrates, o jurista reitera: " Um dos seus artigos refere que constitui falta deontológica grave a prática da eutanásia (e do aborto). Diz que não é considerado eutanásia a abstenção de qualquer terapêutica não iniciada, quando tal resulte de opção livre e consciente do doente, ou do seu representante legal. Isto é quando o doente recusa um tratamento ou a família se responsabiliza por isso. Mas isto não é eutanásia, pois a morte, neste caso, é provocada por uma causa natural, a doença. A utilização de métodos clínicos para provocar a morte é que é eutanásia. O desligar da máquina, por exemplo, não garante a provocação da morte de alguém."

Parece-nos necessário falar aqui de intenções. Ao ligar-se o doente a uma máquina, a tentativa é de salvar a pessoa. Quando se desliga, já não é essa a intenção. Mas o advogado contrapõe que "ao ligar-se a máquina, tentou salvar-se a vida do doente em situação terminal. Tentou prolongar-se a vida para ver se se salvava. Isto não tem nada a ver com a morte provocada. Não é legítimo dizer-se que desligar a máquina é provocar a morte, é-o tanto como se não a tivessem ligado antes. Não tem nada a ver com a eutanásia, são intervenções clínicas cujo risco de morte é sério, quando estão em fase terminal. Ao ligar, já se sabe que uma das consequências é desligar e a pessoa morrer. Se assim não fosse, nenhum médico se atreveria a "ligar" nada, a utilizar qualquer tratamento ou máquina, pois ao terminá-lo poderia ser acusado de matar, visto que uma das consequências prováveis do ligar da máquina é a pessoa morrer, ao desligá-la. Mas desligar a máquina não é filosoficamente, clinicamente e juridicamente eutanásia. A eutanásia é a morte provocada por uma pessoa consciente que não o próprio doente, para que ele não sofra mais. Um marido que acaba com a vida da mulher a pedido dela, comete homicídio a pedido da vítima e é punido com 6 meses a 3 anos de prisão, para permitir ao juiz toda a possibilidade de atenuantes e despenalizantes. Mas o que está em causa é o princípio, que não se pode quebrar porque pode ser imparável e poderíamos estar a entrar numa coisa abominável como a do nazismo, em que se experimentou com a vida humana. A eutanásia é um homicídio e terá de ser assim conservada como princípio. O direito à morte não existe."

Pedimos ao Juiz Lopes Cardoso que nos dê exemplos de eutanásia passiva e activa, uma vez que as define no seu livro, do seguinte modo: *"Distingue-se também a eutanásia activa da eutanásia passiva: no processo conducente à morte, nos casos da sua inevitabilidade próxima, a pessoa que assiste ao enfermo administra-lhe substâncias ou tratamentos que apressam a morte, ou suprime substâncias e tratamentos que a podem protelar."*

"Com um traumatismo craneano entra-se em estado de coma, ligam a pessoa a um aparelho de reanimação, que faz a circulação sanguínea e respiratória por bombas. Uma mulher na América sobreviveu 18 anos. Desliga-se o aparelho, é eutanásia passiva, omite-se o tratamento.

Cont. na página 18

Dispor em vida do seu próprio corpo poderá vir a ser uma regra que a sociedade legitima?

Morte por testamento

Em Portugal, os Testamentos Vitais são praticamente desconhecidos. Noutros países, como os Estados Unidos e a Holanda, eles são respeitados por muitos médicos, quando a hora chega, embora não tenham ainda um valor jurídico obrigatoriamente aceite pelos tribunais. Eles constituem, no entanto, uma salvaguarda para um doente que, já inconsciente, não pode exprimir o seu desejo, e para o médico que pratica a eutanásia em cumprimento da última vontade do seu paciente. O DL recolheu três depoimentos nesse sentido, cada um com características diferentes: um crente evangélico (Joel Oliveira), um padre católico (Feytor Pinto) e um psiquiatra conhecido (Eduardo Luis Cortesão). O que hoje publicamos pertence ao evangélico Joel Oliveira(JO).

JO:(evangélico-baptista): Fiz uma declaração que repito de vez em quando aos meus familiares e amigos, para reforçar a minha intenção: no caso de eu sofrer duma doença irreversível que se saiba que conduz à morte, que cause sofrimento cruciante e no caso de eu não estar nesse momento em condições de dizê-lo outra vez, autorizo que me sejam dados os medicamentos necessários para atenuar ao máximo o sofrimento, mesmo que se saiba que eles poderão abreviar a vida. Não fiz esta declaração por escrito pois não vi necessidade disso, mas as pessoas conhecem essa minha intenção, pois reafirmo-a muitas vezes.

DL. *Mas a sua ideia não é que alguém lhe ponha fim à vida, num caso desses.*

JO. Não propriamente pôr fim à vida, poderão eventualmente desta forma abreviá-la e, mediante esta minha declaração, as pessoas não deverão ter pruridos em fazê-lo, não deverão ter em consideração outro tipo de sentimentos, visto que eu próprio autorizo que uma atitude destas seja tomada para comigo.

DL: *Porquê?*

JO. Penso que, como cristão a vida deve ser vivida duma maneira que valha a pena, quando se aproxima o momento da saída desta vida, e eu como cristão penso que o momento da morte é um momento de passagem duma vida para outra vida. Penso que, de acordo com a percepção que tenho da Bíblia sagrada e dos Evangelhos, a morte deve ser alguma coisa de muito digno. A escritura diz-nos isso em muitas passagens, por exemplo, "preciosa é ao Senhor a morte dos seus santos". O sofrimento exacerbado e cruciante que tende à anulação das faculdades mentais e à alteração da própria vontade, é na minha opinião perfeitamente inútil e eu não queria isso para mim. Mas não se poderá dizer que sou a favor da eutanásia, duma forma linear. A eutanásia tem muitas *nuances*, o que eu digo só diz respeito a mim, penso que me cabe decidir o que se vai passar comigo e é evidente que não autorizo ninguém a que me tire ou abrevie a vida, enquanto houver uma fundada esperança de que essa vida poderá recuperar fisicamente, ou eventualmente curar-se. A vida poderá não ter a mesma qualidade depois disso, mas eu só estou a falar duma situação de aproximação da morte irreversível, que é um caso muito concreto e bem definido. Mas não defendo a eutanásia activa, nem para mim, nem para os outros. Aliás, não sei até que ponto poderemos definir a eutanásia apenas nessas duas formas, acho que há mais cambiantes e que a questão é complicada. Evidentemente que o direito de dispor da vida de alguém, mesmo através da eutanásia, é extremamente discutível. Pode haver um médico cristão a quem, numa situação muito extrema, se põe a necessidade de abreviar ou não a vida duma pessoa. Acho que aí deve funcionar uma consciência cristã muito activa e ele deve ser livre para tomar a resolução que em consciência entenda ser a melhor para o seu doente. E, em matéria de leis dum país, acho muito difícil emitir leis muito rígidas ou ter a arrogância de organizar um código, em tema tão melindroso. A legislação que vier não alterará em nada a minha consciência cirstã nesta matéria e os pressupostos que já pus. Penso que mais cedo ou mais tarde, será inevitável que a legislação em Portugal tenda a aproximar-se neste campo da legislação de muitos outros países da Europa. Irá provocar muitos conflitos de consciência a muita gente, mas quando lá chegarmos veremos. Mas a questão é muito interessante e penso que todos os cristãos deveriam discutir estes problemas para formarem uma opinião, em vez de aceitarem aquilo que lhes é imposto por outros.

M.S.D.

Lei portuguesa não fala de eutanásia

Cont. da página 17

Outra coisa é a eutanásia activa, em que se mata. Desligar o aparelho faz-se diariamente nos hospitais de todo o mundo.

Em Santa Maria, há 2 aparelhos de reanimação, entram 4 doentes para reanimar, é preciso escolher. Escolhe-se dois, mata-se dois. O médico é perfeitamente descricionário nisso. Juridicamente, nesse aspecto não há processo. Mas num caso em que alguém veja o sofrimento terrível em que uma pessoa está, e por isso lhe der um miligrama a mais de morfina e a pessoa se apagar, aí a lei diz que é homicídio, embora eu entenda que não..."

Será esse miligrama a mais de morfina exemplo de eutanásia activa? "Está tudo no livro. Analisei juridicamente o problema e justifico", comenta o juiz. "Levantam-se problemas do consentimento do doente. Mas outros...O código fala de ofensas corporais e qualquer operação de apendicite é um ofensa corporal, feita com o devido consentimento. Mas há dezenas de pessoas que estão em estado terminal e pedem ao médico que as mate. Se ele as matar, do meu ponto de vista, ele não tem responsabilidade nenhuma porque foram elas que pediram, no seu impedimento de o poder fazer com as suas próprias mãos. Como se passam essas coisas? Todas num *baffond*, tudo isso se faz e ninguém diz, oculta-se."

O juiz Lopes Cardoso lembra a história da morte do rei britânico Jorge V. "O Jorge V de Inglaterra, avô da rainha Isabel, tinha um efisema pulmonar e estava a morrer com um sofrimento enorme e quando morreu, o biógrafo oficial da corte publicou a biografia dele. Há 2 ou 3 anos, divulgaram o resto das notas do médico oficial da corte de então, sobre o modo como ele tinha morrido. O rei estava a sofrer muito e o médico oficial escreveu que, dado que a morte de um rei é uma coisa tão importante, administrou-lhe mais três grãos de morfina à hora certa para sair nos jornais que têm mais dignidade. E durante 30 anos, a família real ocultou o facto. Um caso puro de eutanásia."

Mas Lopes Cardoso, como juiz, justifica isso, acha isso legítimo? "Depende da vontade da pessoa. Se a pessoa estiver lúcida...se ela puder querer...Como juiz, se me provassem que o doente pediu, absolvia.

Fizeram isso o ano passado, na Baviera, o estado mais reaccionário na Alemanha. Houve 3 casos que foram levados a julgamento, uma mulher com 68 anos, 13 operações à cara, tinha um cancro, já não podia comer senão por tubos e pediu ao médico que a matasse que ela não podia.

As pessoas nessas circunstâncias não têm acesso aos meios. E os médicos acederam e foram absolvidos, na Baviera. É que também é preciso saber o que é vida e o que é morte. A O.M.S define isso, mas hoje é praticamente pacífico que se considera um indivíduo clinicamente morto quando já não há impulsos cerebrais. Em Portugal é preciso o consenso de vários sábios.

O problema é saber se é o cérebro ou o corpo que morrem. Pode-se manter indefinidamente uma pessoa ligada a um aparelho, a circulação sanguínea faz-se por máquinas, a respiratória também e o cérebro está morto, mas a pessoa continua a respirar. Se se desliga a máquina morre-se, ou já se está morto?"

Seria possível então, num caso desses, o médico obter a absolvição em Portugal? Lopes Cardoso é categórico."Eu não teria problemas nenhuns em absolvê-lo, num caso como o da Baviera, porque essa mulher teve a possibilidade de dizer que queria morrer. Eu tenho uma interpretação da lei.

Acho que há direito à eutanásia activa e passiva. Na Igreja, já dois papas disseram que se pode suprimir o tratamento, ainda não se atreveram a dizer que se pode provocar a morte, mesmo naqueles casos terminais em que às vésperas da morte se fazem transfusões onde já não há veias. Por isso, se se está lúcido, entendo que se tem o direito de autorizar que nos matem, porque esse é o direito de dispor do próprio corpo, da própria vida. Mas se não se está lúcido, está-se nas mãos dos outros e para isso é que o Testamento Vital é útil e válido. Não em Portugal, por enquanto."

Mas outras situações se põem, como a pessoa não estar lúcida, nem ter deixado nada escrito...O juiz é claro. "Isso não...ninguém pode decidir da morte de outrem."

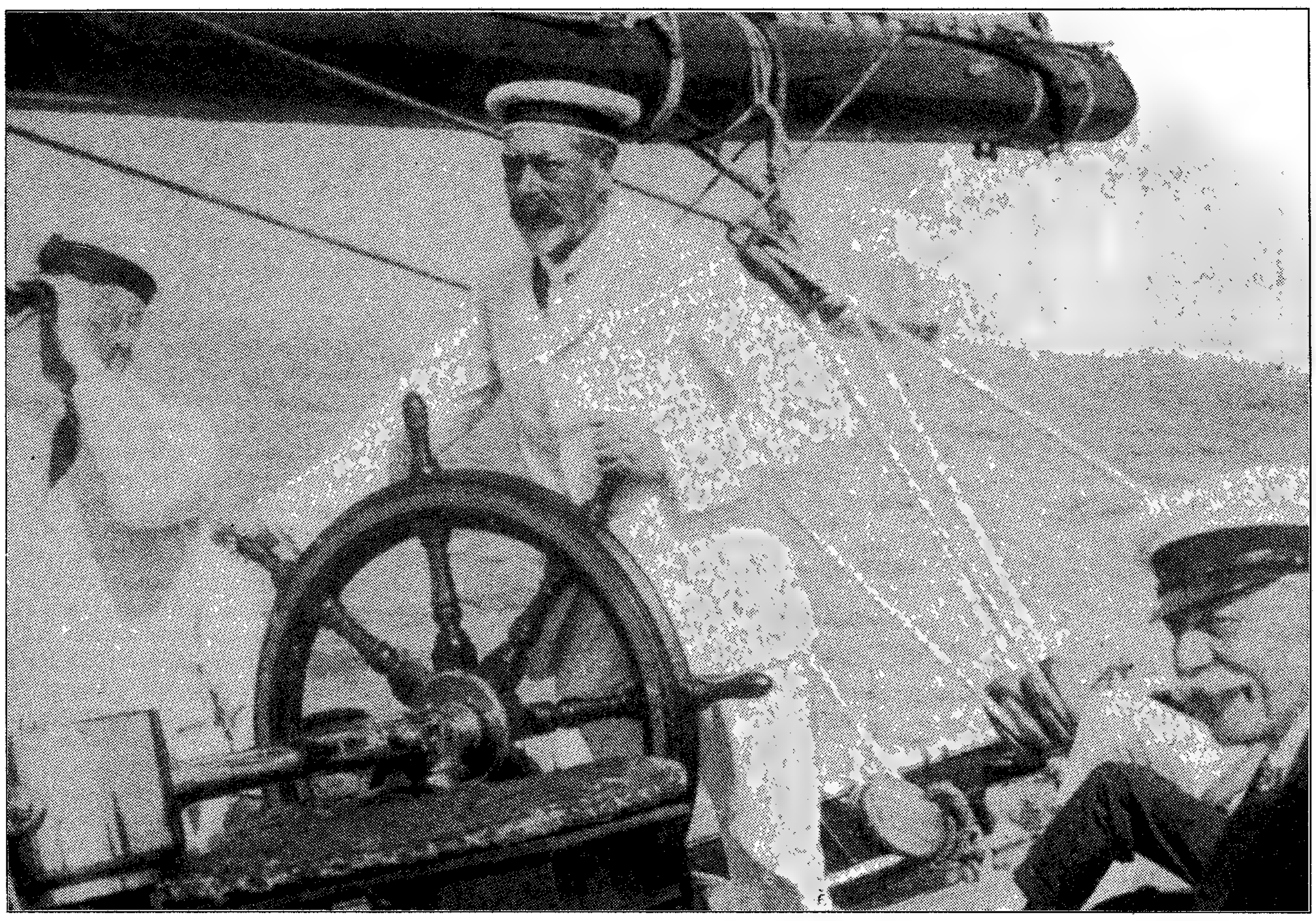
Lopes Cardoso considera legítima a argumentação de alguém, mesmo do próprio médico, de que foi por amor ao moribundo que se lhe abreviou a vida. "Ao contrário do que esses hipócritas dizem, tem-se a obrigação de poupar o sofrimento à pessoa, ou por omissão ou por comissão. E num caso desses, eu como juiz, ilibaria a pessoa. É preciso amar-se muito alguém para o matar, quando ele sofre muito. Dou-lhe um exemplo, um tipo com 22 anos, na guerra da Guiné, apanhou um estilhaço de bomba na coluna, ficou completamente quadriplégico. Tinha uma namorada e ela matou-o. Eu absolvia-a, porque é preciso ter muito amor para matar uma pessoa que se ama. Do ponto de vista dela, ela guardava o sorriso, o olhar, o beijo dele. E ele? O que tinha para dar? Outro exemplo, na guerra, um rapaz que depois duma mina ficou sem pernas. Em estado de choque, pediu ao camarada que lhe desse um tiro, ele deu-o. Na minha opinião a eutanásia aí é plenamente justificável. Mas isso é muito diferente de chegar a uma sala e escolher qual é que vai morrer, qual é o botão que se vai desligar, que doente é que se põe no bloco de reanimação. Essa escolha já não tem nada com a eutanásia".

Lopes Cardoso concorda igualmente com outro problema altamente controverso, que é o de matar uma criança deficiente antes de ela nascer. A esta situação pode aplicar-se o termo de eutanásia eugénica.

"Vou dar-lhe um exemplo. Sei de um caso, dum tipo que já tinha 24 anos, não se mexia, vivera sempre em carne viva, vivia sempre deitado numa caixa transportável, não podia ver luz, vivia há 24 anos num quarto às escuras. Qual é o sentido disso? Os pais é que se sentiam bem com a consciência, ganhavam o reino dos céus, mas é isto vida que se preserve? Tem alguma qualidade esta vida? O que é viver? É preciso não só morrer com dignidade, é necessário também viver desse modo."

Margarida Silva Dias

(01) Artº 134 e 135 do Código Penal Português
(1) Artº 150, "As intervenções e outros tratamentos que, segundo o estado dos conhecimentos e da experiência da medicina, se mostrem indicados e forem levados a cabo, de acordo com a legis artis, por um médico ou outra pessoa legalmente autorizada a empreendê-los, com intenção de prevenir...debelar ou minorar... um sofrimento... não se consideram ofensas corporais".
(2) artº 25 de Constituição
(3) artº 26
(4) artº 41
(5) artº 70 do Código Civil Português
(6) artº 71, nº 3 do C.C.P.



Juiz Lopes Cardoso: «A morte do rei Jorge V de Inglaterra foi um caso puro de eutanásia»

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

AO
Primeiro-Ministro
Ministro do Plano e Administração do Território
Ministro do Trabalho
Ministro das Finanças
Secretário de Estado do Orçamento
Secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território
Governo Regional da Madeira
Governo Regional dos Açores

PRÉ-AVISO DE GREVE

O STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, promove nos próximos dias 21 e 22 de Maio das zero às vinte e quatro horas do dia 21 e das zero às vinte e quatro horas do dia 22, uma greve nacional do Sector, incluindo as regiões autónomos dos Açores e da Madeira.

Para os trabalhadores cujo horário de trabalho se inicia antes das zero horas do dia 21, ou termina depois das vinte e quatro horas do dia 22, (se a maior parte do seu período normal de trabalho coincidir com o período de tempo coberto por este Pré-Aviso, o mesmo começará a produzir efeito a partir da hora em que deveriam entrar ao serviço) antes das zero horas do dia 21 de Maio de 1990, ou prolongará os seus efeitos até à hora em que normalmente terminaria o seu trabalho, depois das vinte e quatro horas do dia 22 de Maio de 1990, consoante os casos.

Com esta acção, os trabalhadores da Administração Local exigem do Governo:
* negociações sérias!
* aumentos salarias!
* revalorização de carreiras!
* regulamentação à Administração Local do Diploma de vínculos que garanta segurança de emprego!
* Estatuto de Aposentação justo e que salvaguarde os direitos adquiridos!

SAUDAÇÕES SINDICAIS
DIRECÇÃO NACIONAL
José Simões

ECONOMIA

Certame de Lisboa abre hoje ao público

Objectivo da Feira Internacional é renovar sectores económicos

Renovação dos sectores da economia, perspectivando as necessidades de investimentos de base e de modernização, é uma das orientações que está na base na 31ª edição da Feira Internacional de Lisboa, que hoje abre ao público, nos pavilhões da FIL. Objectivos, segundo o seu director, Sérgio Zilhão, é permitir aos agentes económicos um contacto directo com produtos e equipamentos trazidos pelos seus parceiros comerciais.

Em paralelo a este certame decorre, também até ao dia 20 de Maio, a Filtécnica, - 10º Salão da Metalurgia e Metalomecânica, dirigida a empresários, quadros técnicos e profissionais do sector, numa organização da FIL em colaboração com as Associações dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte e Sul.

A realização desta mostra, segundo Mário Secca, presidente da AIMMS, decorre porque o sector é de «extrema importância na actividade económica em geral, pois ocupa uma posição estratégica dentro da malha industrial, como fornecedor de bens de investimento para praticamente todos os sectores da actividade produtiva».

Já no que se refere à actual edição da Feira Internacional, o seu director afirmou que o contacto entre empresários portugueses e os seus parceiros de outros países permitirá facilitar a escolha e a decisão de investir, constituindo «um palco privilegiado de relações internacionais e um fórum de activo relacionamento económico».

A Feira Internacional de Lisboa, este ano, conta com a presença de 14 países: África do Sul, Espanha, Estados Unidos, França, Paquistão, Polónia e República Popular da China, para além dos ACP — Angola, Burkina Faso, Moçambique, Quénia, Zaire e Zimbabwe, cuja participação foi promovida pela CEE, ao abrigo da Convenção de Lomé IV.

Cooperação com os ACP

Entre os dias 17 e 19 de Maio decorrerá o Seminário Internacional sobre Cooperação entre empresas portuguesas e as PME dos Estados ACP (África, Caraíbas e Pacífico), com os painéis «Apoios à política de cooperação», «Experiências e perspectivas de cooperação empresarial» e «Clima de investimentos».

A presença de alguns países que integram o grupo ACP constitui, segundo Sérgio Zilhão, «um contributo valioso para uma verdadeira cooperação empresarial que permita conduzir os países menos avançados a estádios de desenvolvimento produtivo mais elevados», isto tendo presente o interesse de Portugal no desenvolvimento das relações com os países de África «é já mais que evidente e é uma realidade que continua a crescer».

A importância deste seminário é traduzida pela presença de Dieter Frisch, director geral do Desenvolvimento (DG VIII) da Comissão das Comuidades Europeias e de Durão Barroso, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, bem como de João Salgueiro, Anacoreta Correia e outras personalidades ligadas às actividades de gestão, cooperação e desenvolvimento.

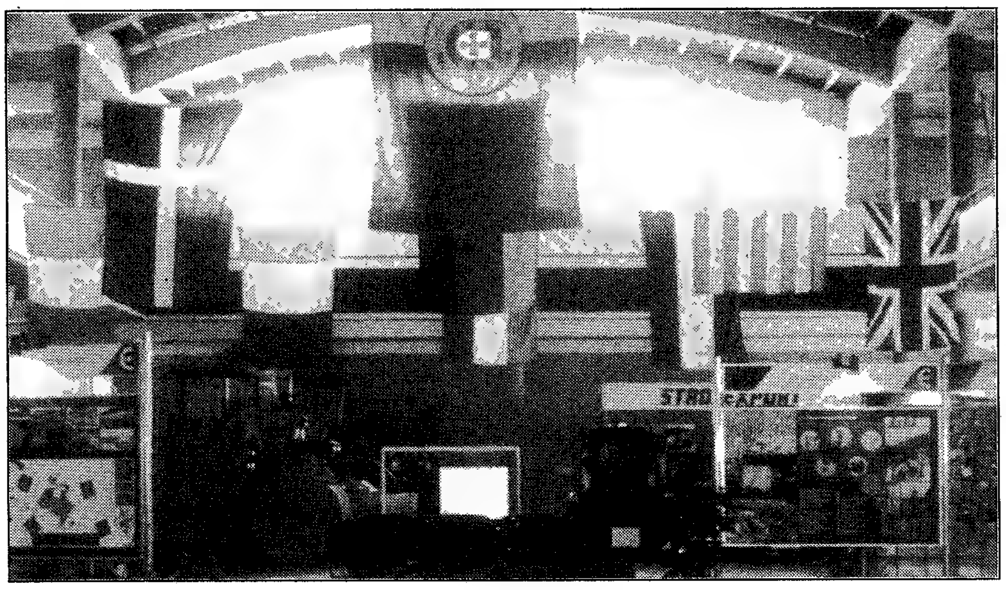
Um dos objectivos deste encontro de três dias é analisar o aumento das relações comerciais com os países africanos de expressão oficial portuguesa, numa altura em que a balança comercial de Portugal com aqueles registou, em 1989, um saldo positivo aproximado de 55 milhões de contos, o que representa um aumento de 48 por cento em relação ao ano anterior.

Objectivo da Filtécnica

Essencialmente, a Filtécnica visa dar a conhecer os produtos nacionais e conhecer a concorrência, bem como travar contacto com os novos desenvolvimentos técnicos e tecnológicos internacionais e ter acesso a bolsas de subcontratação, através da participação em certames especializados.

Mário Secca recorda que, «do passado, as empresas herdaram um conjunto de problemas estruturais que, hoje em dia, se esforçam por ultrapassar, desencadeando todo um processo de desenvolvimento e modernização, do qual o dinamismo do investimento no sector, nos últimos anos, é um bom indicador».

O presidente da AIMMS considera, igualmente, que a realização da Filtécnica tem tido uma relevância particular para o sector, devido quer à promoção a níveis nacional e internacional que tem proporcionado aos seus produtos quer pelas oportunidades de negócio que se deparam às empresas.



Feira Internacional em busca de novos mercados

Disse Mira Amaral

PEDIP apoia investigação tecnológica com milhões

A investigação tecnológica portuguesa vai receber um apoio de cinco milhões de contos, através do PEDIP, Plano Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa, assegurou ontem, em Lisboa, o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral.

O ministro salientou que as áreas tecnológicas de informação e bens de equipamento são as que têm maior incidência, representando 21 por cento do total dos projectos apresentados ao Estado, no âmbito da indústria, com vista a serem financiados.

Mira Amaral disse também que vai ser criada uma nova medida que visa «financiar empresas demonstradoras de tecnologias avançadas», cujo objectivo é modernizar e aumentar a produtividade, nivelando-as a parâmetros europeus.

Com esta medida, refere Mira Amaral, o PEDIP vai financiar projectos de investimento em empresas industriais recorrendo a tecnologias CIM - Produção Assistida por Computador, empresas que servirão de efeito de demonstração para outras, designadamente para as Pequenas e Médias Empresas.

Beleza promove debate sobre UEM

Perspectivar a transição de Portugal para a união económica e monetária (UEM) é o objectivo de um seminário internacional que, organizado pelo Ministério das Finanças, congregará muitos dos principais analistas nacionais e estrangeiros da realidade económica portuguesa.

Previsto para 8 de Junho próximo, o seminário desdobrar-se por sete áreas principais: estratégia de ajustamento orçamental de médio prazo para a economia portuguesa, fronteira sul da comunidade e realização do Mercado Único, políticas regionais e estruturais na UEM, concorrência fiscal ou harmonização fiscal, participação do escudo no mecanismo das taxas de câmbio do SME, benefícios e custos da UEM nas perspectivas portuguesa e comunitária e UEM e união política.

Aberto por Cavaco Silva, o seminário contará com as presenças do euro-comissário Christopherson, responsável pela área da Economia e Finanças, Jorge Braga de Macedo, director do departamento de Economias Nacionais da Comissão Europeia, Miguel Beleza, Teresa Ter-Minassian, Vítor Constâncio, Silva Lopes, Pinto Barbosa, António Borges e João de Deus Pinheiro, entre outros apresentadores de comunicações e comentaristas das mesmas.

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, SA

RUA NOVA DO CARVALHO, 66 — LISBOA
CAPITAL SOCIAL DE 50 000 CONTOS
MATRICULADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE LISBOA SOB O N.º 10 276

ASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

Conforme deliberação em 1.ª Convocatória da Assembleia de Empresa realizada no dia 30.03.90, ficou marcada a nova Assembleia de Empresa para o dia **25 de Maio de 1990**, pelas **19 horas e 30 minutos**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Deliberar sobre o Relatório e Contas do Exercício de 1989;
2.º — Proceder à Apreciação Geral da Administração e Fiscalização da Sociedade;
3.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade;
4.º — Proceder a eleições que sejam da sua competência, nomeadamente as que se prendem com o Conselho Geral.

Lisboa, 15 de Maio de 1990.

O Presidente da
Mesa da Assembleia de Empresa
Eduardo João dos Santos Meneses

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

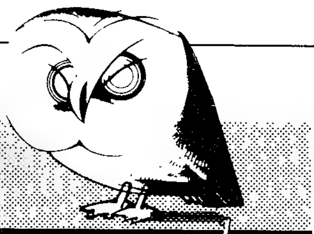
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$70	49$70
ALEMANHA FED. (marco)	87$45	88$65
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$034	4$284
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$30	125$80
(notas de 5 a 1000)	123$80	126$30
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA (peseta)	1$361	1$481
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$30	148$80
(notas de 5 a 1000)	145$80	149$30
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$80	78$90
IRLANDA (libra)	235$60	239$60
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$913	$968
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	242$90	247$40
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	103$30	104$80
VENEZUELA (bolívar)	2$698	3$498

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil



olhar de mocho

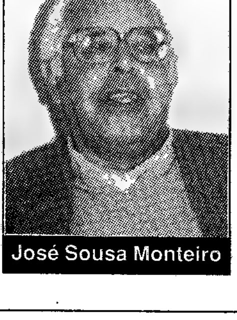
Povo bóer povo eleito?

Eles, os bóers, fugiram da Europa degradada onde foram barbaramente perseguidos pelos franceses, refugiaram-se, portanto, na África do Sul. Sempre se nortearam por princípios morais e cristãos, aceitam tudo, Nelson Mandela, partilhar a porção de África que ocuparam há 300 anos, e agora, que se iniciou um processo de reformas, irão ter um regime político que não se baseia na raça, na religião fanática, na cor da pele. Além disso, também reconhecem que o domínio dos brancos terminou - o Presidente fez a sua passagem do Rubicão e as transformações passaram a ser irreversíveis. O ministro dos Estrangeiros veio ontem à TV e disse isto, acrescentando ainda, que desde 1970 defende, na qualidade de político no activo, parlamentar no exercício das suas funções, os princípios do não-racismo. O actual ministro Pik Botha, está pois, numa linha de perfeita coerência com o deputado Pik Botha de há 20 anos. E mais acrescentou: as sanções económicas são uma violência, como violento é (ou era...) o apartheid. As próprias sanções económicas fizeram atrasar o processo de reformas.

Havia ainda outros aspectos a considerar. Por exemplo, um possível golpe das Forças Armadas da República da África do Sul. Não, nesse ponto, a situação existente entre o país do Sul de África e a que se vive em Portugal é semelhante. Nas Forças Armadas portuguesas também existem militares com diferentes credos políticos. Ou então, outro exemplo, os grupos radicais, hiper-racistas, supernacionais. Desse lado também não virá o perigo, assegurou diante das câmaras da nossa TV, o ministro Pik Botha: ou morrem todos ou se salvam todos. Os radicais racistas brancos não têm qualquer chance.

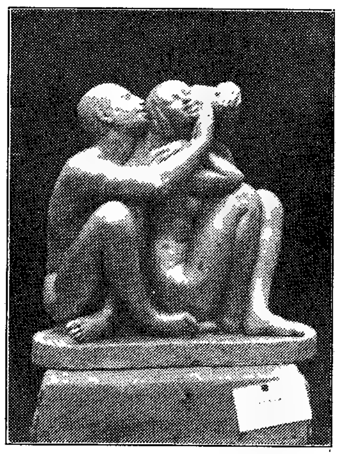
E para quem seja suspeito de filocomunista também houve uma deixa do ministro da Pretória: já falou com o seu colega do Kremlin, Chevardnasse, e ao que parece, não houve desentendimentos.

Em resumo: daqui para a frente tudo será ouro sobre azul. Se encararmos a presença de Pik Botha na televisão portuguesa como operação de relações públicas, o programa foi oportuníssimo. Duvida-se que algum especialista em matérias de publicidade se atreva a «chumbar» o programa por falta de qualidade sugestiva. Até talvez merecesse um prémio de criatividade publicitária. Mas o problema também tem outra face: o concorrente que está sediado na Palestina e se chama Israel. Também eles, os israelitas, têm uma história baseada em valores religiosos e reivindicam, portanto, o direito a serem «povo eleito». Não existirá, aqui, no sector do mercado da religião, uma questão de concorrência? O «povo eleito» será Israel ou a República da África do Sul? Aceitará Deus, dois povos eleitos? Nos tempos bíblicos também houve dois messias. Teremos, agora um messias de Jerusalém-Telavive e outro de Pretória? O mocho de Atenas não sabe para qual dos dois se deve voltar.



José Sousa Monteiro

O centenário de Canto da Maia



Canto da Maia, Ernesto do Canto ou só "Do Canto". Uma carreira de escultor que Lisboa conheceu nos anos 40 e já antes Paris, entre as duas guerras. Depois, o recolhimento ao seu «Monte dos Vendavais», na Ilha - S. Miguel - que há um século lhe foi berço e é túmulo desde 5/4/1980.

Espaço de outra civilização, que desenhou ao gosto de estúdio parisiense, sinalizase com algumas das obras que lhe deram notoriedade: «Êxtase» ou «Virgem Louca» (1925), figura de linhas elegantemente recortadas em harmonia com a bem conseguida organização dos planos; «Rapariga com Pombas» (1928), que na estilizada «Pommone» tem referentes de composição e idêntica simplificada estruturação das formas, em transparência interpretativa. E logo, o desenho sinuoso do perfil de «Bendito seja o o fruto do teu ventre», réplica de outro grupo de 1922, com pequena variação no grafismo da trança feminina e menos acentuado jogo curvilíneo das massas desnudas, que se articulam na mesma ritual e sacralizante atitude de veneração e amor participado.

No circuito do olhar, ainda o estudo «Mulher com Espelho», com estátua de mármore no Campo Grande de Lisboa, como a «Sereia» o tem no jardim da Avenida de Almirante Reis.

Como estas, o grupo «Hino de Amor» (1922), «Eva» (1928), «A Dança», «Ternura» ou «Felicidade» e outras mais dispersas por museus, jardins e colecções, participam de um mesmo discurso estético.

Iniciara-o Canto da Maia em 1919, depois das iniciais propostas com que concorrera em 12 e 13 aos dois "Salões dos Humoristas" de Lisboa e ao do Palais de Glace, em Paris, neste último ano - saborosas estatuetasde barro e gesso, subtilmente maliciosas na crítica mundana de costumes e situações de uma "Bella-Époque", que em breve receberia atestado de óbito.

Fixado em Paris nos começos de 20, foi-o realizando coerentemente no convívio do "art-déco", servido por um domínio técnico que, depois de Bourdelle, na "Grande Chaumière" e António Mercié nas "Beuax-Arts" (1913), se aperfeiçoara em Genebra com o suíço James Vibert (1914), e sobretudo com Júlio António, em Madrid (1916).

Linhas sinuosas de perfis conjugadas com a frontalidade das massas; planos entretecidos entre si; simplificação de anatomias; exotismo de olhos amendoados; orientalizante grafismo decorativo de cabelos e drapagens que vestem, ou apenas escorrem de corpos, melhor acentuando nudezes de formas arredondadas, sem mácula nem ofensa, constituem-se em "leit-motiv" de estilizada elegância na obra realizada por Canto da maio no seu atelier de Paris.

Outro será o acento para que evoluiu a sua escultura do ciclo português, depois que nos fins da década de 30 os prenúncios da guerra e a aceitação crescente das tendências abstractizantes, trouxeram o artista micaelense de volta à pátria, fixando-se em Lisboa.

Coroavam-lhe o percurso escultórico uma «Medalha de Ouro», que à sua «Virgem com o Menino» fora atribuída em 25 na Exposição Internacional das Artes Decorativas; a distinção do "Salon des Indépendents" em 35; a aquisição, no ano seguinte, pelo Estado francês, do original de «Hino de Amor», para o museu do "Jeu de Paume"; e a consagração do "Grand Prix" de escultura na Exposição Universal de 37, pela sua trilogia representando, em alto relevo de grandes dimensões, o Infante D. Henrique, Afonso de Albuquerque e Fernão de Magalhães, figuras tutelares da expansão marítima e do Império.

Forte modelado de feições - enérgicas na expressão do olhar - tem articulado preciso com a robustez de corpos que, sob as vestes, guardam a dimensão humana, em proporções diferentes das do naturalismo. As linhas são sempre sóbrias, os planos simplificados e o todo resulta reconstruído no essencial das formas, em afinidade de processo expressivo confessadamente recolhido da estatuária medieval gótica. O "art-déco" cede à aceitação, sem facilidades, do modernismo português dos anos 40, a que pôde - e soube - imprimir um gosto penetrado de lembranças internacionais, que eram as suas, nisto, e por isto também, se definindo como o escultor que deu à estatuária nacional, e nacionalista, o que le de melhor realizou. Exemplo maior, o grupo escultórico representando D. Manuel entre Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, criado para a "Exposição do Mundo Português" de 40, cenário ideológico com que o regime do Estado Novo se assumia, projectava e se viria a finar, sem mais consequências.

Construção de massas de exemplar articulação, ao nível semântico é representação de uma história escrita com outro aparelho artístico, constituindo-se em proposta de uma imagética nacional distinta do academismo despersonalizado que alimentou, e atrasou, a iconografia plástica nacional.

Nestor de Sousa

bisturi

MARCO PAULO AO VIVO!

TORRES DO SADO SETÚBAL

Dia 18 às 21.30h.

Este Espectáculo é Oferecido pela TETRA a toda a População de SETÚBAL e seus convidados.

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A.

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto da Mobil
Telefone 065 / 72 11 44 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.° Esq. – 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

Ana Firmino: em busca do tempo perdido

ÁFRICA AQUI

Além de tudo o mais Ana Firmino, a nossa entrevistada, é um ser humano raro. Crescida longe da terra que ama, lhe deu a raça e é sua, procura a infância longe das raízes que a vida lhe roubou, e ela reconquistou e transmite com a sua maneira de ser e a sua voz. Com um LP, "Carta de Nha Cretcheu", Ana Firmino passou a ser, de pleno direito, ao lado de Titina, Bana, Paulino Vieira, e tantos outros, uma digna representante da música, cultura e alma de Cabo Verde.

É a mulher e a cantora Ana Firmino que de si fala a África Aqui.

- Nasceste na ilha do Sal, em Cabo Verde, mas vieste para Portugal muito pequena. Não foi?

- «Vim para cá exportada com oito anos, para aí. Digo exportada porque não tinha idade para escolher.»

- Mas tu manténs a tua residência em São Vicente. Como é que isso aconteceu?

- «Eu conheci o meu marido cá, ele é de São Vicente, casámos na Guiné-Bissau e depois fixámos residência em São Vicente. Se formos ver eu não tinha nenhuma afinidade com Cabo Verde, até essa altura. Tanto que só comecei a falar crioulo muito tarde.»

- Nem em casa o falavas?

- «Não, porque eu fui criada num colégio interno de freiras. Sempre o percebi, mas não o falava, pois não tinha contacto com cabo-verdianos. Excepto quando vinha a casa.»

- O que é engraçado é que tu és dos cabo-verdianos que eu conheço, embora repartida por Portugal e Cabo Verde, que mais assume e vive a sua cabo-verdianidade.

- «Quando saí do colégio é que comecei o meu contacto com cabo-verdianos. Ouvia-os contar histórias de infância e ficava fascinada. Desde aí sempre me senti atraída e interessada por Cabo Verde. E, hoje, sinto-me muito, muito cabo-verdiana.»

- Há trinta anos, devia ser difícil o acesso de um cabo-verdiano a um estabelecimento de ensino desse tipo. A tua mãe não te contou?

- «Foi um assunto sobre o qual nunca falámos, mas não tenho ideia que tenha sido assim tão difícil. Depois de mim, e durante muitos anos, não me lembro de lá ter visto outros africanos.»

- Passado que está o fascismo, após a independência da ex-colónias, achas que hoje há mais racismo em Portugal?

- «Acho que sim. Eu hoje já sinto racismo, e nessa altura não. Apesar de criança e de as crianças esquecerem com mais facilidade eu não me lembro de o sentir, nessa época.»

- Achas que isso acontece por ser uma moda que vem de fora ou por ter estado envergonhadamente escondido, e neste momento ganhar outra força?

- «Eu acho que sempre existiu, só que nessa época as pessoas tentavam, através do paternalismo, esconder aquilo que sentiam. Hoje não, vais na rua e ouves mandarem-te para a tua terra. Como me considero uma pessoa bem formada, não me afecta, acho só que é uma manifestação de ignorância por parte dessas pessoas. Sei que sou negra, tenho consciência de que sou negra, e sinto muito orgulho em ser o que sou.»

- És uma mulher com dois filhos, tens uns irmãos muito especiais, que apesar de também eles crescidos aqui transpiram e transmitem África de uma forma muito bonita, tens uma mãe que é uma pessoa muito riquíssima, do ponto de vista humano. Em resumo: tens aquela família que todos nós gostaríamos de ter tido. Que importância é que ela tem para ti?

- «Sou muito apegada à minha família. Volto atrás e vejo os sacrifícios por que a mãe passou ao vir para Portugal com seis filhos, há trinta anos atrás, sem a ajuda de ninguém. Dou-lhe um grande valor. E, talvez por isso, recordando as lágrimas que com ela chorei em criança (eu sou a única rapariga), sou muito apegada à minha família. Aliás, somos todos muito unidos.»

- Mas há uma ternura especial quando te referes ao teu marido, Toy Firmino, que, para além de professor de inglês náutico, é pintor e autor da lindíssima capa do teu disco. Casados há quinze anos, observando-os parecem um casal de namorados. Eternamente apaixonados?

- «Estamos em permanente lua-de-mel. É ele que me dá a maior força para eu avançar com o meu trabalho.»

- É ele o culpado do teu desabrochar para a música, não é?

- «Tem um bocado de culpa. Ele apoia-me em tudo, esquecendo-se dele. Basta dizer que eu, por causa da música, chego a estar em Portugal três e quatro meses, e ele em Cabo Verde. Mas para além de meu marido, há outro *culpado*, o João Freire. Em Cabo Verde tínhamos um grupo que organizava almoços e jantares onde havia sempre música. Eu por brincadeira comecei a cantar com um grupo da preferência do João, o Sossabe do Armando Tito. E foi assim. Comecei a tornar-me conhecida graças ao João Freire com a cumplicidade do meu marido.»

Anabela Loureiro

Ana Firmino: o sorriso, a afabilidade e a voz da *morabeza*

Cantar com o coração

- E a sério, quando é que começou a tua carreira?

- «Não sei ao certo. Eu sempre cantei. Na escola participava em todos os grupos culturais, e costumava cantar uma *coladera* que ainda hoje é das minhas preferidas, "Terezinha". A sério, para o grande público, foi em 82. Fiz um curso de recepção de hotelaria em São Vicente, no fim organizámos uma festa, e eu cantei. Nessa festa estava presente o secretário-geral do Turismo de Cabo Verde. Ouviu-me. Gostou, e nesse mesmo dia convidou-me para ir à cidade da Praia cantar na inauguração da *boite* "Pilon". A partir daí foi sempre a sério, os convites nunca mais pararam.»

- Só tens um disco gravado, o álbum "Carta de Nha Cretcheu"?

- «Houve algumas propostas, mas não me davam as condições que eu queria. Eu queria fazer um disco como fiz, à minha maneira, e não como outros queriam.»

- Se a Cesária é a voz e a alma de um povo quando canta, por outro lado tu és muito mais rigorosa, diria mais espartilhada, no cumprimento melódico da morna. A Cesária, quando canta, deixa-se ir, e se interpreta uma música brasileira, por exemplo, transforma-a numa morna, é o que eu chamo uma força da natureza, de quem nasceu e cresceu numa cultura. Em ti há um rigor excessivo ao interpretar o que é genuíno.

- «Eu tenho uma adoração muito especial pela *morna*. Canto-a com o coração, e não com a boca. Considero-me, modéstia à parte, uma cantadeira de *mornas*. Eu, sem ter grande afinidade com Cabo Verde, sabia que era cabo-verdiana, nascida lá e pouco mais, lembro-me, era miúda, de ouvir na televisão uma *morna* e desatar a chorar sem saber porquê. Nunca me esqueci disto.»

- Pergunto-te se te sentes ofendida por eu dizer, apesar de haver esse sentimento, que sem dúvida existe, a tua forma de cantar é assim por quereres manter viva um tradição que tu não viveste? Que o teu excesso de rigor nasce da busca de uma raiz que te foi roubada?

- «É isso, é. Estou precisamente a tentar recuperar o tempo perdido.»

- Tens tido muitos espectáculos?

- «Alguns, e previstos também, entre os quais um no Festival Maré de Agosto, dos Açores.»

- A primeira edição do teu disco esgotou, vai ser lançada a segunda. Entretanto fizeste o seu lançamento em Cabo Verde. Como é que foi?

- «Foi para mim, talvez, o melhor espectáculo que já dei. Foi no Clube Náutico, que tem fama de ser um clube elitista, com entrada livre. Isto fez um bocado de confusão às pessoas, mas foi uma opção.»

- Quais os músicos que te acompanharam?

- «A *fina-flor* da música: o Manel di Novas, o Natal, o Evaristo e o Frank "Cavaquinho".»

Falámos da tristeza que é não poder ouvir uma noite cabo-verdiana, nas discotecas não se ouvir música da terra, não se poder comer pratos tradicionais nos restaurantes, no fundo da aculturação do centro do Mindelo.

E a alegria voltou ao lembrar práticas e atitudes diferentes noutras ilhas. Dez grãozinhos de África tão diferentes entre si. Assim são as ilhas do arquipélago de Cabo Verde.

À laia de despedida, a pergunta sobre o futuro da carreira desta cabo-verdiana apaixonada pela sua terra:

- Vais gravar outro disco?

- «Talvez, lá para o fim do ano, mais um LP. Talvez na mesma editora, o resto não sei. É possível que use instrumentos eléctricos, sem esquecer a tradição. Não está fora de questão cantar um *funaná* que é um ritmo que eu gosto muito.»

Maria José Belo Marques

SEC defende Lisboa Capital da Cultura

Portugal vai defender a rejeição de «modalidades que diminuam o impacto e o significado cultural» da organização das capitais europeias de cultura, durante a reunião do Conselho de Ministros da Cultura da CEE, sexta-feira, em Bruxelas.

A posição de Portugal, que será defendida pelo Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, constitui uma reacção ao aparecimento, na Comunidade, de propostas de realização de capitais de cultura em países não comunitários da Europa central e oriental.

Um comunicado oficial hoje emitido refere que estas propostas «causaram grande apreensão a Portugal, já que, numa leitura imediata, podem ameaçar o significado» da organização da capital da Cultura de 1994 em Lisboa.

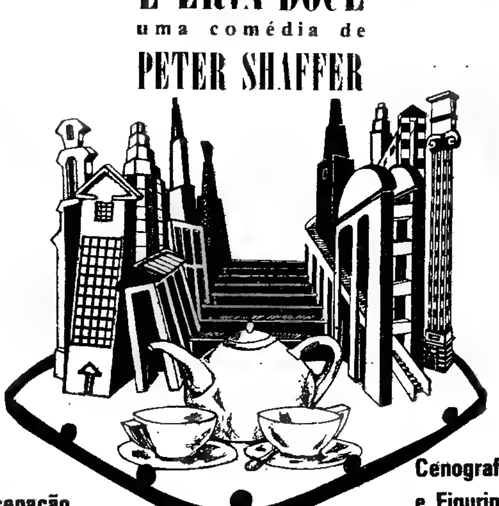
TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Estreia Amanhã

FELICIDADE E ERVA DOCE

uma comédia de

PETER SHAFFER



Subsídio S.E.C. / C.M.A.

Encenação JOAQUIM BENITE

Cenografia e Figurinos VASCO ELOY

com

CECÍLIA GUIMARÃES
TERESA GAFEIRA
LUZIA PARAMÉS
CARLOS SEBASTIÃO

Companhia de Teatro de Almada

Apoio: antena 1 · Rádio Comercial · diário · JL

Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

Carta de Amor

Para te dizer tão-só que te queria
Como se o tempo fosse um sentimento
bastava o teu sorriso de um outro dia
nesse instante em que fomos um momento.
Dizer amor como se fosse proibido
entre os meus braços enlaçar-te mais
como um livro devorado e nunca lido.
Será pecado, amor, amar de mais?
Esperar como se fosse (des) esperar-te,
essa certeza de te ter antes de ter.
Ensaiar sozinho a nossa arte
de fazer amor antes de ser.
Adivinhar nos olhos que não vejo
a sede dessa boca que não canta
e deitar-me ao teu lado como o Tejo
aos pés desta Lisboa que ele encanta.
Sentir falta de ti por tu não estares
talvez por não saber se tu existes
(percorrendo em silêncio esses altares
em sacrifícios pagãos de olhos tristes).
Ausência, sim. Amor visto por dentro,
certezas ao contrário, por estar só.
Pesadelo no meu sonho noite adentro
quando, ao meu lado, dorme o que não sou.
E, afinal, depois o que ficou
das noites perdidas à procura
de um resto de virtude que passou
por nós em co(r)pos de loucura?
Apenas mais um corpo que marcou
a esperança disfarçada de aventura...
(Da estupidez dos dias já estou farto,
das noites repetidas já cansado.
Mas, afinal, meu Deus, quando é que parto
para começar, enfim, este meu fado?)
No fim deste caminho de pecados
feito de desencontros e de encantos,
de palavras e de corpos já usados
onde ficamos sós, sempre, entre tantos...
Que fique como um dedo a nossa marca
e do que foi um beijo o nosso cheiro:
Tesouro que não somos. Fique a arca
que guarde o que vivemos por inteiro.

(De «Talvez Amanhã», Fernando Tavares Rodrigues, Bertrand Editora, 1990, prefácio de Natália Correia. Em tempo oportuno, nos pronunciaremos sobre este livro.)

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

LIVRO ABERTO

«O Conquistador» de Almeida Faria

O outro que nós somos

Se dissermos «Escritores escrevem» estamos dentro da língua, mas se dissermos «Escritores semeiam situações» já nos situamos no âmbito da linguagem. Isto é: no primeiro caso, temos uma afirmação meramente lógica; no segundo caso, uma afirmação estética, não lógica, pois é bem sabido que não se semeiam situações (semeadas são as sementes). Mas se abdicássemos desta forma de nos exprimirmos, se nos ficássemos sempre pelas regras lógicas de uma língua, nunca seríamos diferentes uns dos outros - e a nossa fala seria tão monocórdica que não tardaríamos a ser o vazio de nós próprios. Unicamente a estética nos permite comunicar uns com os outros - e isso porque, embora conscientemente de tal não nos apercebamos, só através da linguagem (e não da língua) temos a possibilidade de nos apresentarmos mutuamente com uma caracterologia própria. Essa é a razão que nos leva a sermos todos estranhos/diferentes relativamente uns aos outros, e nos obriga a que nos apresentemos para que possamos manter as mínimas ou máximas relações pessoais. Sermos estranhos/diferentes é sermos muitos e mais, pois que se assim não fôssemos seríamos a *mesmidade*, um "compacto" conhecido, a ausência absoluta de todo e qualquer movimento interior.

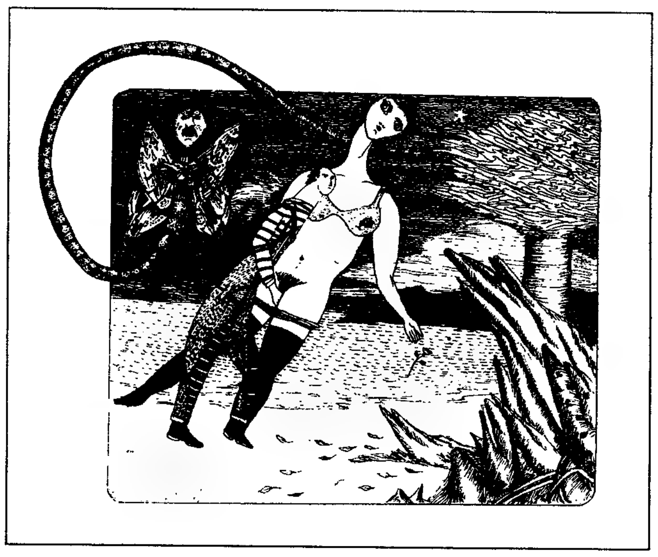
Vêm-nos estas palavras ao computador, tecla a tecla, após a leitura de «O Conquistador», recente título de Almeida Faria (Caminho, Colecção O Campo da Palavra), livro efectivamente *escrito*, mas cujas palavras são precisamente *semeadas* na atenção do leitor, dir-se-ia que um tanto ao acaso na configuração dos episódios, desorientando-o a um tempo e noutro tempo levando-o à aceitação una e coesa de uma *portugalidade* que é (pelo menos ainda hoje...) o nosso próprio sangue.

Para os menos avisados, a desorientação tem origem numa verdadeira (ou pseudo) autobiografia de um certo Sebastião, muito nosso (até pela equiparação jocosa com aquele que se perdeu nas areias de Alcácer Quibir), mas de horizontes muito concretos (apalpar, por exemplo, as meninas, desejar as professoras, ter um amor e perdê-lo, atrever-se com mulheres mais sabidas) - e, por fim, refugiando-se, místico e pleno de tédio, em celas que monges franciscanos habitaram algures em solidões de Sintra. Esta, em suma, a história - e a dita desorientação unicamente se vai do espírito do leitor quando, fechado o livro, os sete episódios que o constituem se harmonizam - e, um a um, nos oferecem o retrato, que, salvo raríssimas excepções, abrigamos no nosso íntimo.

Só então, na verdade, é que nos confessamos: «Mas este fulaninho somos nós...» Nesse preciso momento é que temos a unidade impecável da escrita de Almeida Faria - uma unidade que, neste país de brandos costumes (ainda o é?), se ergue quer através de pequenos "actos pecaminosos" quer através de "cometimentos" mais avançados, então nos surgindo toda uma escala de encontros e desencontros ordenados pelas pulsões do corpo: Dora Bela, Amélia, Justina, Clara, Helena, etc. e tal (nomes que podemos identificar com as partes do mundo que fomos descobrindo...)

O escândalo, por vezes, vem ao cimo desta escrita exemplarmente linear, nunca utilizando as muletas do "como isto", "como aquilo", objectiva ao máximo, concreta (não raro) até à sufocação - escândalo advindo de pequenos gestos, de manipulações sexuais, tendentes à Descoberta, pelos caminhos da serra de Sintra, de intimidades que levam à frustração "suja" e, por fim, corridos os anos, ao refúgio nas celas dos monges de antanho. Com que propósito...? Não só para matar o tédio, mas também para um tempo de reflexão sobre as coisas do mundo e do amor. Tão natural sendo este, porque se age de maneira tão escondida, tão ofensiva para com os deuses, tão lesiva para os nossos sentimentos...? Sebastião, este anti-herói tão bem situado entre os falsos heróis do nosso quotidiano, e contrastando com a naturalidade da seiva sintrense, é um *ex-libris* na obra, traduzida e premiada, do escritor que é Almeida Faria. E, sob o céu de Sintra, esse mesmo Sebastião, em fala de si para si, acaba por confessar, lançando-nos em palavras breves para altitudes que ultrapassam as da serrania: «Como se fosse um sol, sete estrelas giram à minha volta. São as Plêiades, da constelação do Touro, e de repente tranquiliza-me a evidência de que aquele Sete-Estrelo me há-de guiar pela vida fora e me há-de defender de morrer cedo.» (Assim procediam, aliás, os navegadores de antigamente...)

Uma atitude estética, por conseguinte, que nos mostra, na verdade, que os «escritores semeiam palavras» (e não simplesmente que os «escritores escrevem») - e que, por um processo de subtil inteligência, afasta de nós um cómodo *sebastianismo* e nos dá os incómodos desenhos de Mário Botas (ora quotidianos, ora não), sete desenhos que abrem os sete episódios de «O Conquistador» e se vão nas palavras de Almeida Faria ao mais íntimo de cada um de nós... Bem - isto só lido e visto, pois se trata de um livro com inicial maiúscula, minúsculas sendo as letras desta corrida nota de leitura. Abramos o livro, pois, e, lendo-o, desfaçamos em nós o juízo egotista que o inicia: «Acreditei durante muito tempo ter vindo ao mundo de um modo diferente de toda a gente...» Só desta feição é que nos podemos ir até ao Outro que todos nós somos.



Desenhos de Mário Botas

Pedro Alvim

«Histórias Clandestinas»

Um fósforo ardendo na noite escura

Há um passado, por este rectângulo português, que, por tão digno, não merece que o transformemos num simples *slogan*.

Estamo-nos a referir à nossa Resistência à ditadura salazarista (e não só) - um fósforo ardendo na noite escura que, queimando os dedos de quem o empunhava, acabou por se agigantar, tão e tanto, que um dia surgiu luminoso e livre: a democracia, enfim, implantava-se em Portugal...

«Histórias Clandestinas», de Joaquim Campino (Edições Avante), é um livro que, através de uma linguagem simples e sentida, nos oferece esses tempos de sombra e opressão. Não é, não, um *slogan* - e sim uma lembrança que devemos ter em consideração (nomeadamente os mais jovens) a fim de que entre nós não mais se repita um tempo de muito dolorida memória. - Capa e ilustrações de Catarina Campino.

P. A.

Está próximo o fim da série de catorze concertos de Sérgio Godinho, no Instituto Franco-Português. Uma experiência diferente na carreira do artista, e mais um virar de página. E agora?

O homem dos sete projectos

"Sérgio Godinho - escritor de canções" é o título do seu último espectáculo. Mas a sua criatividade é grande, estende-se ao teatro, cinema, televisão e livros infantis. Prestes a terminar esta série de concertos, Sérgio Godinho começou por falar ao DL sobre as suas próximas actividades.

- Discos, projectos, como é que é?

- « Em princípio, vou fazer um papel numa série estrangeira, da qual nem sei o nome. Há a hipótese de gravar este espectáculo em disco. Mas só quero tomar essa decisão quando olhar para ele, poderei alterar a ordem, sei lá, é um outro objecto.»

- E um disco de originais?

- «Este ano, não. Para já há o "Aos Amores", não faria grande sentido fazer outro. Tenho escrito uns textos que poderão ser para teatro ou cinema, que é o que me interessa mais nesta altura. As canções vão aparecendo. Quando der por ela, e me apetecer fazer um disco, entrego-me a um período mais intenso de trabalho, em que umas canções vão empurrando as outras. Há, também, uma proposta para uma série de televisão da minha autoria, da qual não gostaria de falar por enquanto, mas que terá a ver com os outros lados e as outras pessoas ligadas à canção, e lhe trazem algo de importante. Ainda está em fase de projecto, quando for definitivo eu digo-te.»

- E livros?

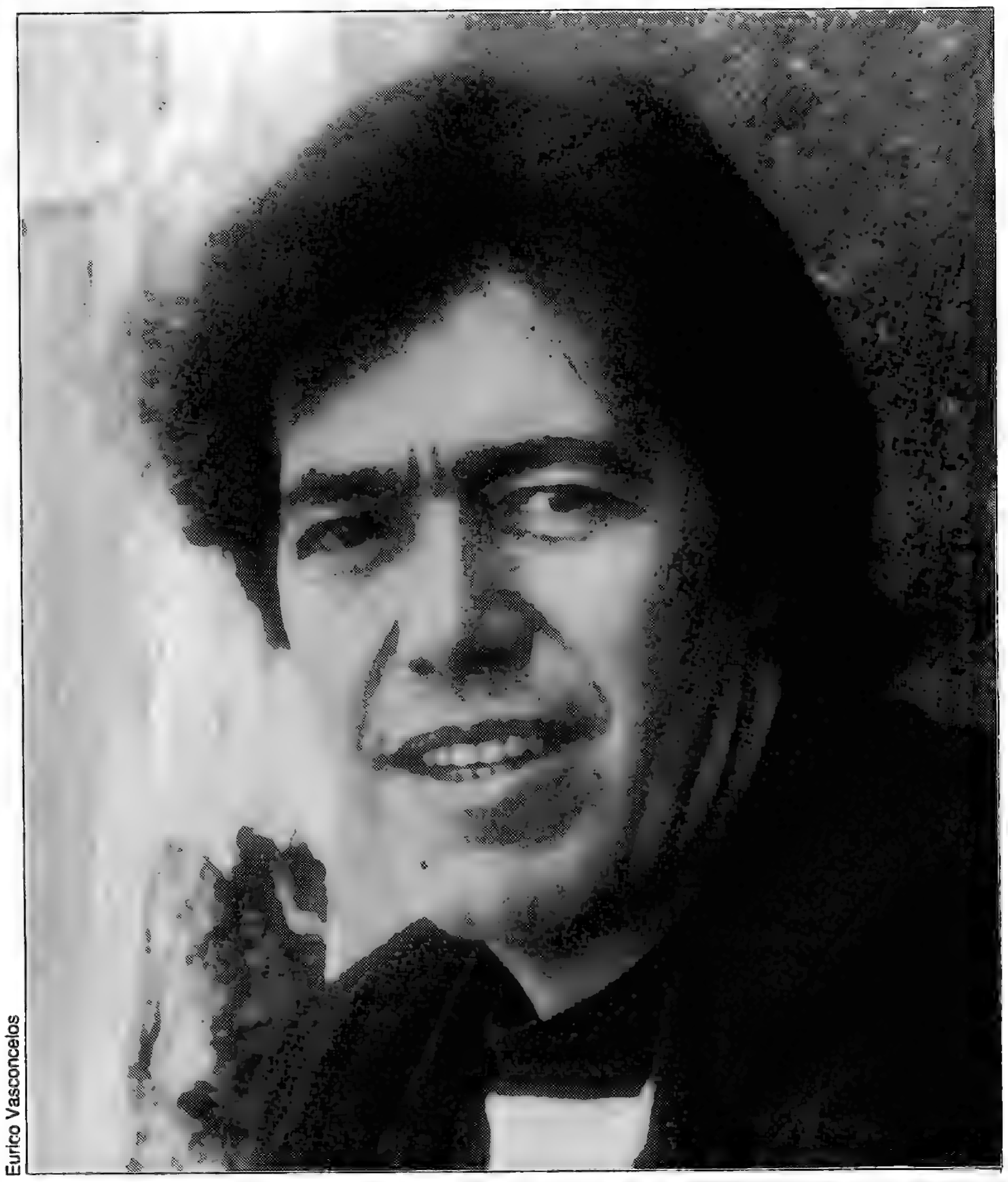
- «Tenho duas coisas começadas que têm de ser acabadas, não serão bem infantis, mas mais entre idades. Agora estou-me a aperceber, quando vou às coisas que não acabei, que há várias prontas para serem desenvolvidas e me poderão levar por outros caminhos. Acho que este e o próximo ano, nesse aspecto, vão ser criativamente preenchidos.»

- Quais as diferenças entre o Sérgio Godinho a fazer publicidade a calças com a companhia do Hair, em França, e a viver numa casa no cimo de uma árvore no Canadá, e o Sérgio Godinho de hoje?

- «Penso que, apesar de tudo, criei raízes. Criei raízes numa cidade em que nunca tinha vivido - Lisboa, num país que me é familiar, com acesso à minha cidade natal - o Porto. Sobretudo, criei raízes. Com o aparecimento dos filhos há uma constante que me liga a este país. A palavra liga-me a este país, com tudo o que ela implica de maneiras de estar. Sinto-me real e profundamente português, sendo-o das sete partidas do mundo, porque, de facto, andei por muito sítio. Desde que estou em Portugal mudei de casa, de pessoas com quem vivi, fui tendo outras experiências. Há sempre uma espécie de inquietação que me dá também para um aprofundar de raízes. Eu gosto da casa, das pessoas com quem vivo. Neste momento não saio muito à noite. Embora goste da noite, não sou um noctívago. Acho que continuo com disponibilidade e um tipo de frescura em relação às coisas, por um lado, mas, por outro, não ando tão saltitante. Tenho sempre uma grande dose de ansiedade em mim. Procuro geri-la, procuro domar essa fera criativamente. Apetece-me muito criar. Já não me passa pela cabeça é ir viver para outro país. Uma das grandes alegrias que tive, quando vim para cá, foi o reconhecimento estranho do meu lugar.»

- Continuas a viver o presente, o dia-a-dia, ou já há preocupações com o futuro?

- «Tenho preocupações em relação ao futuro dos meus filhos. E também em relação ao meu, no sentido em que a minha subsistência advém do meu trabalho. É um risco que corro, pois podia trabalhar numa agência de publicidade, ser um criativo, como eles dizem, o que não deixa de ser fascinante, mas eu quero ter esta disponibilidade. Enquanto eu conseguir aguentar, e penso que consigo, é essa disponibilidade que me interessa. Apesar de criar uma grande incerteza.»



Eurico Vasconcelos

Uma concepção diferente

Um espectáculo pouco usual em que Sérgio troca um palco grande por uma pequena sala e um concerto único por catorze. Ainda em cena, há que saber como foi construído e o porquê das opções que o tornaram possível.

- Este espectáculo pode considerar-se uma viragem na tua carreira?

- «Viragem no sentido definitivo, não. É uma experiência como outras. Era o espectáculo que me apetecia fazer agora. Acho que no futuro posso alternar também este tipo de espectáculo com outros maiores, sem repetir sempre esta fórmula. Gostaria, apesar de tudo, de mostrar este espectáculo noutras cidades. Provavelmente lá para o Outono, porque agora o Manel Faria vai de tourneé com os Trovante. Há auditórios em várias cidades onde este espectáculo pode funcionar.»

- Neste espectáculo sente-se a falta de alguns dos teus temas mais antigos. Porquê?

- «Eu acho que nada deve ser considerado obrigatório num percurso. Por não considerar obrigatório trabalhar em grandes salas é que eu fui para um tipo de solução deste género. Há canções que inevitavelmente seriam consideradas obrigatórias, por algumas pessoas. Isso tem a ver com a sua memória afectiva. Porque as minhas canções têm um bocado a ver com isso, com o transportar de uma vivência e de uma poética minha para o imaginário das pessoas. Este não é um concerto retrospectivo, ou seja, não há nenhuma lógica de espectáculo que presida, há um encadeamento dinâmico das canções, em função às vezes de uma lógica musical, outras de uma lógica temática, os amores, as viagens, os portugueses, etc. Eu costumo dizer que as canções são corpos que estão vivos, estão a crescer e estão em mutação. Apetecia-me mudar e mexer com algumas delas. São corpos nos quais, volta não volta, me apetece tocar. Gosto de todas as canções do espectáculo. Mas há algumas antigas também.»

- Certo. Mas como este espectáculo tem outras características, em que tudo está preparado para se estabelecer uma relação mais próxima com o público...

- «Achas que é mais próxima? Não sei se pelo facto de as pessoas estarem mais perto é mais próxima. Ela é mais distante...»

- Ou mais difícil?

- «Sim, mais difícil. Há uma surpresa e uma distância qualquer que, pelo facto de estar perto e não poderem saltar para cima de mim, inibe as pessoas. Acho que o público de Lisboa está viciado em formas de resposta a certos estímulos. Eu próprio quis conter-me um bocado, o que provoca uma certa distância, e levar o público a aprender que pode reagir de outras maneiras. É uma aprendizagem mútua.»

- O fazeres-te acompanhar por dois músicos só, deve-se a uma opção de espectáculo? Ou terá sido a única possibilidade, dados os encargos que um maior grupo musical implicaria?

- «Não foi isso. Foi mesmo uma opção estética. É normal fazer-me acompanhar por cinco músicos, se bem que a normalidade, para mim, neste momento está posta em causa. Voltarei a fazer espectáculos com uma banda maior.»

- Este espectáculo levou quanto tempo a montar?

- «Foi um trabalho moroso, de preparação bastante árdua. Foi quase heróico, porque começou praticamente só comigo e com o Paulo Pulido Valente. Depois veio o Ricardo Pais, pois tinha vontade de me encenar, ou dirigir, num espectáculo com este conceito. E finalmente veio o Manuel Faria, com quem eu tinha trabalhado já há muito tempo, no princípio dos Trovante, lançando ideias. E nasceu estre trabalho feito muito entre nós.»

Um escritor de canções

- Tu atinges um público de faixas etárias diversas, desde o público do Zé Mário Branco ao dos GNR. Tal como, por exemplo, o Rui Veloso e os Trovante consideras-te um conciliador de gerações?

- «Acho que tenho um público muito heterogéneo, embora o público mais jovem esteja virado para o rock, alguns vêm aos meus concertos. Nos últimos anos, houve pessoas mais velhas que se desinteressaram da minha música - têm todo o direito de se desinteressar -, ao mesmo tempo houve um reapanhar, de uma maneira se calhar mais fresca, de canções mais antigas por um público mais novo.»

- Fazes parte de um grupo de músicos identificados com a contestação ao anterior regime, em que as necessidades, anseios e problemas das pessoas eram outros. Hoje a linguagem tem que ser outra. A maior parte dos músicos do grupo em que iniciaste a tua carreira, e da tua geração, não entendeu isso. Não foi o teu caso. Isso deve-se a uma análise permanente sobre a vida?

- «Tenho uma linguagem igual a um espelho, por um lado vejo o que me vai acontecendo e, por outro, o que há à minha volta. É evidente que a linguagem vai evoluindo. Houve uma altura em que utilizei uma mais directamente política, porque assim era o momento. Hoje, estou mais interessado em tocar em sentimentos que despertem emoções e façam as pessoas sentir e pensar. Para além do prazer musical, que é o mesmo, mas que toca num ponto menos óbvio da sensibilidade das pessoas. Esse bloco que mencionaste era bastante heterógeneo. Para já, o Zeca sempre foi o mais vanguardista de todos, inovador até ao fim. Pensando nos outros acho que há caminhos diferentes, entre si e em relação a mim.»

- Consideras-te uma pessoa desiludida?

- «Há coisas que me desiludiram imenso na vida, mas isso são coisas pessoais de histórias ou pessoas que me desiludiram. Acho que sou como os lagartos, cortam-lhes o rabo e ele cresce outra vez. Tenho uma capacidade de regeneração que espero não perder. Mas não sou um optimista babaca. É por isso que eu canto uma canção como "As Emboscadas", em que falo dos desamores de maneira ligeiramente irónica, com *clichés* fortes, com uma linguagem excessiva de quase filme ou romance cor-de-rosa. De facto, não teria feito essa canção há anos atrás, mas, mesmo aí, procuro fazê-lo criativamente, de uma forma poética.»

- Há sempre uma luz ao fundo?

- «Sim, há sempre uma luz ao fundo. O problema é saber se não é um carro em sentido contrário. Às vezes, é.»

- Na tua opinião há outros escritores de canções?

- «Então não há? Também há ironia neste título, não é? Foi a propósito da palavra *songwriter* a que eu achei piada porque não ter tradução, sendo tão sintética em inglês. O nome escritor tem sempre uma conotação literária, em português. E não precisa de o ter. Nós também dizemos escrever música. Um compositor é um escritor. Mas claro que há. O Jorge Palma, o Fausto, o Carlos Tê e o Rui Veloso são escritores de canções, a Sétima Legião, também. Há tantos. Disse-te quatro ou cinco nomes, mas há muitos mais.»

Maria José Belo Marques

VIAGENS FÉRIAS 1990

HOTÉIS SELECCIONADOS ★ GUIAS EXPERIENTES

BIARRITZ • LOURDES • ANDORRA • MADRID
7 DIAS - PARTIDAS: 9 JUNHO • 8 E 22 JULHO • 1, 12 E 25 AGOSTO 2, 9 E 16 SETEMBRO • 1 OUTUBRO

PARIS • LOURDES • ANDORRA
11 DIAS - PARTIDAS: 6 JUNHO • 1 JULHO 5 E 19 AGOSTO • 2 SETEMBRO

CÔTE D'AZUR • MÓNACO • SAN REMO
10 DIAS - PARTIDAS: 9 JUNHO • 5 E 19 JULHO • 2 E 16 AGOSTO 4 E 18 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

BENELUX • PARIS • VALE DO RENO
CRUZEIRO DE 4 HORAS NO RENO
PARTIDAS: 2 E 9 JUNHO • 14, 21 E 29 JULHO 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29/9

CIRCUITO ITALIANO
MARAVILHOSA VIAGEM DE UMA SEMANA
VISITANDO: VENEZA • PÁDUA • FLORENÇA • ASSIS • ROMA • PISA • MILÃO (AUDIÊNCIA PAPAL)
PARTIDAS: 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO 1 E 8 DE SETEMBRO

VIENA • BUDAPESTE • PRAGA
PARTIDAS: 2, 9, E 16 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8 E 15 SETEMBRO

SINFONIA CENTROEUROPEIA
VIENA • MUNIQUE • INNSBRUCK KLAGENFURT • BUDAPESTE
PARTIDAS: 7, 14 E 28 JULHO • 4, 11 E 18 AGOSTO 1 SETEMBRO

DESCUBRA A ÁUSTRIA
VIENA • SALZBURGO • INNSBRUCK • KLAGENFURT
PARTIDAS ÀS 6.AS-FEIRAS DE 18/5 A 5/10

ÁUSTRIA • HUNGRIA • CHECOSLOVÁQUIA
AS 3 CAPITAIS IMPERIAIS
PARTIDAS ÀS 6.AS-FEIRAS DE 18/5 A 5/10

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
PARTIDAS AOS SÁBADOS DE MAIO A OUTUBRO

MARROCOS • CEUTA
CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
PARTIDAS: 10 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO 2 E 16 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 1
SUÍÇA • FRANÇA • ALEMANHA • BÉLGICA LUXEMBURGO • HOLANDA • ESPANHA • ANDORRA
PARTIDAS: 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO 2 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 2
SUÍÇA • ÁUSTRIA • ITÁLIA • FRANÇA ESPANHA • ANDORRA • CÔTE D'AZUR
PARTIDAS: 14 JULHO • 1 AGOSTO • 1 SETEMBRO

PARIS • LONDRES • PAÍSES BAIXOS
CRUZEIRO NO RENO
PARTIDAS: 15 JULHO • 2 AGOSTO • 2 SETEMBRO

INGLATERRA • ESCÓCIA
VISITANDO: VALLADOLID • BORDEAUX • TOURS • PARIS • LONDRES • CHESTER • WINDERMERE • CARLISLE • GLASGOW • LOCH NESS • INVERNESS • PERTH • EDIMBURGO • NEWCASTLE • YORK • ANDORRA • MADRID
PARTIDA: 8 AGOSTO

CAPITAIS DO LESTE
VISITANDO: BARCELONA • ZURICH • MUNICH • PRAGA • OSTRAVA • CRACÓVIA • VARSÓVIA • BERLIM • BASILEIA • ANDORRA • MADRID
PARTIDA: 2 DE AGOSTO

CAPITAIS DA ESCANDINÁVIA
DINAMARCA • SUÉCIA • NORUEGA • ESPANHA FRANÇA • HOLANDA • ALEMANHA • SUÍÇA • BÉLGICA
PARTIDA: 4 DE AGOSTO

INFORMAÇÕES E RESERVAS
AVIC Holiday Tours
AV. 5 DE OUTUBRO, 53 • 1000 LISBOA (METRO SALDANHA)
☎ 52 11 16 • 52 11 17 • 57 29 70
OU NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

CULTURA E ESPECTÁCULOS

FITEI: novidades do 13.º

Não somos supersticiosos por isso acreditamos que o 13.º FITEI será um grande festival, disse o actor António Reis, em nome da direcção do festival portuense, no almoço que simpaticamente fez a vez de conferência de imprensa para anunciar esta edição do FITEI.

A primeira grande novidade terá consistido no facto de apesar das dificuldades do costume a organização ter conseguido apresentar com 15 dias de antecedência o plano de espectáculos já estabelecidos e confirmados. Embora as chamadas manifestações paralelas estejam ainda um pouco mais no vago.

O festival do Porto decorre este ano entre 30 de Maio e 10 de Junho e vai abrir com uma explosão: a de Denise Stoklos que em 1989 nos deixou a todos assarapantados: ela é uma força do teatro. Desta vez a artista brasileira traz ao Porto um espectáculo novo, a segunda parte da *Casa (Cave)*, de que apresentou a primeira parte recentemente em Nova Iorque. No capítulo dos espectáculos podemos continuar com o Brasil que, ainda que pareça impossível, promete a vinda dos grupos Experimentando o Palco, de Minas Gerais, com a peça de Dario Fo/Franca Rame *Um Casal Aberto*, e o Grupo Dramaticus, dirigido por Popoff, que já veio ao FITEI com uma adaptação de *O Dia dos Prodígios*, de Lídia Jorge e traz desta vez *Notícias de S. Paulo*, de António de Alcântara Machado.

Expectativa justificada em relação aos grupos moçambicanos, Tchova Xita Duma, com um texto de Orlando Mendes, e Mutumbela Gogo, com um texto de Rui Nogar. Como se sabe, estes grupos actuaram no FITEI com grande êxito. Pela primeira vez um espectáculo de teatro de Angola vai estar presente. Trata-se de *Kahitu*, de Uanhega Xitu, do Grupo Experimental de Angola.

Dos grupos portugueses, lamentou António Reis a ausência das companhias de Lisboa, que desta vez, valha-nos isso, ao menos responderam aos convites enviados. Com um *niet*, claro. Excepto A Barraca que leva ao Porto *Margarida do Monte* e João Grosso com *O Contrabaixo*.

Os restantes grupos portugueses são da descentralização: Teatro de Portalegre, com *Autos da Índia e das Fadas* de Gil Vicente; Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett com *A Floresta*, de Ostrovski; Companhia de Teatro de Braga com *Arquicoiso* de Robert Pinget; Teatro Animação de Setúbal com *Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina* de Jules Romain; Companhia de Teatro de Almada com *Marco Milhão*, de Eugene O'Neill; Os Bonifrates, de Coimbra, com *Os Homens e as Suas Sombras*, de Alfonso Sastre. Grupos de Espanha que não tem estado muito bem representada no FITEI: UR-Teatro Antzerki de Giupuzcoa, com *Remora* sobre Kleist; Geroa, de Bizcaia, com *Durañgo: um Sueño, 1439*, de Ignacio Amestory Egiguren; Teatro Corsário, de Valladolid, com *El Gran Teatro del Mondo*, de Calderón; Escola Dramática Galega com *Adeus, Madelón*, de Manuel Lourenzo; Xarxa Teatro, de Valência, com Ibers, espectáculo de rua com que encerra o FITEI deste ano. António Reis chamou a atenção para a importância da Companhia Arlequin, considerada a mais importante do Paraguai que representa os grandes autores mundiais ao FITEI *Caserón de Añejos Tiempos*, de José Luiz Ardissone. Vamos ter um *Macbeth* para duas personagens, o que aliás já se fez em Portugal, com o título *Tango Macbeth* de um grupo argentino, claro, La Barrosa; do Panamá virá o Grupo Teatral Oveja Negra com *Movimientos al Sol*, de Alberto Gualde e Ilena Solis. Lorca também desta vez não falta com uma encenação de *A Casa de Bernarda Alba*, da responsabilidade do grupo venezuelano Teatro Sidor, de Caracas.

PEQUENO TEATRO

Ao todo 23 companhias nacionais e estrangeiras para um orçamento de aproximadamente 23 mil contos. O FITEI conta este ano, além do sponsor habitual em exclusivo, com o apoio da Câmara Municipal que cedeu gratuitamente o Rivoli e vai contribuir com uma importância em dinheiro ainda a determinar. O FITEI espera também que o subsídio deste ano da SEC não seja a vergonha que foi em 89, pouco mais de 1300 contos de que foi obrigado a devolver 700 para pagamento do aluguer do Carlos Alberto que este ano subiu para mais de 900 contos. Aliás, a organização do FITEI está disposta a recusar o subsídio da SEC se este se revelar como uma espécie de esmola.

Outra novidade da 13.ª edição do FITEI consiste na transferência para o Rivoli dos Serviços Centrais que têm funcionado na sede do festival.

Além disso, neste teatro serão apresentadas algumas das manifestações paralelas anunciadas: exposições, colóquios, uma feira do livro do teatro. Exposições: o XII FITEI, no Carlos Alberto; sobre a actriz Maria Albergaroi, no Rivoli; Subsídios para a História do Teatro no Porto nos séculos XVIII e XIX, e Personagens de cena - Exposição viva de figurinos de teatro, ambas no Mercado Ferreira Borges.

Outras manifestações: uma oficina orientada por Doc Comparato sobre A Ideia no Teatro; colóquios sobre: O Teatro Brasileiro na última década, o Teatro em Portugal, A Cenografia Teatral em Portugal, o Teatro no Porto, A Dramaturgia no Teatro Português, o Teatro nos Palop's, o Teatro na América Latina; conferência sobre a história social do Teatro Panamiano, por Jorge Athanasiadis, director da revista Escena Teatral.

São esperados no Porto os seguintes especialistas além dos já citados: Cacá Rosset, director do conhecido grupo paulista Ornotorrinco; Clóvis Garcia, professor da Universidade de S. Paulo e crítico; Macksenson Luiz, crítico do «Jornal do Brasil»; Juan António Hormigón, secretário-geral da Associación de Directores de Escena, Madrid; Vivian Martinel, directora da revista Tabuas, de Cuba; Júlio Castronuovo, encenador e mimo, entre outros.

O FITEI prestará uma justa homenagem à actriz Dalila Rocha e ao teatrólogo Manuel Deniz-Jacinto. A habitual Mensagem do Festival do Porto é este ano da autoria de Luiz Molina Lopez, director-geral do CELCIT.

Aí está pois uma edição que promete, esta do FITEI, a 13.ª Lá estaremos para ver.

Carlos Porto

«A Floresta», de Ostrovski

DESPORTO

Ciclismo: Volta a Espanha

Milanês foi mais veloz

O alemão-democrático Uwe Raab ganhou, ao «sprint», a última etapa da Volta à Espanha, entre Palazuelos del Eresma e Madrid (176 km), tendo o italiano Marco Giovannetti sido o vencedor da Vuelta.

Giovannetti, um milanês de 28 anos, foi o ganhador desta 45.ª edição da Vuelta, mercê de uma fuga em Ubrique, para concretização da qual teve o apoio de todos os seus companheiros da equipa espanhola da Seur, onde milita.

A Volta à Espanha de 1990 teve a mais alta velocidade média de toda a história da prova (39,700 km/hora) registando-se ao longo dela a desistência de alguns dos principais favoritos à partida, nomeadamente Mathieus Hermans, Jean-Pierre Heynderickx e Alvaro Pino.

Na última etapa da Vuelta participaram 133 ciclistas (houve 65 desistências nas 22 etapas), que pedalaram calmamente entre Palazuelos del Eresma e Madrid, serenidade esta que provocou a única chegada com atraso em relação ao horário previsto (25 minutos), se exceptuarmos o caso de Pamplona, que devido à ameaça de bombas se transformou numa etapa por inteiro anormal.

Foi um pelotão compacto que chegou à vista da meta, em Madrid, com Uwe Raab a fazer valer as suas qualidades de «sprinter», sem dúvida um dos melhores ciclistas do mundo nessa especialidade.

Raab obteve assim a sua terceira vitória em etapas da edição de 1990 da Vuelta, na qual conquistou também o prémio da regularidade enquanto o colombiano Martin Farfan conquistou o prémio da montanha. **Geral individual: 1.º Marco Giovannetti** (Seur) 94.36,40 h; 2.º Pedro Delgado (Banesto) a 1,28 m; 3.º Anselmo Fuerte (Once) a 1,48 m; 4.º Ruiz Cabestany (Once) a 2,16 m; 5.º Fabio Parra (Kelme) a 3,07 m; 6.º Federico Echave (Clas) a 3,52 m; 7.º Miguel Indurian (Banesto) a 6,22 m; 8.º Ivan Ivanov (Alfa Lun) a 6,48 m; 9.º Uwe Ampler (PDM) a 7,15 m; 10.º Denis Roux (Toshiba) a 7,56 m; ... 77.º Serafim Vieira a 1.42,09 h; 93.º António Pinto a 2.10,41 h; 95.º Cássio Freitas a 2.12,39 h; 100.º Jorge Silva a 2.18,59 h; 103.º José Poeira a 2.24,06 h; 113.º Manuel Abreu a 2.32,54 h; 123.º Fernando Mota a 2.48,06.

Colectivamente o triunfo foi para a Once seguindo-se a Banesto e a equipa Café da Colômbia. A Sicasal averbou o 19.º lugar.

Marco Giovannetti recebe as felicitações de Pedro Delgado

Pingo amarga relações nortenhas

Pinto da Costa está furioso: «Para mim tudo isto foi uma surpresa porque não dei qualquer autorização ao jogador nem falei com os dirigentes do SC Braga»

A anunciada transferência do brasileiro Pingo, do FC Porto para Braga, está a provocar alguma fricção nas relações entre os dirigentes dos dois clubes, com Jorge Nuno Pinto da Costa a anunciar ter sido surpreendido pela notícia do acordo firmado entre o atleta e os directores do Sporting bracarense. A confusão é notória. Diz Manuel Ferreira (um dos elementos do departamento de futebol do clube minhoto): *«A contratação do Pingo passou por uma conversa entre o nosso presidente e Pinto da Costa, tendo, nessa mesma conversa, chegado a adiantar as verbas do passe.»* Por seu turno Pingo adianta: *«Se assinei é porque tinha ordem do meu presidente. Ele disse-me que não tinha problemas em me libertar se acertasse contrato com qualquer clube e disse-me para eu assinar se aparecesse uma equipa.»* A confusão (ou talvez não) surge com Pinto da Costa a afirmar: *«Fiquei surpreendido quando vi no jornal o Pingo a assinar pelo Sporting de Braga, pois não estou habituado a ver os nossos jogadores a assinarem contratos sem prévia autorização.»*

Um caso, que, naturalmente, irá evoluir. Atenção, pois, ao capítulo seguinte.

Brasileiros já cá estão

Os futebolistas brsileiros ao serviço do Benfica que se deslocaram ao Brasil para participarem na fase preparatória da selecção do seu país, regressaram ontem a Lisboa e retomaram de imediato o trabalho na Luz. Aldair, Valdo e Ricardo aí estão prontos para a final de Viena.

Carlos Valente: homenagem

O Núcleo de Árbitros do Barreiro, onde pontificam alguns dos melhores juízes futebolísticos portugueses do passado e do presente, vai promover um almoço-convívio com o internacional Carlos Valente, como reconhecimento das suas inquestionáveis qualidades e homenagem por, novamente, ter sido escolhido pelo Conselho de Arbitragem da FIFA para representar a arbitragem portuguesa no Campeonato do Mundo. O almoço ocorrerá no Restaurante A Valenciana (Fernão Ferro) no próximo dia 26 e as inscrições poderão ser feitas pelos telefones 2073357 (Pastelaria Terminus), 2019427 (Juvenal Silvestre), 2076161 (Ezequiel Feijão) e 2074972 (António Tenrinho).

Ricky: mais dois anos no Estrela da Amadora

O futebolista Ricky renovou o contrato com o Estrela da Amadora por mais duas temporadas, terminando as especulações que davam o nigeriano a caminho do Restelo.

Porto vai exibir credenciais de campeão

A equipa de futebol do FC Porto vai disputar em Junho, Julho e Agosto três torneios particulares na RFA, Suíça e Holanda.

Ainda no decorrer da presente época, muito embora com a «equipa disponível», dada a ausência dos «internacionais» portistas no estágio da selecção nacional e no mundial de Itália (caso de Branco), o FC Porto vai deslocar-se a Kaiserlautern (RFA) em 1 de Junho próximo. Naquela cidade alemã-federal, e tendo como opositor a equipa local, o campeão nacional participa no encontro comemorativo do 50% aniversário da criação do Kaiserlautern.

Depois das férias, com recomeço do trabalho nas Antas previsto para a segunda semana de Julho, os «azuis-brancos» participam, entre 16 e 21 desse mês, em Berna, na Phillips Cup, tendo como primeiro adversário o Eintracht de Frankfurt (RFA), cabendo-lhe, em seguida, o Young Boys ou o Grasshoppers, ambos da Suíça.

Rui Barros: hoje será data para recordar

Rui Barros poderá tornar-se o primeiro futebolista português a vencer uma prova europeia ao serviço de um clube estrangeiro, caso hoje a Juventus faça vingar a vantagem de 3-1 averbada na primeira mão da final da Taça UEFA. Rui Barros, naquele que será certamente o seu último desafio ao serviço da Juventus, poderá ser a chave para o êxito da equipa, o que a concretizar-se se traduziria na segunda Taça UEFA para a formação de Turim.

Há duas semanas, a Juventus conseguiu a preciosa vantagem de 3-1 com o futebolista português a rubricar uma exibição que roçou a mediocridade. Porém, desta feita, a história do jogo é outra. Há duas semanas, a Juventus jogou deliberadamente ao ataque, agora o sistema a utilizar será o do contra-ataque.

Neste esquema e fazendo valer a sua velocidade, Rui Barros tem todas as condições para brilhar e justificar o seu estatuto de «estrela».

O árbitro será o alemão Aaron Schmidhuber e as equipas deverão alinhar assim:

Fiorentina: Landucci; Dell'oglio, Volpecina, Pin e Battistini; Dunga; Nappi, Kubik e Buso; Baggio e Di Chiaria.

Juventus: Tacconi; Napoli, Aleinikov, Brio e De Agostini; Galia, Alessio, Rui Barros e Marocchi; Casiraghi e Schillaci.

FIL ROUGE

"TELEFONE DA SORTE"

NO SORTEIO DO DIA 19 DE MAIO O TOTOLOTO (+ 6 LOTOS EUROPEUS) DÁ 7 PRÉMIOS-EXTRA NO VALOR DE 7.000 ECU'S (1270 CONTOS) CADA UM.

1.º 1. Em simultâneo com outros canais de televisão europeus, o canal 1 da Radiotelevisão Portuguesa transmite no dia 19 de Maio de 1990, a partir das 19.40 h., o programa de variedades internacionais, "L'Europe en Loto" (O Loto na Europa).

2. O programa "O Loto na Europa" é uma produção e realização da TF1 – o primeiro canal da Televisão Francesa – e **inclui ainda um jogo com atribuição de prémios, o chamado "Fil Rouge" ou, em português, "Telefone da Sorte".**

2.º 1. No decurso da emissão são efectuados os sorteios do Totoloto em sete países: Portugal, Irlanda, Bélgica, Espanha, Suíça, Itália e França.

2. Após cada sorteio e com base nos números extraídos, determina-se aleatoriamente, em computador, **um número de seis algarismos, a desdobrar em três grupos de dois, formando uma data (dia, mês e ano),** que aparecerá de imediato nos écrans.

3.º 1. Os telespectadores da RTP cuja **data de nascimento coincida com a data formada dispõem de quatro minutos subsequentes para indicarem os seus nomes e moradas, em chamada para os telefones n.os 77 82 89** ou **77 83 37** da rede de Lisboa.

2. Apenas se consideram os cinco primeiros telefonemas efectuados após a formação de cada data.

3. Os nomes dos autores desses telefonemas são imediatamente transmitidos pela RTP ao estúdio da TF1 onde se realiza o programa "O Loto na Europa", para aí participarem no sorteio dos prémios.

4. O sorteio efectua-se no decorrer do programa, mediante a extracção de um dos nomes contidos em cada um dos sete recipientes onde foram colocados os nomes dos autores dos telefonemas admitidos ao jogo.

● O REGULAMENTO DO JOGO "TELEFONE DA SORTE" PODE SER CONSULTADO NAS AGÊNCIAS DAS APOSTAS MÚTUAS

CINEVOZ

totoloto

1985 • 1990 5.º ANIVERSÁRIO

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

DESPORTO

Violência sem fronteiras no futebol de hoje

A violência cresce: mais de 100 feridos, entre os quais 10 em estado grave, é o balanço dos confrontos registados em Zagreb (Jugoslávia), entre adeptos sérvios e croatas, momentos antes do início do jogo de futebol entre o Dínamo local e o Estrela Vermelha. Os confrontos, ocorridos no interior do Estádio de Maksmire (e que provocaram o cancelamento do encontro entre os dois primeiros classificados do campeonato) foram já considerados como os mais graves incidentes registados na história do desporto jugoslavo. Agentes da autoridade foram forçados a intervir, com cães, usando bastões e gás lacrimogéneo na tentativa de separar os adeptos rivais. Mais de meia centena de polícias entre os feridos nos tumultos e, cinco horas após o início dos incidentes, ainda estavam adeptos a entrar nos estabelecimentos hospitalares.

Os confrontos tiveram motivações nacionalistas e, segundo jornalistas presentes no local, iniciaram-se quando adeptos gritaram palavras de ordem de carácter insultuoso para a etnia dos apoiantes do clube adversário.

Os jogadores das duas formações chegaram a entrar em campo, mas acabaram por se retirar face ao agravamento dos confrontos nas bancadas do estádio. O capitão do Dínamo de Zabreg e um jogador da formação do Estrela Vermelha foram feridos por um agente policial quando se retiravam do relvado para os balneários, adiantou, uma rádio de Zagreb.

Depois da decisão da suspensão da partida, grupos de desordeiros atacaram viaturas policiais e dos bombeiros, que se encontravam nos acessos ao estádio.

Os tumultos generalizaram-se para o centro de Zagreb, provocando a destruição de diversas montras de lojas e viaturas.

Face a esta situação, a Federação Jugoslava de Futebol ameaçou cancelar a próxima edição do campeonato nacional. Nos confrontos antes do jogo entre o Estrela Vermelha (da República da Sérvia) e o Dínamo Zagreb (da Croácia), os números oficiais dizem que ficaram feridos 138 pessoas: 79 Polícias e 59 adeptos dos dois clubes. A Polícia deteve 132 adeptos durante os incidentes, já considerados os mais graves na história do desporto jugoslavo.

Combater o «hooliganismo»

O sueco Lennart Johansson, novo presidente da UEFA, disse pretender que a sociedade e o futebol se unam no combate ao «hooliganismo» para salvarem o jogo que amam. Johansson, (de 60 anos), sucedeu há três semanas ao francês Jacques Georges no cargo de presidente da UEFA e reiterou a «guerra» aos grupos violentos que acompanham a modalidade, em Gotemburgo, onde 4.ª feira teve lugar a final da Taça das Taças.

«A Polícia e os clubes têm de estar preparados para o pior antes de cada jogo» — afirmou Johansson, acrescentando: *«os adeptos devem ser revistados para que as armas e o álcool não entrem nos estádios, ao mesmo tempo que a multidão deve ser controlada por câmaras de vídeo, para identificação dos agitadores.»*

Entre outras medidas de segurança, o presidente da UEFA considerou importante o destacamento de um número «suficiente» de agentes da Polícia para os jogos, bem como a separação dos adeptos das duas equipa em diferentes sectores dos estádios e a construcção de barreiras de protecção.

«Tudo isto custa dinheiro, mais quais serão os prejuízos se os espectadores deixarem de ir aos estádios e o futebol morrer?» — interrogou Johansson numa entrevista à agência Reuter, após uma semana de violência na Inglaterra, RFA, Holanda, Bélgica e Jugoslávia. *«Não podemos continuar a fugir desta responsabilidade como se ela fosse uma batata quente. A UEFA, as federações nacionais e os clubes têm de formar uma unida linha de luta»* — disse o responsável máximo do futebol europeu.

Segundo disse Johansson, os políticos deverão, repartir os custos: *«a sociedade também é responsável, pois a violência não acabaria se nós encerrássemos todos os estádios do mundo: apenas passaria a manifestar-se noutros eventos, como os concertos de «rock» ou os jogos de hóquei sobre o gelo»* — referiu. *«Reparem no desordeiro adepto de Liverpool: como pode sentir-se um jovem que não tem trabalho nem perspectivas de mudança?»* — perguntou Johansson, respondendo de imediato: *«para muitos deles, nada resta senão beber e expandir a sua agressividade contra a sociedade, pois já perderam a fé no futuro.»*

O presidente da UEFA disse ter defendido a adopção de medidas drásticas, como a implementação de um registo de desordeiros e a proibição de entrada nos estádios e de deslocação ao estrangeiros aos adeptos violentos. *«Mas, percebi que essas medidas seriam contrárias à lei e às convenções internacionais sobre os direitos humanos»* — admitiu Johansson.

O sueco mostrou-se igualmente preocupado com o próximo mundial de futebol (a disputar em Itália, entre 8 de Junho e 8 de Julho), considerando que a modalidade *«não pode suportar mais publicidade negativa»*.

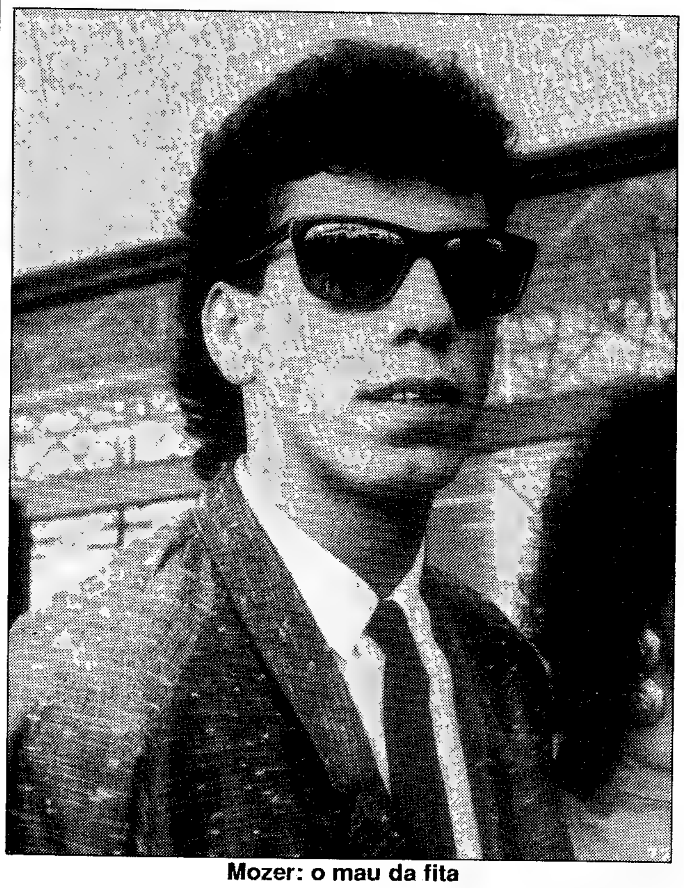
A única experiência de violência no futebol sentida em «primeira mão» por Johansson aconteceu numa noite do Verão de 1988, na cidade alemã-federal de Dusseldorf, durante o último Campeonato da Europa: *«centenas de adeptos ingleses e alemães-federais fizeram uma tempestade nas ruas de Dusseldorf»* — recordou, acrescentando: *«numa altura como aquela, que parecia um tornado, não somos pretensiosos, encostámos as costas a uma parede e tentámos mantermo-nos longe da confusão.»*

Johansson jogou futebol durante 10 anos (como defesa), mas nunca conseguiu disputar mais que os campeonatos regionais de Estocolmo, embora noutras actividades tenha atingido o topo rapidamente, passando de guarda-livros a gestor de uma empresa de construções.

Enquanto dirigente desportivo, Johansson assumiu a presidência da Federação Sueca de Futebol (em 1983), tornou-se membro do Comité Executivo da UEFA (1988) e foi um dos responsáveis pela atribuição ao seu país da organização do europeu de 1992.

O discurso «arejado» deste industrial «self-made man» contrasta com a tradicional formalidade das cuidadosas declarações dos dirigentes desportivos internacionais: «a vantagem de ter sido jogador reside no facto de conhecer o ambiente» — justificou Johansson, acrescentando: *«o mue último jogo foi há 10 anos, pela equipa da empresa, e eu estava tão lento e febril que os meus companheiros de equipa me disseram para desistir, a mim, o director-geral.» «Agora, roubo a bola aos meus netos quando eles jogam na nossa casa de campo. O futebol é fascinante a todos os níveis e se eu passo por um relvado fico muitas vezes tardes inteiras a ver jogar, mesmo encontros entre garotos de nove anos»* — revelou. *«O meu amor pelo futebol talvez seja tão grande porque, no íntimo, eu desejei ser um grande jogador, mas, não acredito que as vedetas se apercebam de quanto nós os invejamos»* — concluiu o presidente da UEFA.

Cenas muito chocantes



Mozer: o mau da fita

«Escrete Canarinho» baleado pela crítica

A selecção brasileira de futebol, com um empate a três tentos cedido no domingo frente à RDA, é alvo de cerradas críticas por parte de personalidades ligadas ao futebol.

O último encontro particular que o Brasil disputou no seu país antes de seguir para Itália, onde tentará a reconquista do título mundial, terminou debaixo de um enorme coro de assobios por parte dos adeptos que se deslocaram ao Estádio Maracanã. O próprio técnico da selecção visitante, Eduard Gever, apontou a defesa brasileira como o ponto mais fraco do Brasil e advertiu que, se a formação de Sebastião Lazaroni aspira a ganhar a Taça do Mundo, deverá proceder a alterações naquele sector. Gever afirmou que já esperava encontrar a defesa brasileira «a facilitar a missão dos nossos avançados. Jogámos em contra-ataque, porque já sabíamos que a defesa era o ponto fraco dos brasileiros», adiantou aquele treinador.

O técnico alemão sublinhou a sua incompreensão pelo que terá motivado a selecção brasileira a proceder a um ataque desenfreado quando se encontrava na posição de vencedora por 3-1.

Por seu lado, Sebastião Larazoni (técnico da selecção brasileira) criticou duramente o defesa Mozer, de quem os diários brasileiros dizem ter perdido o lugar na equipa em favor de Mauro Galvão.

O «Jornal da Tarde» atribui parte da desordem na esquematização da equipa à ausência de um líder natural, um jogador com capacidade de tornar fácil o que está difícil dentro das quatro linhas.

O legendário Edson Arantes do Nascimento (Pelé) que realiza funções de comentador para uma cadeia de televisão, afirmou que o embate com a RDA foi um treino mal feito, ressalvando a opinião de que Lazaroni continua com muitas dúvidas quanto à constituição definitiva da equipa-base. Pelé realçou que o adversário soube explorar os erros de marcação da equipa brasileira, através de rápidos contra-ataques e aproveitar o facto dos laterais «canarinhos» atacarem ao mesmo tempo, deixando assim demasiados espaços nas suas costas.

Outra antiga vedeta, Artur Antunes Coimbra (Zico) secretário dos Desportos da Presidência da República, sublinhou, nos seus comentários para a emissira de televisão Bandeirantes, que o Brasil esteve bem e que foi obtendo os seus golos. Para ele, as substituições efectuadas por Lazaroni estão na razão directa do enfraquecimento da equipa e do consequente ascendente da RDA.

O técnico Sebastião Larazoni declarou que, caso venham a repetir-se os erros de domingo, durante o Mundial 90, isso será fatal para as aspirações brasileiras. Lazaroni ressalvou a ideia de que o esquema da selecção só deverá começar a dar resultados depois do próximo jogo particular, a disputar no sábado, em Espanha, frente a um combinado de jogadores de clubes madrilenos. Em Madrid, o Brasil não contará com Dunga (que regressou a Florença, para hoje integrar a Fiorentina, no jogo com a Juventus, 2.ª mão da final da Taça UEFA), Ricardo, Aldair e Valdo que jogam pelo Benfica a final da Taça dos Campeões, dia 23, em Viena, frente ao AC Milão.

MODALIDADES

Lancia no golfe

O 2.º Torneio Lancia em golfe terá este ano duas provas (no Norte e no Sul), qualificando-se os vencedores para a final europeia, a disputar em Cannes (França). A 1.ª competição realiza-se nos dias 26 e 27, no Campo da Estela (Póvoa de Varzim), e a 2.ª na Quinta da Marinha, (Cascais), a 30 de Junho e 1 de Julho.

As provas, a disputar em 36 buracos (duas voltas) nas modalidades de «ecletic» são abertas a todos os jogadores amadores com mais de 18 anos, terá prémios para os três primeiros classificados, em «net» (com abono) e em «gross» (absoluto). Além dos troféus para o «hole-in-one» (bola no buraco com apenas uma pancada), para a pancada mais longa e para o último classificado (prémio surpresa), todos os concorrentes recebem um prémio de presença.

Hipismo em Cascais

Os cavaleiros Marta Soares da Costa, (em «Orfeu») e Diogo Mendes de Almeida), montando o «Poligrupo d'Petit») venceram as provas de juniores do Concurso Nacional de Juventude, em provas que decorreram no hipódromo Manuel Possolo (Cascais) e tiveram a presença de cerca de 130 cavaleiros.

Outros vencedores: em iniciados: Bernardo Matias (em «Mendal-Quedan») e juvenis: Rui Pedro Palma (em «D. Carlos»); iniciados: José João Claro (em «Prisco-Popye») e juvenis: Martin Portela Morais (em «Chalupa da Torre»).

DESPORTO

Atletismo e ginástica no cartaz

Cascais: Semana da Juventude com Estafeta das Muralhas

Em conferência de Imprensa onde usou da palavra o dr. Rui Ribeiro, vereador do Pelouro da Juventude da Câmara Municipal de Cascais, foi apresentado o programa da Semana da Juventude, que vai decorrer a partir de 19 do corrente, destinando-se todas as receitas à Fundação Portuguesa Para o Estudo, Prevenção e Tratamento da Toxicodependência.

Com partida às 10 horas, do dia 19, na Praia da Conceição, a Estafeta das Muralhas tem como locais de passagem de testemunho outras praias: Moitas, Monte Estoril, Tamariz, Poça e trajecto inverso. A prova aberta à participação de todas as escolas preparatórias e secundárias do ensino oficial e particular do concelho, prevê a ligação entre Cascais a São João do Estoril pela muralha, comparticipação de 400 alunos de ambos os sexos. Cada equipa é composta por oito elementos.

No dia seguinte (20), processa-se um sarau de ginástica no Pavilhão da Parede Futebol Clube a partir das 15 horas prevendo-se a exibição de 300 atletas das classes de 12 colectividades do Concelho de Cascais: Associação dos Bombeiros Voluntários dos Estoris; Clube Futebol de Sassoeiros; CLube Nacional de Ginástica; Grupo de Inst. Musical e Benefeciência da Rebelva; Grupo de Instrução Popular da Amoreira; Grupo Sportivo de Carcavelos; Desportivo de Monte Real; Parede Futebol Clube; Grupo Desportivo e Recreativo das Fontainhas; Associação de Educação Popular do Zambujal; Grupo Desportivo 1.° Julho de Alcoitão e Grupo Recreativo e Musical Murtalense.

Ginástica em Vendas Novas

Numa iniciativa da Casa do Povo de Vendas Novas vai realizar-se, pelas 21 horas, de 19 do corrente, um sarau de ginástica que terá lugar no pavilhão de desportos, daquela localidade. Participam as classes da Academia Militar, Ginásio Clube Português, Sociedade Artística Reguenguense, Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, Sporting CLube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica, Casa do Povo de Vendas Novas e selecção nacional de trampolins.

Festival do BESCL

Teve bom nível o 8.° festival de Ginástica promovido pelo Grupo Cultural e Desportivo dos Trabalhadoresa do BESCL, que teve a presença do dr. José Alves Caldeira (presidente da colectividade organizadora) e do tenente-coronel Vargas Cardoso, presidente da Federação Portuguesa de Ginástica.

Estiveram em acção classes do Ateneu Comercial de Lisboa (do prof. Portas Figueiredo), Boavista Futebol Clube (profs. Artur Pereira, Paulo Aparício e Teresa Morgado), Clube Atlético de Alvalade (prof. Luís Caetano), Futebol CLube do Porto (prof. Zhou Guane Yine), Ginásio Clube Português (profs. Luis Marques, João Pereira e José Agusto), Ginásio Clube do Sul (prof. João Rocha), Lisboa Ginásio CLube (prof. Pedro Leal), Sport Lisboa e Benfica (Sato Miyake e Esbela Miyake), Sporting Clube de Portugal (prof. Chen) e do Grupo Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do BESCL (profs. Filipe Abreu e Luís Barbosa), Também se exibiu folclore, dirigido pelo ensaidor Armando Rocha.

Ténis: Graf é a maior

A alemã-federal Steffi Graf mantém a liderança da classificação mundial do ténis feminino, de acordo com a tabela semanal publicada pela respectiva Associação Internacional (WITA), com sede em Miami. As dez primeiras tenistas da classificação são: 1.ª Steffi Graf (RFA), 2.ª Martina Navratilova (EUA), 3.ª Monica Seles (Jugoslávia), 4.ª Arantxa Sanchez (Espanha), 5.ª Gabriela Sabatini (Argentina), 6.ª Zina Garrison (EUA), 7.ª Manuela Maleeva (Suíça), 8.ª Mary Joe Fernandez (EUA), 9.ª Katerina Maleeva (Bulgária) e 10.ª Conchita Martinez (Espanha).

Sofia versus Tânia

Tânia Couto e Sofia Prazeres (campeã e vice-campeã nacional) defrontam-se na próxima 2.ª-feira em jogo de exibição no «court» do Colégio Portugal, na Parede. A partida integra-se na comemoração do 50.° anniversário daquela instituição de ensino. Paralelamente, está previsto para o próximo sábado um campeonato de surf, body board e skiming, organizado pela Associação de Surf do Colégio Portugal.

NA SUA AGENDA

Râguebi: Torneio Internacional

Nos próximos dias 18 e 19 efectua-se no Estádio Universitário de Lisboa um torneio internacional de râguebi. Na prova (iniciativa da Federação Portuguesa de Râguebi com o patrocínio da Seat) participam as duas melhores equipas nacionais da época: Dramático de Cascais e CDUL, o campeão de Espanha (Ciências de Sevilha) e o actual 5.° classificado da 1.ª divisão inglesa (o Roselyn Park).

Futebol júnior na Costa do Estoril

Estoril, Benfica, Académica de Coimbra e Bétis de Sevilha (Espanha) participam no próximo fim-de-semana no 6.° torneio internacional de futebol júnior da Costa do Estoril. Nas anteriores edições da prova (organizada pelo departamento de futebol juvenil do Estoril-Praia) os quatro clubes já conheceram a vitória, tendo o Benfica ganho em duas realizações.

Colectividades

Lusitano de Évora tem nova chefia

Hernâni José Inglês é o novo presidente do Lusitano de Évora, sucedendo no cargo a Carlos Cunha. Os novos corpos gerentes do clube eborense integram, como presidentes da assembleia e do conselho fiscal, respectivamente, Manuel Joaquim Prates e Francisco António Simões.

Ao ser eleito para dirigir os destinos do Lusitano o Hernâni Inglês disse que *«a dimensão do clube é tão grande, que este tem que ser gerido de uma forma profissional».*

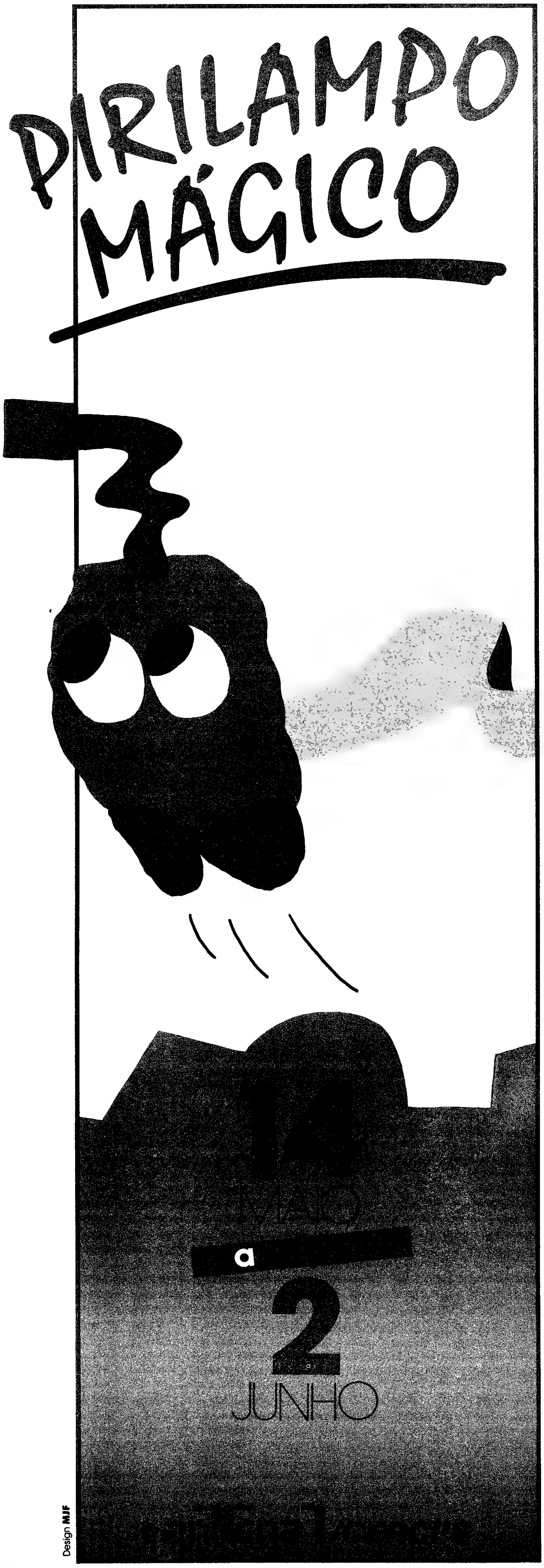
Para Manuel Prates, que continua a presidir à mesa da assembleia geral do clube, *«esta nova direcção é constituída por uma élite de lusitanistas, entre as muitas que a agremiação tem».*

A eleição dos novos corpos sociais daquele popular clube eborense surge após uma crise directiva, durante a qual a anterior gerência viu-se obrigada a prorrogar por duas vezes as suas funções, em virtude da inexistência de listas concorrentes àqueles cargos.

Belenenses agradece

A direcção da Lista D, eleita no passado dia 12 para o Clube de Futebol «Os Belenenses», remeteu-nos um telex *«agradecendo, reconhecida, toda a colaboração prestada pelo «DL» durante a campanha eleitoral».* O presidente substituto, Joaquim Cabrita, acrescenta: *«durante o nosso mandato, tudo faremos para que existam as melhores relações de trabalho».*

Nada nos deve o elenco comandado pelo major Ferreira de Matos ou o próprio Belenenses. O «DL» mantém, permanentemente, as suas colunas abertas a todos os clubes e direcções das colectividades onde o desporto é primordial razão de existência. Mas, registamos com todo o agrado este 1.° passo em frente da nova gerência resteliana.



AGENDA

I Série N.º 112
Dia 16 de Maio
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 152/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 203/86, de 23 de Julho, no sentido de reforçar o papel do Secretariado para a Modernização Administrativa no apoio à coordenação das inovações intersectoriais.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/90:
Declara a situação de calamidade pública, em diversas freguesias do Algarve, afectadas pelo temporal de 3 de Dezembro de 1989.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 153/90:
Estabelece as condições em que os militares da Guarda Fiscal podem ser dispensados do serviço. Revoga o Decreto n.º 78/77, de 28 de Maio.

Portaria n.º 377/90:
Aprova o Regime Cambial das Administrações Central, Local e Regional para 1990.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 378/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de director do Departamento de Administração Feral do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Mangualde. Revoga a Portaria n.º 224/90, de 26 de Março.

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 5/90/A:
Cria o Fundo Regional dos Transportes (FRT) em substituição do Fundo Regional dos Transportes Terrestres e cria a sua orgânica.

Decreto Legislativo Regional n.º 6/90/A:
Adita um n.º 5 ao artigo 14.º do Decreto Legislativo Regional n.º 28/88/A, de 23 de Julho, que cria o Conselho Regional de Concertação Social na Região Autónoma dos Açores.

Decreto Legislativo Regional n.º 7/90/A:
Fixa os limites máximos de velocidade para os veículos automóveis na Região Autónoma dos Açores.

N.º 107
Dia 10 de Maio

SUPLEMENTO

Assembleia da República

Lei n.º 13/90:
Alteração do Estatuto Orgânico de Macau.

N.º 99
Dia 30 de Abril

3.º SUPLEMENTO

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 10/90/M:
Aprova o Orçamento da Região Autónoma da Madeira para 1990.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado apresentando-se temporariamente muito nublado para a tarde com ocorrência de aguaceiros e trovoadas, em especial nas regiões do interior, e vento fraco.

Mar de pequena vaga ondulação Oeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: Céu geralmente pouco nublado apresentando períodos de muito nublado no interior Norte e Centro, durante a tarde, onde poderão ocorrer aguaceiros. Condições favoráveis à cocorrência de nevoeiros matinais. Vento fraco.

Depois de amanhã: Céu geralmente pouco nublado apresentando períodos de muito nublado na região Norte, podendo ocorrer aguaceiros no Nordeste Transmontano. Vento fraco. Pequena descida da temperatura e condições favoráveis à ocorrência de nevoeiros matinais.

MADEIRA

Céu com alguns períodos de muito nublado. Vento fraco variável.

Mar encrespado com ondulação Noroeste 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: Céu geralmente pouco nublado e vento Noroeste, em geral fraco.

Depois de amanhã: Céu geralmente pouco nublado e vento Norte fraco a moderado.

AÇORES

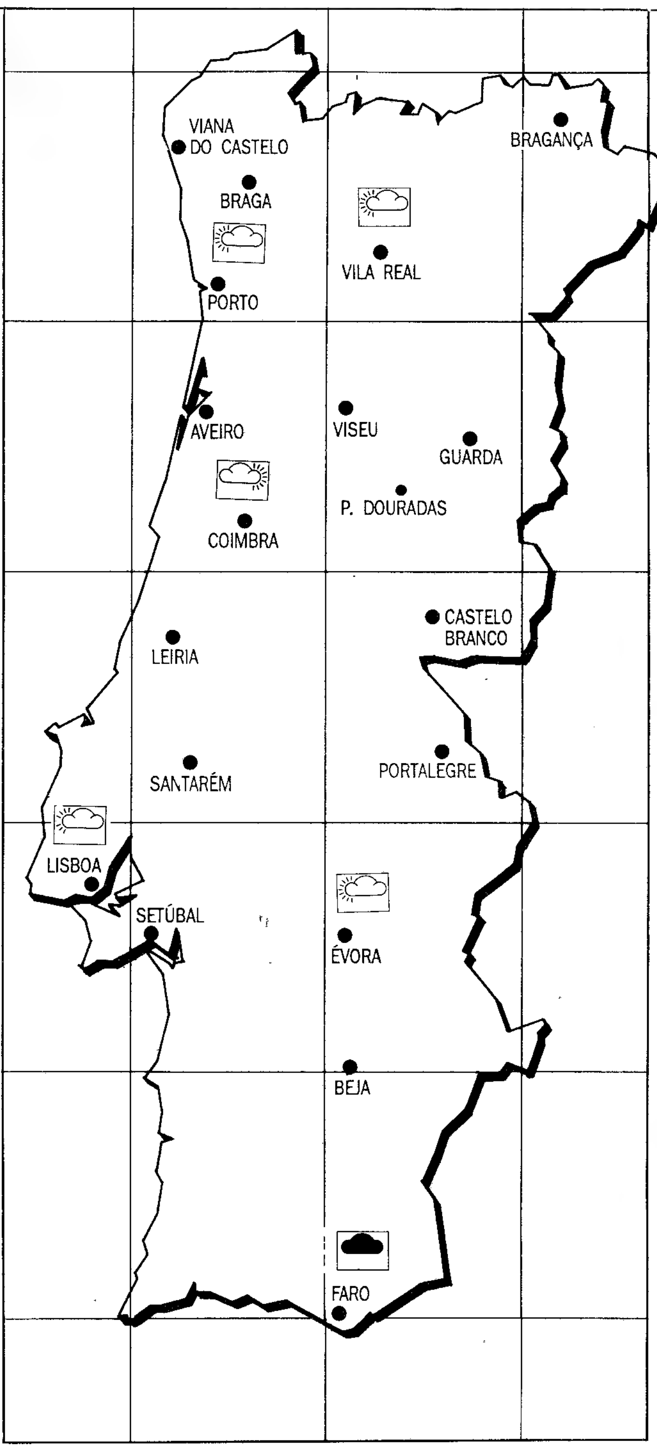
Todo o Arquipélago: Céu muito nublado alternando com abertas. Vento Noroeste moderado. Aguaceiros, mais frequentes no Grupo Oriental.

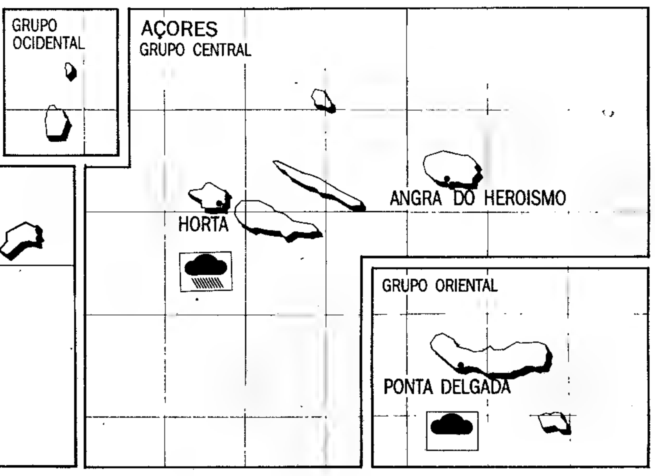
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

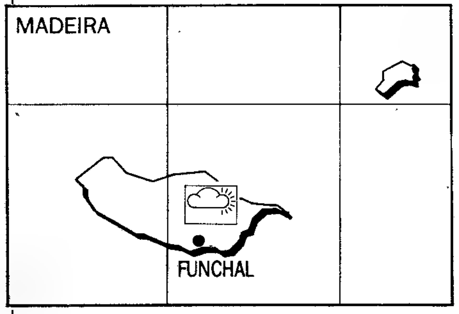
Amanhã: Céu muito nublado alternando com abertas. Vento Noroeste fraco a moderado.

Depois de amanhã: Vento Sul moderado e céu muito nublado, com chuva para o fim do dia no Grupo Ocidental e céu pouco nublado e vento fraco nos restantes grupos, tornando-se muito nublado no Grupo Central durante a tarde.Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste fraco ou moderado.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
08.08	2,8m	01.26	1,2m
20.24	3,0m	13.40	1,4m

Amanhã

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.07	2,8m	02.27	1,3m
21.27	3,0m	14.48	1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	10	12	M. nub.
V. Castelo	10	12	P. nub.
Vila Real	11	11	P. nub.
Porto	10	11	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	11	Neblina
C. Carvoeiro	16	16	Encoberto
C. Branco	14	14	P. nub.
Portalegre	16	18	P. nub.
Lisboa	13	13	P. nub.
Évora	13	13	P. nub.
Beja	12	12	P. nub.
Faro	15	15	M. nub.
Sagres	16	16	Encoberto
P. Delgada	14	15	M. nub.
Horta	13	14	Aguaceiros
Funchal	16	16	P. nub.

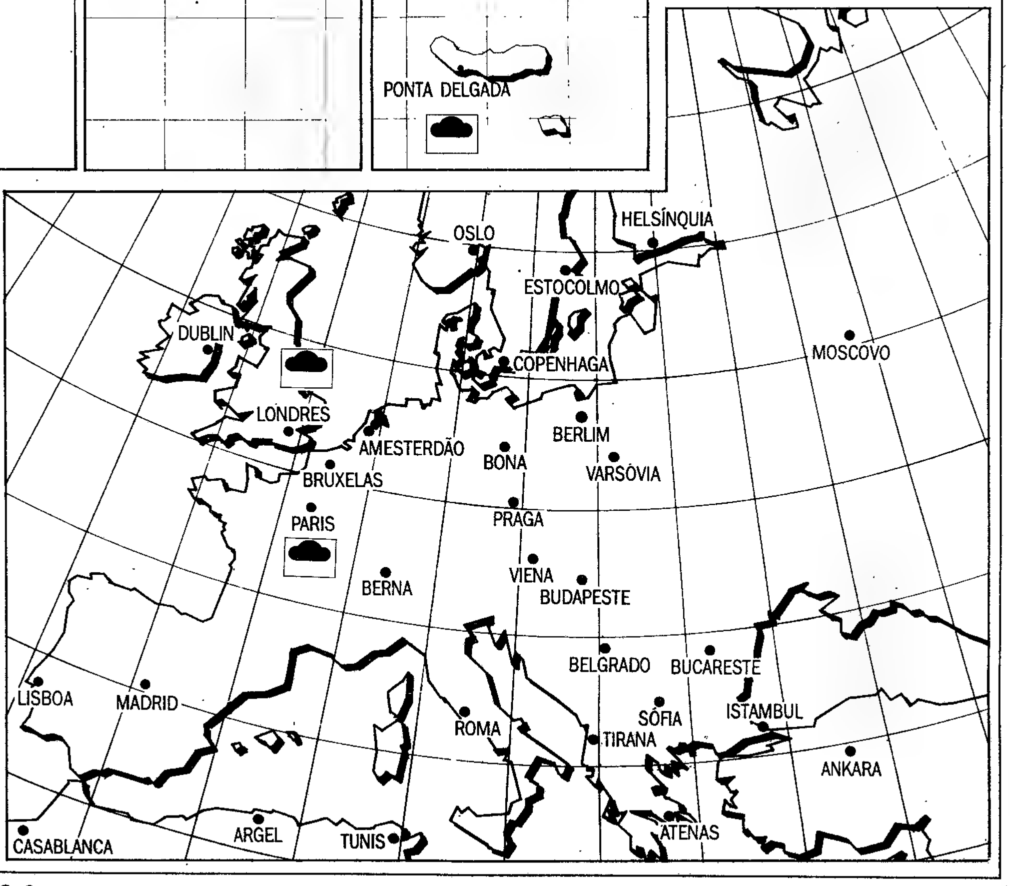
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 22; Porto, 20; Faro, 23; P. Delgada, 18; Funchal, 23.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	10	11	M. nub.
Londres	11	12	M. nub.
Paris	13	13	P. nub.
Bruxelas	11	13	M. nub.
Amesterdão	11	14	P. nub.
Genebra	14	14	M. nub.
Roma	12	15	Neblina
Oslo	10	10	Encoberto
Copenhaga	7	12	Chuva
Estocolmo	8	8	Encoberto
Berlim	10	12	M. nub.
Viena	10	15	P. nub.
Varsóvia	5	12	P. nub.
Atenas	19	22	Limpo
Moscovo	11	11	Aguaceiros

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	15	27	Aguaceiros
Houston	22	30	Encoberto
Los Angeles	14	20	Encoberto
Montreal	12	21	Chuva
Nova Iorque	14	23	Aguaceiros
S. Francisco	8	18	P. nub.
Toronto	14	26	Chuva
Vancover	8	15	P. nub.
Washington	18	28	Trovoada
Hong Kong	23	30	Neblina
Melbourne	8	11	Aguaceiros
Pequim	16	30	Encoberto
Perth	10	21	Chuva
Singapura	27	33	Neblina
Sydney	12	21	Chuviscos
Tóquio	18	25	Chuva
Wellington	9	17	Encoberto



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72- 74, Tel. 661010 ; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A.

REFORÇO

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Branda - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972530. Permanente; **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Os autocarros vão deixar passar o trânsito

A Onde Verde, que se espera venha trazer benefício decisivo para o tão castigado trânsito automóvel da capital, entrou em execução. Os autocarros da Carris vão deixar passar os automóveis. Trata-se ainda de um débil começo de execução do plano da Câmara Municipal que nos fará circular, motorizadamente, a 50 quilómetros horários, em 1972...

Tipógrafos dos diários: descanso aos domingos

O descanso uniforme ao domingo e um substancial aumento de salários contam-se entre as principais cláusulas reivindicadas pelos profissionais de artes gráficas no âmbito do projecto de revisão do contrato colectivo, cujo exame ocupou, ontem à noite, mais de 100 profissionais dos quadros de vários jornais de Lisboa.

Liz Taylor hospitalizada

A famosa estrela de cinema Elizabeth Taylor (38 anos) dará entrada amanhã no Hospital dos Cedros do Líbano (Hollywood), a fim de ser submetida a uma «operação cirúrgica», segundo revelou um informador daquele estabelecimento hospitalar.

EFEMÉRIDES

1974

• Toma posse o Primeiro Governo Provisório português depois da Revolução de 25 de Abril, presidindo ao Executivo o professor Adelino da Palma Carlos.

1977

• A Universidade Católica Portuguesa atribui ao cardeal D. Humberto de Medeiros, arcebispo de Boston, o grau de doutor «honoris causa», a primeira distinção do género que concede.

1980

• O Presidente da República portuguesa, general Ramalho Eanes, é recebido no Vaticano, em visita de estado, efectuada a convite do Papa João Paulo II.

1982

• O Parlamento jugoslavo elege, pela primeira vez, uma mulher para o cargo de primeiro-ministro. Trata-se de Milka Planino.

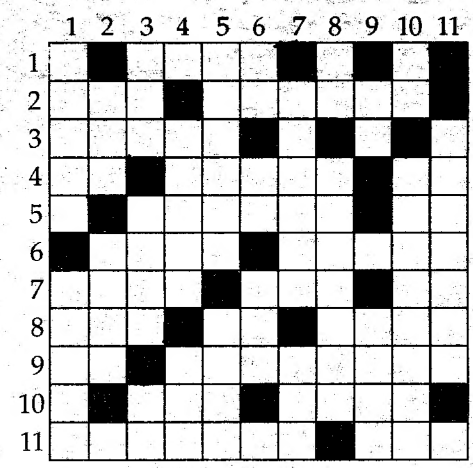
1985

• Um estudo médico divulgado em Lisboa revela que o duplo emprego constitui uma das principais causas da mortalidade masculina em Portugal.

1986

• Num colóquio realizado em Lisboa, revela-se que cerca de 19 mil famílias tratam mal as crianças, quer física quer psiquicamente quer, ainda, por negligência.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17919

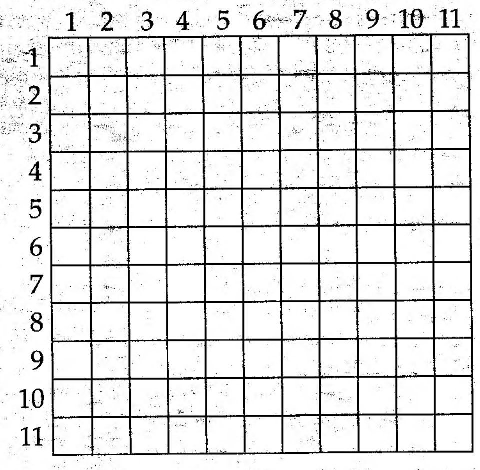
HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Paixão. Conjunção. Artigo definido.
2 - Ilha do estado da Baía. Batam.
3 - Amofinai.
4 - Preposição e artigo. Tratas por tu. Utensílio doméstico.
5 - Limpara metais. Antes do meio-dia.
6 - Grandes. Prendera com elos.
7 - Nome comum de qualquer guisado ou ensopado. Patrão. Crómio (s.q.).
8 - Pronome pessoal. Cento e um em romano. Triturai.
9 - Seguia. Fatigaria.
10 - Nome de homem. Costumar.
11 - Prepararas com ópio. Solitários.

VERTICAIS:

1 - Dás oiro a. Estado que tem por soberano um rei.
2 - Cabo na costa de Marrocos. Pompa.
3 - Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Rio de Espanha afluente do Aragão. Zomba.
4 - Cidade da Suíça. Planta apocinácea cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas.
5 - Inflamação do ouvido (pl.). Tombar.
6 - Letra grega. O mesmo que uma (ant. e pop.). Rio de França.
7 - Tencionam. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
8 - Európio (s.q.). Rei dos israelitas filho de David e Betsabé.
9 - Pronome pessoal. Rezes.
10 - Grande ribeira da Ásia Russa. Sócio.
11 - Antiga capital do reino de Israel.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16729

HORIZONTAIS:

1 - Antiga capital da Judeia.
2 - Cidade de França. Aperfeiçoara.
3 - Região da África antiga entre Cartago e a Mauritânia. Título honorífico na Índia.
4 - Seguia. Cento e um em romano. Escavais.
5 - Cidade da Galileia. Preposição e artigo (pl.).
6 - Denunciaram.
7 - Sufixo que designa estado. Mártir que era venerado na Península Ibérica já nos tempos dos moçárabes.
8 - Artigo. Desenrugo.
9 - Irritamos.
10 - Ilha do território do Amapá (Bras.). Sentidas condolências.
11 - Apagas. Pouco ouro no meio de material mineiro de nenhum valor (Bras.).

VERTICAIS:

1 - Cidade da Grécia, ao N. do Epiro. Medida de líquidos da Holanda, Alemanha e Suíça.
2 - Embriaguez (pop.). Fêmeas do corço.
3 - Coisa (ant.). Endurecera.
4 - Exclusivas. Nome dado desde 1918 às forças aéreas inglesas.
5 - Estado da Europa setentrional ao N. da Alemanha.
6 - Naquele lugar. Arara. Colina na Suécia.
7 - Capital do dep. do Ródano. Gostam muito de.
8 - Preposição. Homens estúpidos.
9 - Serra de Portugal. Pessoa que fala muito.
10 - Tempo do verbo ir. Pertences.
11 - Reino da Federação Indochinesa. Capital da Noruega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 918

HORIZONTAIS: 1 - NINGUÉM. É. 2 - Ora. Amigara. 3 - Matai Rã. Ir. 4 - Dar. Sátira. 5 - Pola. Uro. Id. 6 - Boa. Ao. 7 - Ornem. SSS. 8 - Asilem. 9 - Eis. Teremos. 10 - Traça. Risco. 11 - Aal. Sião. Al.
VERTICAIS: 1 - Nom. PROFETA. 2 - Irado. Ira. 3 - Natal. Nasal. 4 - Árabes. 5 - Uai! Omitas. 6 - EM. SUA. Lê. 7 - Mirar. TERRA. 8 - Gatow. Meio. 9 - Ea. Ms. 10 - Ririas. Oca. 11 - Parados. Sol.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 728

HORIZONTAIS: 1 - Andaluzia. 2 - Narva. Ética. 3 - Doais. Lesar. 4 - Mastim. To. 5 - Arara. Val. 6 - Na. III. Cela. 7 - Erra. EC. Nus. 8 - Câmara. Ne. 9 - Calos. Senha. 10 - Arosa. Pioas. 11 - Mau. Ruas.
VERTICAIS: 1 - Andenne. Cam. 2 - Não. Arcara. 3 - Drama. Ralou. 4 - Aviaríamos. 5 - Lassai. Asar. 6 - Trier. 7 - Zélia. Caspa. 8 - Item. Eis. 9 - Ais. Veneno. 10 - Catalunha. 11 - Carolas. Asi.

PROVÉRBIO: NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
Filme de Costa Gravas
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
BOMBEIROS DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O REGRESSO DOS MORTOS VIVOS
Filme de Dan Obannon
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
PACTO ALUCINANTE
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

ESTÚDIO SHEZA
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONCURSO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
THE NINTH COMMANDMENT
Filme de Frank Borzage, às 18.30
AS YOUNG AS YOU FEEL
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2
FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ONDE MORREM OS VALENTES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LINHA QUENTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
OS CAÇA MONSTROS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridani
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuyten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLACK - MISSÃO DROGA
Filme de Frank Patterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
BORRACHOS E BORRACHONOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado -T. 2905011
Sala 1
CRIANÇA ADORÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30
Sala 2
LIMPO E SOBRIO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
VALMONT
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841744
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
Sala 2
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
Sala 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45
Sala 2
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

TRIBUNAL DO TRABALHO DO BARREIRO
ANÚNCIO

O Doutor José Maria Ferreira Lopes, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho do Barreiro.

Faz saber que por sentença de 13/3/90, proferida na acção com processo ORDINÁRIO N.º 89/82, pendente na 1.ª secção deste Tribunal, movida por MARIA DAS RELÍQUIAS PRAÇA MORENO OLIVEIRA E OUTRA JOAQUINA LUÍSA CORREIA contra a Ré CORTICEIROS INTERMUNDO, LDA., actualmente em parte incerta e com última residência conhecida no Complexo do Paço do Lumiar — Qt.ª do Serrano Azinhaga das Travessas, 160 — 1600 LISBOA, foi esta condenada a pagar àquelas a quantia de 240 693$00 (Duzentos e quarenta mil seiscentos e noventa e três escudos) à autora Maria das Relíquias Praça Moreno Oliveira e 377 125$00 (trezentos e setenta e sete mil cento e vinte e cinco escudos) à autora Joaquina Luísa Correia, devendo no prazo de trinta dias, finda que seja a dilação de trinta dias a contar da data da afixação do último edital, juntar aos autos documento comprovativo da extinção da dívida, nos termos do art.º 71.º do Código Processo de Trabalho.

Barreiro, 26 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito
as.) José Maria Ferreira Lopes
A escrivã adjunta interina
as.) M.ª Isabel Cruz Galvão

«DL» — 16/5/90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA
4.º JUÍZO
ANÚNCIO

Faz-se saber que nos autos de Acção Sumária pendentes na 2.ª secção deste Juízo com o n.º 56/88 que os autores Carlos Nunes da Costa Bica e mulher, residentes na Praça do Movimento das Forças Armadas, 5-10.º e Boete Nunes da Costa e marido, residentes na Praça S. João Batista, 3, 9.º Dt.º, todos da cidade de Almada, movem aos réus Guilherme de Oliveira Mira, mulher e outros, são desta forma citados os chamados, OFÉLIA FILIPA DE MORAIS, divorciada, com última residência conhecida na Rua Rodrigues de Freitas, 2, 3.º Esq.º e MARIA DA GLÓRIA DA CONCEIÇÃO BICA e marido ARMANDO ANDRADE DOS SANTOS, com última residência conhecida na Rua 7 de Junho de 1755, n.º 4, todos de Oeiras, para, no prazo de dez dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do anúncio, virem à acção cujos duplicados dos articulados já oferecidos se encontram à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, na qual foi requerida pelos autores a sua intervenção como parte principal, apresentarem os seus articulados ou fazerem seus os articulados da parte a que devem associar-se.

Leiria, 30 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
António Joaquim Piçarra
O Escrivão Adjunto,
(assinatura ilegível)

«DL» — 1.ª Pub. 16/5/90

VIDEOPAX, LDA.

Clube de Vídeo por correspondência.
Temos 2000 Filmes à sua disposição.
Aluguer e venda directa.
— Solicite Catálogo —
Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214. Telefone 54 05 32 —
1000 LISBOA.

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

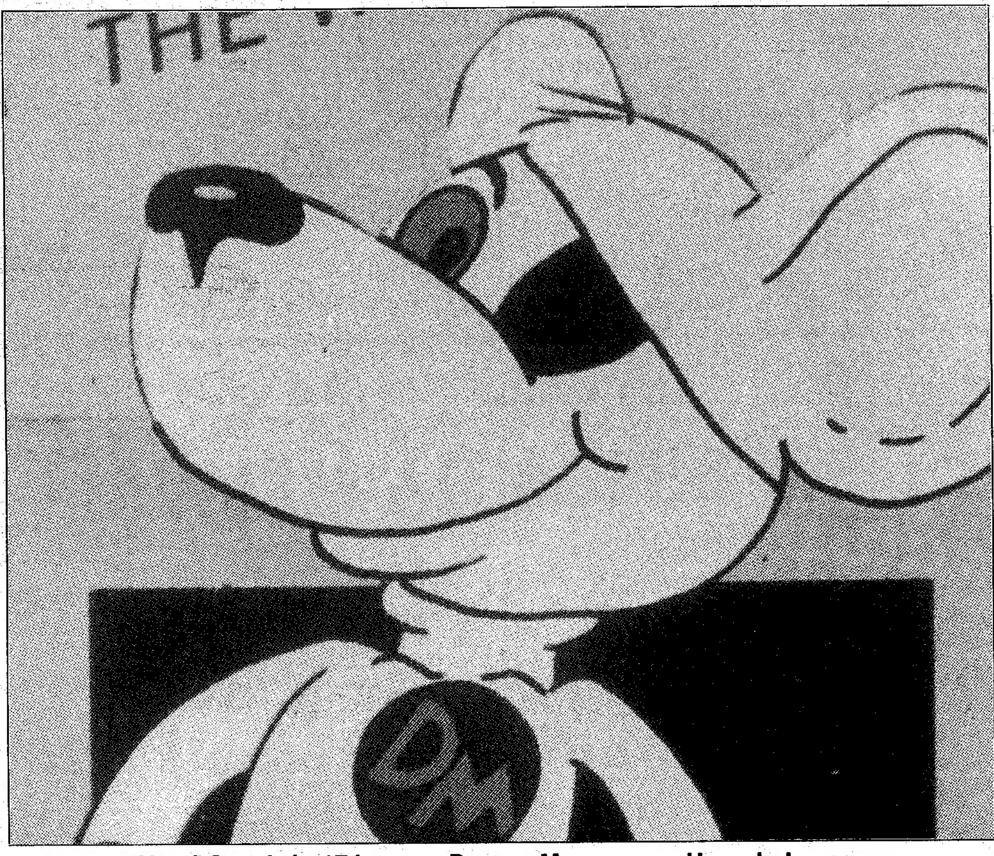
Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao Vivo.

Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO



No 1º Canal, ás 17 horas, «Danger Mouse» na «Hora do Lecas»

HOJE

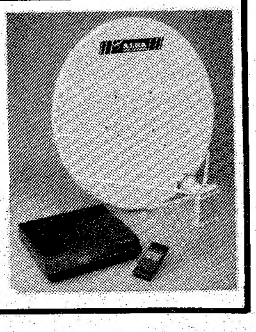
RTP-1

15.40 - MATINÉE: «TOTÓ DESCEU À CIDADE»
Um filme de Carlo Ludovico Bragaglia (Itália, 1949), com Totó, Gianna Maria Canale, Carla Caló, Franca Marzi e Elena Altieri. «Totó Desceu à Cidade» é uma divertida variação sobre a intriga do filme de Duvivier, desta vez tendo por centro um pobre músico de Nápoles que julga ter concretizado o seu sonho de sempre (uma banda musical), mas de quem se espera, na verdade, que prolongue a "herança" de um perigoso gangster. O verdadeiro motor da acção é Totó e a sua espantosa versatilidade.
17.00 - A HORA DO LECAS
18.05 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
8º episódio
18.40 - JOGO DE CARTAS
19.00 - TELEJORNAL
19.25 - FUTEBOL
Fiorentina-Juventus para a final da Taça UEFA. No intervalo, a Bolsa e o Tempo.
21.25 - VALE TUDO
113º episódio
22.25 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
22.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Chamada para a Morte»: um filme de Alfred Hitchcock (EUA, 1954), com Ray Milland e Grace Kelly. Baseando-se numa peça teatral de Frederick Knott, «Chamada para a Morte» é um filme praticamente de um só décor, sem que ao fim de quase hora e meia de projecção ninguém tenha dado pela presença sufocante de um único espaço, tal é a prodigiosa construção cinematográfica de Hitchcock, que nem sequer se sujeitou de forma significativa ao processo técnico das três dimensões, o chamado cinema em relevo, que geralmente aponta para uma encenação que leva tudo a reboque do efeito de choque. Excepção para a célebre cena da morte de Dawson com a tesoura cravada nas costas.
00.55 - 24 HORAS
01.10 - UM DIA...
Com António Saguer
01.15 - REMATE
01.25 - CARTAS DE HUMOR
48º programa, com Maria Adelina

RTP-2

16.40 - O LICEU DEGRASSI
4º episódio
17.10 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
17.40 - OS TRÊS PASTORINHOS
1º episódio de uma série na qual se relata a história dos três videntes de Fátima: Lúcia, Jacinta e Francisco. Fotos e imagens recolhidas nos próprios locais por uma equipa dirigida pelo realizador Ruy Ferrão tentam reconstituir com fidelidade os acontecimentos da altura. Entre os diversos testemunhos, conta-se o do cocheiro que transportou os três pastorinhos até à prisão em Vila Nova de Ourém.
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
105º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
«Reviver o Passado em Brideshead»
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O RISO DE CAIM
22.25 - SÉCULO XX
«Os alemães na II Guerra Mundial»
23.25 - BOBBY MCFERIN

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - ANIMAIS
14.45 - PONTO POR PONTO
15.45 - MATINÉE
17.30 - A HORA DO LECAS
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - NOME DE CÓDIGO KYRIL
22.15 - CONVERSAS VADIAS
22.40 - MURPHY BROWN
23.10 - 24 HORAS
23.40 - UM DIA...
23.45 - REMATE
23.55 - CARTAS DE HUMOR

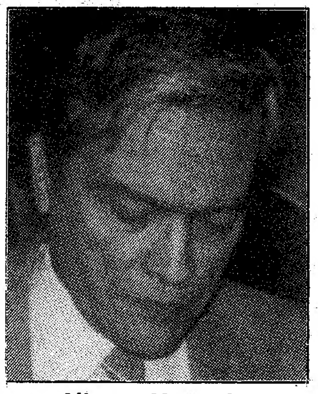
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA, ESCOLHA!
16.25 - OS CENTURIÕES
16.50 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEIRENSE
17.20 - OS DESAFIOS DA LEI
18.15 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - HORA DA VERDADE
22.55 - 5ª DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

«Não faz sentido político o PSD disputar a eleição presidencial com Soares»

António Capucho, «O Diabo», 15.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Alberto Nogueira
serviços do totoloto

Como vai ser a festa do totoloto, marcada para o próximo sábado?

«A Eurovisão vai transmitir os sorteios do loto de sete países —Portugal, Espanha, França, Irlanda, Itália, Suíça e Bélgica — inseridos num espectáculo de variedades que tem lugar em Paris. Trata-se de uma organização do loto francês, em colaboração com a RTF. Os prémios atribuídos por cada sorteio não sofrerão nenhuma alteração. No entanto, está previsto um concurso extraordinário, que os franceses denominaram de 'Fil Rouge' e a que nós chamámos 'Telefone da Sorte' e que consiste no seguinte: à medida que a transmissão vai decorrendo, serão indicado seis números que formam uma data. As pessoas nascidas nessa data podem telefonar para a RTP (no caso de Portugal) e os cinco primeiros a telefonarem em cada um dos países ficam habilitados a um prémio de 7 mil ecu, o equivalente a 1200 contos. Quanto ao totoloto português, a única alteração prevista é o aumento dos números — de 47 para 49 — que visa aumentar as probabilidades da formação de *jackpots*.»

MEDIA

Depois do malogrado diário de circulação europeia, muito publicitado em 1988, eis que surge o primeiro jornal de vocação especificamente internacional. Chama-se «The European» e pretende ser o semanário do Velho Continente

«Leitores de toda a Europa uni-vos»

O dia 11 de Maio de 1990 ficará recordado na história da Imprensa como a data em que foi lançado o primeiro semanário europeu, «The European». A iniciativa, levada a cabo pelo magnata da comunicação social britância, Robert Maxwell, vem na sequência da publicação, em 1988, de um diário com o mesmo título que acabou por sair para as bancas apenas uma vez. A participação portuguesa naquele diário estava a cargo do «Diário de Notícias», que distribuiu, no nosso país, o único número editado, mas que, entretanto, se desligou do projecto.

THE EUROPEAN

PLEA FOR RESPECT

FILM FANS IN CANNES

TEENAGE PRODIGY

ON YOUR MARKS

One money for Europe

West Germans to fund Soviet occupation costs

Maxwell, proprietário do grupo Mirror Group Newspapers e da televisão por satélite BSB, tem um interesse de tal modo especial por este jornal, que é, ele próprio, o seu editor e redactor-chefe. «Eu sou 'The European'», declarou, durante lançamento o do primeiro número.

Sedeado em Londres, impresso simultaneamente na Grã-Bretanha, em França e na República Federal da Alemanha, e distribuído em 29 países, o novo semanário teve uma tiragem de lançamento de um milhão de exemplares, estando previsto que a circulação normal ronde os 225 mil exemplares. Um número que levanta alguns cepticismos entre os analistas do sector, convictos de que, com vendas semanais inferiores a 300 mil cópias, o jornal não terá viabilidade económica. Na verdade, o investimento inicial é impressionante: cerca de 13 milhões de contos.

Considerando que o fim do século XX pertence à Europa, Robert Maxwell define o seu jornal como um instrumento de defesa da causa da unidade europeia.

No editorial deste primeiro número, o magnata britânico afirma: «Estamos com os políticos, empresários, sindicalistas e outros líderes que acreditam nesta causa. Estamos contra aqueles políticos que negam esse ideal ou que o apoiam com falsas palavras, ao mesmo tempo que perseguem uma 'grandeza' nacional.»

Inteiramente escrito em inglês (o que contraria o projecto inical, em que figurariam várias línguas europeias), «The European» apresenta dois cadernos de formato *standart*, com 16 páginas cada — um dedicado à informação geral e outro à economia e desporto — e ainda um terceiro, de formato tabelóide, sobre temas relacionados com a cultura, as viagens e a moda, o que perfaz um total de 64 páginas.

Honrando o título, «The European» dedica a manchete da sua primeira edição à união monetária europeia: «Uma moeda para a Europa» é a frase em destaque. Ainda na primeira página, é apresentada uma sondagem relativa às preferências dos europeus caso fossem chamados a escolher um presidente para o Velho Continente. Curiosamente, o líder soviético Mikail Gorbachev aparece à frente, em lugar destacado, enquanto Mário Soares não surge sequer como candidato.

Na verdade, o Presidente português apenas é citado nos depoimentos de boas-vindas pedidos a vários dirigentes europeus. Na sua mensagem, Mário Soares afirma: «Quando começam a surgir dúvidas acerca da necessidade de uma maior unidade na Europa, é importante que apareça um jornal como este para apoiar o fortalecimento dos laços entre os doze membros da Comunidade.»

À excepção deste depoimento, «The European» não publica qualquer artigo ou referência ao nosso país, apresentando uma larga preferência pelas notícias relativas ao Leste.

D.S.

meteorologia

O sentimento de um Woody Allen

O sentimento do sublime podia não se aplicar, pela visão imediatista, ao último filme de Woody Allen «*Crimes e escapadelas*». Algo como inútil, algo como cómico mal avaliado podia enganar nesse filme «denso e grave», nas justas palavras de João Lopes.

Três níveis, três planos em permanente cruzamento, recorrência, simbiose mental e finalmente no encontro final, decisivo que não decide muito, reconhecemo-los já pelo uso dos temas musicais, a saber:

a) Schubert, o quarteto ou quinteto familiarizado com a morte e agonia;

b) jazz dos antigos, da América minoritária;

c) música de cinema de Hollywood, a cinefilia.

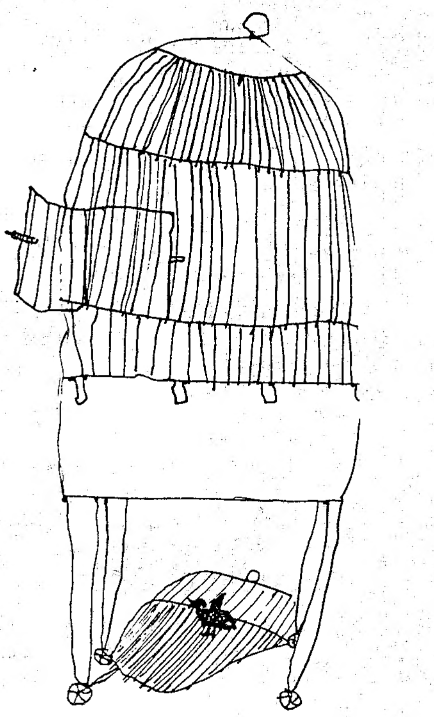
Trindade: Morte — América — Cinema; a ordem é arbitrária.

*****

Filme judeu como filosofia, como metafísica, como culpabilidade do Antigo Testamento, como rito, como humor que é de origem trágica ou não é.

Filme neurótico: o romântico de ontem é o neurótico de hoje. O Lamartine ou Puchkin ou Byron ou Novalis, Almeida Garrett (?), seriam hoje os clientes de vários divãs.

Woody Allen, pela sua fidelidade a si próprio, pelo pudor até de ter pudor, pela discrição excêntrica, camuflada, merece a duplificação dos *ós* e *éles* no seu nome adoptado.



Também ele é duplo e múLtiplo, como as personagens de Joyce, como as personagens de Pessoa que são ele próprio, como os mudos de Beckett que esqueceram o nome.

Filme marcado, estigmatizado, ferido, de morte distribuída, quase alegre, subtil. Filme bom. Por causa disso lhe falta o público?

Jorge Listopad

Quinta-feira no
Diário de Lisboa
O PCP em vésperas de congresso
Eutanásia: como a viam as antigas civilizações
A crónica de Francesco Alberoni

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75